



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA E PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: AQUISIÇÃO, APRENDIZAGEM E ENSINO DE LÍNGUAS**

ADRIANO LUIZ RIBEIRO DE FREITAS

**A *LIAISON* COMO FENÔMENO FONÉTICO-FONOLÓGICO E SUAS
IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS E DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO
FRANCÊS**

RIO GRANDE

2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA E PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: AQUISIÇÃO, APRENDIZAGEM E ENSINO DE LÍNGUAS**

**A *LIAISON* COMO FENÔMENO FONÉTICO-FONOLÓGICO E SUAS
IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS E DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO
FRANCÊS**

AUTOR: Adriano Luiz Ribeiro de Freitas

ORIENTADOR: Prof. Dr. Valter Henrique de Castro Fritsch

**Dissertação de mestrado em Estudos da
Linguagem submetida ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade
Federal do Rio Grande como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Letras.**

RIO GRANDE

2020

Ficha Catalográfica

F886I Freitas, Adriano Luiz Ribeiro de.
A *Liaison* como fenômeno fonético-fonológico e suas implicações socioculturais e de ensino e aprendizagem do Francês / Adriano Luiz Ribeiro de Freitas. – 2020.
125 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2020.

Orientador: Dr. Valter Henrique de Castro Fritsch.

1. *Liaison* 2. Língua Estrangeira 3. Oralidade 4. Língua Francesa
5. Ensino I. Fritsch, Valter Henrique de Castro II. Título.

CDU 37:811.133.1

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à CAPES que me concedeu auxílio financeiro essencial para a realização desta pesquisa de mestrado.

Aos meus muitos alunos que, sem nomeá-los, aqui, de forma individual contribuíram para minha formação como professor de língua estrangeira e como pessoa, através de um contínuo intercâmbio de ideias, reflexões, trocas de conhecimentos e experiências.

Ao Centro de Ensino de Línguas Estrangeiras da FURG que foi o espaço que me abrigou e oportunizou inúmeros momentos de partilha com os alunos e valiosas reflexões sobre ensino e aprendizagem de línguas, levando em conta a cooperação entre professor e alunos, numa incansável e incessante jornada de construir-se e desconstruir-se.

Aos meus amigos e amigas que, em momento muito árduos, em que precisei ausentar-me ou conversar, desabafar ou procurar arrimo, souberam oferecer incentivo e palavras de apoio e, desta forma, acreditaram no meu trabalho e na minha capacidade, apesar dos percalços existentes em todo o caminho de qualquer um de nós.

À memória de minha saudosa mãe que, com certeza, estaria exultante e orgulhosa de seu sempre amado filho. A lembrança de sua ausência será eterna e as saudades, hoje, transformaram-se em doçura e afago por meio das memórias que preservo.

A todos os professores e professoras da FURG que de um modo ou de outro me incentivaram, ensinaram, foram exemplos a serem seguidos e mantiveram a chama da esperança e do verbo esperar acesa dentro do meu coração, apesar das dificuldades e de tempos não tão bons que, agora, apagam-se com novos caminhos e com o fio do tempo.

À FURG, minha sempre segunda casa, lugar de que é impossível falar de minha biografia sem se referir, pois faz parte de minha vida, de minhas escolhas profissionais e que terá meu agradecimento e estima infinitos.

Por fim, agradeço grandemente ao professor Valter, meu orientador, pela acolhida depois da tempestade, pelo incentivo e palavras de conforto que reanimaram e esperançaram a execução deste trabalho fruto de anos de fazer docente e de reflexões sobre o ensino de línguas.

Ce n'est pas toujours évident de nager dans une nouvelle mer : il faut pouvoir en saisir le mouvement et l'amplitude des vagues avant d'y plonger. Nous sommes habitués au rythme et à la mélodie de notre langue maternelle et nous pouvons craindre une mer qui présente un autre type de vagues, d'autres couleurs et une autre saveur salée ...

Nem sempre é fácil nadar num novo mar: é necessário que conheçamos o movimento e amplitude das ondas antes de mergulhar. Estamos acostumados com o ritmo e a melodia de nossa língua maternal e, assim, podemos temer um outro mar que nos apresente diferentes ondas, com diferentes cores e com um outro sabor salgado...

BRIET et al., 2014

RESUMO

O presente trabalho surge da experiência docente com o ensino de Francês Língua Estrangeira (FLE) no Centro de Ensino de Línguas Estrangeiras (CELE) da FURG, durante seis anos, bem como do ensino desta língua por mais de vinte anos em escolas de idiomas em Rio Grande e Pelotas e do contato com as comunidades de senegaleses haitianos a quem ensinei Português como Língua Estrangeira (PLE) e, assim, pude refletir sobre ensino e aprendizagem de línguas e aspectos culturais e sociais envolvidos no processo aquisição de um língua estrangeira. A partir das inquietações e dúvidas recorrentes de meus alunos, percebi a relevância dos aspectos fonético-fonológicos do francês que eram trabalhados em sala de aula. Assim, a *liaison*, em particular, fenômeno da oralidade da língua francesa, que ocorre na fronteira entre palavras contíguas, promovendo a ressilabificação, despertou meu interesse de estudo, pois observei que os aprendizes de FLE apresentavam incompreensão dos contextos de realização do fenômeno por não dominarem as regras de uso do mesmo e, também, por generalizarem a regra geral de que uma consoante muda deve ser pronunciada sempre que houver confronto com um som vocálico na cadeia prosódica. A *liaison* apresenta vários contextos de realização desde motivações puramente linguísticas (fonológicas, morfossintáticas e pragmáticas) até aquelas de natureza extralinguística como a historicidade do francês e os aspectos individuais de uso da língua na oralidade, os quais variam diacronicamente e segundo aspectos diafásicos que ocorrem em diferentes contextos como, por exemplo, fatores estilísticos e sociais de uso, como se evidencia nas *liaisons* facultativas. Para tanto, foram analisados materiais didáticos de ensino de FLE quanto a sua abordagem do fenômeno estudo, a maneira como a fonologia do francês era apresentada ao aprendiz e com que recorrência o estudo da *liaison* aparecia nos manuais de ensino. Por fim, este estudo tem por interesse ressaltar a importância do ensino dos aspectos fonético-fonológicos do francês, tanto em escolas de idiomas com a finalidade de diminuir a estigmatização do falante de língua estrangeira quando do não emprego da *liaison*, especialmente em se tratando de contexto obrigatório, promover a percepção do fenômeno fonológico por parte alunos e, deste modo, maximizar a competência comunicativa dos aprendizes e de estudante universitários durante sua formação como futuros docentes de FLE, capacitando-os a atuarem como replicadores ao transporem didaticamente em suas práticas docentes tal abordagem característica da oralidade da língua francesa.

Palavras-chave: *liaison*; língua estrangeira; oralidade; língua francesa; ensino.

ABSTRACT

The present work arises from the teaching experience with French as a Foreign Language at the Foreign Language Teaching Center of Federal University of Rio Grande for six years, as well as from the teaching of this language for more than twenty years in private language schools in Rio Grande and Pelotas and from the contact with Haitian and Senegalese communities to whom I taught Portuguese as Foreign Language and, thus, I was able to ponder on language teaching and learning as well as the cultural and the social aspects involved in the process of foreign language acquisition. Based on the repeated concerns and doubts from learners, I have realized the importance of the phonetic-phonological aspects of French language studied in class. Thus, I was particularly interested in studying the *liaison*, a phenomenon of French language speaking, which occurs at the border between two attached words, promoting consequent new syllable development. I have observed that French learners presented misunderstanding of the contexts in which the phenomenon was carried out because they master the liaison general rule and also by generalizing the general rule that a silent consonant must be pronounced whenever there is a confrontation with a vowel sound in the prosodic chain. *Liaison* presents several contexts of achievement, from that purely linguistic motivations as phonological, morphosyntactic and pragmatic contexts to those according to extralinguistic reasons such as the historicity of French language and the individual aspects of language use when in personal speaking, which vary in agreement with diachrony and speaker's personal aspects that occur in different contexts such as stylistic and social factors of language use, as evidenced in the optional *liaisons*. For this purpose, teaching materials of French were analyzed besides its approach of the phenomenon studied, as well as the way the phonology of French was presented to the foreign language student and how often *liaison* appeared in the teaching books. Finally, this study aims to emphasize the importance of teaching the phonetic-phonological aspects of French, both in private language schools in order to reduce the stigmatization of the foreign language learners when not using *liaison*, especially in the case of mandatory context. Furthermore, it is our purpose promoting the perception of the phonological phenomenon by students and, thus, enhance the communicative competence of usual language learners and university students during their way to become French teachers, enabling them to act as replicatory agents when teaching French during their practices as a characteristic of the speaking French.

Keywords: *liaison*; foreign language; speaking; French language; teaching.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO FENÔMENO	18
1.1	A <i>liaison</i> na língua francesa	18
1.2	Aspectos históricos da <i>liaison</i>	24
1.3	A categorização da <i>liaison</i> em língua francesa	28
1.4	A <i>liaison</i> e seus contextos linguísticos de realização	32
1.5	A categoria especial de falsa <i>liaison</i> <i>pataquès</i>	36
1.6	A falsa <i>liaison</i> motivada pelo processo de aquisição da LM	37
1.7	O uso da falsa <i>liaison</i> entre aprendizes de FLE	40
1.8	Similaridades entre francês, inglês e português	45
1.9	A <i>liaison</i> e as fonologias lexical e prosódica	47
2	MOTIVAÇÕES PARA OCORRÊNCIA DA <i>LIAISON</i> NA ORALIDADE DO FRANCÊS	49
2.1	Fatores extralinguísticos: históricos e socioculturais	50
2.2	Fatores linguísticos da <i>liaison</i> : fonológicos, morfológicos e sintáticos	54
2.2.1	Fatores fonológicos	55
2.2.2	Fatores morfológicos da <i>liaison</i>	66
2.2.3	Fatores sintáticos da <i>liaison</i>	70
2.3	Visão geral sobre a <i>liaison</i> segundo Joan Bybee	76
3	ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO DE LÍNGUA FRANCESA	80
3.1	Língua e linguagem: natureza epistemológica e conceptualização	80
3.2	O Quadro Comum Europeu para Línguas e o nível A1	88
3.3	Considerações sobre os livros didáticos Alter Ego+ A1 e Cosmopolite A1	91
3.3.1	Apresentação do livro didático Alter Ego+ A1	92
3.3.2	Apresentação do livro didático Cosmopolite A1	97
3.4	Considerações sobre os aspectos fonéticos-fonológicos no livro didático	103
	CONCLUSÃO	112
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
	ANEXOS	120

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce, diria de forma mais contundente, irrompe de uma longa trajetória de mais de 20 anos de ensino de línguas estrangeiras em escolas de idiomas na cidade de Rio Grande e Pelotas e, principalmente, no Centro de Ensino de Línguas Estrangeiras (CELE) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), ambientes a mim muito caros e palco de minha formação como professor, pois penso que é no fazer docente, em sala de aula e em contato direto com nossos alunos e por meio do intrincado e emocional processo de ensino e aprendizagem que, por excelência, um professor se torna professor no sentido mais amplo da palavra. É no âmago de uma sala de aula, acompanhado por alunos e munido de nossas teorias, pressupostos acadêmicos e com a disposição ao contínuo refazer-se como docente que nos tornamos não os detentores e transmissores dos conhecimentos de uma língua, mas, como acredito e defendo, mediadores entre o conhecimento e as expectativas de nossos alunos. De fato o binômio ensinar-aprender ocorre num ambiente com emoção e paixão, pois tanto quem se propõe a ensinar como quem se dispõe a aprender devem estar embebidos de emoção, motivação e, mormente, nutrir sentimentos em relação à atividade docente ou ao querer aprender, o que não será diferente acerca de uma LE. Leffa (2016), em seu livro *Língua estrangeira: ensino e aprendizagem*, quando comenta esta relação inerente e suas motivações emocionais, declara que:

O segredo da paixão é que ela afeta o sentimento das pessoas e por isso as envolve. As pessoas não aprendem se não forem envolvidas. A ideia do envolvimento como pré-requisito da aprendizagem vem de longe, aparentemente da Antiga China, provavelmente de Confúcio: *Diga-me e eu esqueço / Ensina-me e eu lembro / Envolve-me e eu aprendo*. [...]. Devemos usar a paixão para envolver nossos alunos. O domínio afetivo é muito importante e será atendido na medida em que trabalharmos com paixão. (LEFFA, 2016, p.14)

Portanto, o mediador-professor torna-se corresponsável por um processo humano, sociocultural e variável já que estamos tratando de e com pessoas as quais trazem consigo para a sala de aula seus conhecimentos prévios de mundo, suas crenças e motivações as mais diversas possíveis ao aprender uma língua. Assim, a cada palavra nova aprendida, a cada frase recentemente formulada, a cada passo em direção ao novo e desafiador universo que uma língua estrangeira oferece, a cada novo som, muitas das vezes e no caso particular da língua francesa, bastante diverso de nosso sistema fonético-fonológico, pude perceber a relevância da relação professor-aluno ou, como prefiro me referir, a relação entre um mediador e um aprendiz

motivado. Em 3 módulos de seis meses cada, durante um curso de extensão da FURG em conjunto com a Pastoral do Imigrante, pude ensinar português como língua estrangeira (PLE) a uma comunidade de imigrantes senegaleses e haitianos na cidade de Rio Grande e, de forma concomitante, dei aulas de francês como língua estrangeira (FLE) para universitários da FURG e funcionários da mesma instituição de ensino e a partir destas experiências surgiu meu interesse pelo estudo dos sons de uma língua estrangeira, pois pude perceber as facilidades e dificuldades de produção de alguns dos sons do português por parte do grupo de imigrantes e, também, as mesmas dificuldades e facilidades em relação aos alunos brasileiros do CELE. Mais especificamente, por meio deste contraste entre falantes nativos de francês¹ e aprendizes brasileiros de FLE pude direcionar meu interesse e atenção a fenômenos da oralidade relacionados à fonologia das línguas e intrinsecamente motivados por razões de ordem social e cultural, como é o caso do fenômeno ao qual dediquei este estudo: a *liaison*, que se realiza na fala e varia dependendo de motivos linguísticos e extralinguísticos sobre os quais discorrerei ao longo deste trabalho.

Foi através de percepções em sala de aula, nos ambientes já mencionados, e com públicos-alvo os mais distintos possíveis, desde alunos regulares de cursos privados de idiomas, alunos universitários, alunos de empresas privadas que tinham a LE como ferramenta do seu trabalho cotidiano que, brota a vontade de debruçar-me sobre os aspectos de ensino e de aprendizagem relacionados à fonética e à fonologia de francês sem, contudo, deixar de relacioná-los com fenômenos linguísticos, culturais e sociais trazidos pelos aprendizes e que obtive pela minha

¹ Na verdade, tanto a comunidade de imigrantes senegaleses e haitianos não se configuram como falantes nativos de francês, pois esta língua é, em seus países, considerada como língua segunda, isto é, idioma usado no ensino, meio governamental e burocrático. Somente imigrantes como mais escolaridade possuem o francês como língua efetiva no seu dia a dia. Durante do curso de PLE, recebemos alunos que não se configuram como falantes nativos do francês, compreendendo apenas algumas frases e comunicando-se com os demais em *wolof* ou árabe. A língua materna do Senegal é o *wolof* e do Haiti o *créole* ou *kreyòl ayisyen*. Sobre tais línguas maternas, podemos afirmar que o *wolof* é uma língua falada na África Ocidental, principalmente no Senegal, mas também em outros países como a Gâmbia, a Mauritânia, Guiné-Bissau e Mali. Trata-se de uma língua nativa do grupo étnico *wolof*, pertencente à família das línguas nigero-congolesas e, diferentemente das demais línguas subsaarianas, não é uma língua tonal. No que se refere à escrita, usa-se o alfabeto árabe na forma chamada *wolofal* pois a escrita *wolof* foi, aos poucos, abandonada sendo ainda utilizada por pessoas mais velhas no Senegal. Desde 1974 é, porém, utilizado o alfabeto latino moderno sem H, sem V, sem Z; há ainda com Ñ e N. Já quanto à comunidade haitiana, a língua materna é o *kreyòl ayisyen* (crioulo nativo) também conhecida como *créole*, é uma língua natural falada por quase toda a população do Haiti (9,2 milhões), havendo ainda cerca de 4,5 milhões de imigrantes que falam o crioulo haitiano em outros países como Brasil, Canadá, Estados Unidos, França, República Dominicana, Cuba, Bahamas entre outros. Apresenta dois dialetos distintos: o *fablas* e o *plateau*. Muitos haitianos falam quatro línguas, portanto: crioulo, francês, espanhol e inglês. Quanto ao sistema fonológico, a língua apresenta dez sons de vogal em contraste doze do francês (as duas vogais frontais arredondadas do francês não são usadas). Sendo idioma de formação recente, o crioulo haitiano tem ortografia bem fonêmica, similar ao alfabeto fonético internacional (AFI ou IPA) com diferenciação dos sons do AFI apenas no J, Y, È e OU. Já as nasalizações são indicadas por um N. A maior parte do vocabulário é de origem francesa com diferenças de pronúncia e morfologia. Em muitos casos, o artigo definido do francês fica junto com o substantivo numa única palavra. Exemplo: "A lua" (em francês, La lune) fica sendo Lalin em crioulo haitiano.

formação universitária o que me possibilitou contrastar tais recorrências fonéticas-fonológicas na minha língua materna e em outras que também ensino, a saber inglês e italiano. Mas aqui, me detenho a tratar da língua francesa e dos fenômenos da sua oralidade sob diferentes motivações para sua realização na fala, as quais vão desde causas puramente linguísticas, como aspectos fonológicos, morfossintáticos e diacrônicos em relação à historicidade do francês, até aqueles de ordem social e cultural quando da mobilização da língua pelo seu falante, ou seja, aspectos de natureza sociolinguística.

O aprendizado de uma língua, seja materna (LM) ou estrangeira (LE), é tarefa árdua e requer por parte do aprendiz muito tempo e dedicação, devido aos complexos processos envolvidos no interior do novo mundo de ideias, conceitos e estruturas que se abrem por meio das várias etapas do binômio ensino/aprendizagem. Quanto à LE, pode-se perceber, pela prática docente desenvolvida por anos e direcionada a diferentes instituições de ensino, desde escolas de idiomas em Rio Grande até alunos de graduação e pós-graduação na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), públicos distintos quanto às suas motivações para o aprendizado de uma LE. Tais especificidades em relação à aprendizagem irrompem devido ao novo sistema linguístico, cognitivo e sociocultural que, de forma natural e intrínseca à aquisição de uma LE, requerem por parte do aprendiz novas conexões, construção de novos parâmetros de composição linguística, além de grande desafio para entendimento e realização de muitos processos que podem não existir na sua LM. Na minha jornada como professor de idiomas, tenho observado no âmbito da sala de aula a perplexidade e temor, senão incômodo e certa inquietação dos aprendizes de LE em relação às diferenças a serem entendidas, naturalizadas e postas em prática quando do uso da língua escrita e falada, em contextos de exercícios orais individuais ou em grupo, segundo determinada tarefa linguística a ser desenvolvida em sala de aula.

Aprender é modificar-se, pois tanto o mediador (professor) quanto o aprendiz são apresentados a um novo sistema de valores introduzido pelo universo cultural e social que a LE traz consigo. Martinez (2016), em sua obra *Didática de línguas estrangeiras*, ao discorrer sobre a relação entre ensinar e aprender, afirma que tal processo “é uma modificação da conduta do sujeito, que manifesta a adaptação a uma forma de necessidade [do aprendiz]. [...] Aprender também decorre de uma conduta voluntária e permanente.” O mesmo autor, ao problematizar a questão do ensino de LE, afirma que:

O indivíduo, a sociedade e as línguas entram em jogo em uma relação didática que não escapa às regras da comunicação humana. O ensino de línguas estrangeiras só

pode, com efeito, ser examinado como uma forma de troca comunicativa: ensinar é pôr em contato, pelo próprio ato, sistemas linguísticos, e as variáveis da situação refletem-se tanto na psicologia do indivíduo falante quanto sobre o funcionamento social geral. Quem começa a aprender uma língua, adquire-a e a pratica em um contexto biológico, biográfico e histórico. (MARTINEZ, 2016)

Deste modo, essa dissertação leva em consideração meus anos de prática docente em ensino de FLE desenvolvida no CELE da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no período de 2013 a 2018, assim como a prática docente em escolas particulares de línguas estrangeiras a partir do ano de 1999, assim como a prática docente no estágio de mestrado na disciplina de Língua Francesa II, em que pude trabalhar com os estudantes universitários de Letras Português-Francês, futuros docentes, enfatizando a competência comunicativa de compreensão e expressão orais. As referida práticas de ensino de FLE culminaram numa série de reflexões sobre metodologias de ensino de LE e suas diferentes abordagens, bem como determinadas dificuldades recorrentes por parte do estudante de FLE durante seu processo de aquisição de uma LE, as quais motivaram acentuadamente o presente estudo sobre o fenômeno da oralidade da língua francesa denominado *liaison*².

Dentre tantos pontos de dificuldades para os estudantes de FLE, ressalta-se a compreensão e o uso de um fenômeno fonológico presente na referida língua: a *liaison* (em português “ligação”), sobre o qual concentrarei especial atenção, mais tarde e de forma mais profunda. A *liaison*, um fenômeno característico da oralidade, causou preocupação durante o fazer docente, pois os estudantes não compreendiam qual sua natureza, seus contextos de ocorrência e sua importância no/para a ato de enunciação e, por consequência, a adequada emissão de mensagem que, por conseguinte, poderia estar prejudicada, do ponto de vista semântico, quando da sua não execução ou quando da não observância dos contextos de ocorrência, gerando estigmatização do falante ou inadequação às regras fonológicas da língua francesa.

Considero o presente estudo relevante, pois, tem por objetivo central contribuir para a reflexão acerca do fenômeno através da análise de materiais didáticos de língua francesa na intenção de entender como tais obras apresentam e como se propõe a ensinar as *liaisons*. Também é intenção desta dissertação comparar o fenômeno da *liaison* com ocorrências semelhantes tanto na língua portuguesa (junturas externas de natureza vocálica ou consonantal), como com a língua inglesa, outra LE comum em nosso contexto sociocultural de ensino, ao

² Usa-se, aqui, o termo em francês por se tratar de um fenômeno característico da língua francesa de acentuada relevância semântica para a mesma.

abordarmos o fenômeno desta língua denominado *linking sound*³, também este, assim como o francês e o português, característico da oralidade, de ocorrência em situações de uso da língua nas interações sociais, em que se mostra de considerável importância nos níveis fonológico, semântico e pragmático da língua.

Este estudo, além de resgatar outros anteriores para a devida comparação e reflexão, tem por interesse desenvolver um trabalho de pesquisa que possa servir de base para estudantes de FLE e também para futuros docentes desta língua assim como a reflexão crítica sobre o fenômeno e sua consideração quando de suas práticas docentes em sala de aula, pois, como já percebi nas prática docente junto aos aprendizes de LE o mesmo não o percebe ou não lhe é ensinado sobre sua existência e relevância na oralidade, ou seja, em não havendo a percepção do fenômeno, não haverá, por conseguinte, sua produção na fala. Tal fato culmina em uma estigmatização do falante, especialmente em se tratando de contexto obrigatório, dados o âmbito pragmático da língua e, também, os de natureza socioculturais de uso da *liaison*, levando em consideração o aspecto social do fenômeno principalmente em meios públicos de emissão de discurso, pois se mostra prestigiosa nos bancos escolares e, no entanto, abandonada aos poucos pelos homens políticos e profissionais da telecomunicação, talvez por uma influência da língua inglesa (ENCREVÉ, 1983).

Nesta dissertação, acentua-se, como veremos mais adiante nos capítulos adequados a cada tema, que a baixa ocorrência na oralidade provém da não identificação (percepção) ou conhecimento da *liaison*, assim como os aspectos sociais e culturais envolvidos na realização (produção) dessa ocorrência da língua francesa falada que representa horas do ensino de uma LE ou mesma desta enquanto LM. Arelado a esse fenômeno apresentam-se valores socioculturais de uso da língua e, também, outros como a transferência das estruturas morfossintáticas e principalmente generalizações fonológicas da LM. A *liaison* apresenta uma infinidade de abordagens possíveis que vão desde seus aspectos puramente gramaticais (níveis implicados como lexical ou morfológico, semântico ou pragmático) até implicações de ordem social e de posicionamento individual do locutor (nativo ou estrangeiro) diante da língua falada, deixando evidente o caráter intencional do uso ou não do fenômeno, dado circunstâncias situacionais que repercutem nos níveis de língua usados e quais razões conduzem ao seu uso.

Se de um lado a *liaison* (nos seus diversos contextos de realização ou não) decorre de regras linguísticas bem estabelecidas, assim como de aspectos extralinguísticos da língua ou,

³ *Linking sounds* são, numa tradução livre, “sons de ligação”, isto é, acontecem nas fronteiras de palavras durante o enunciado. Tal fenômeno da oralidade, propicia a realização de uma consoante potencial na cadeia prosódica.

ainda *langue soignée*⁴, também o fenômeno da oralidade se alia a posições pessoais impostas socialmente ou decididas pessoalmente do falante. Sim, as *liaisons* ocorrem em contextos pré-definidos, no entanto dada a autonomia do locutor diante do discurso e da mensagem a ser veiculada, há certa maleabilidade e mutabilidade das regras, as quais permeiam a língua e deixam evidente a preponderância do falante sobre a língua, da oralidade sobre a escrita, do homem como portador de uma língua que o define e que não se faz dela escravizado, mas dela senhor. Significando *liaison* ligação, pensa-se que é um fenômeno que tece possíveis junturas entre os mais diversos aspectos do binômio homem-linguagem. A *liaison* é multidimensional, controversa e, deste modo, reflete o próprio homem diante da língua nas suas possibilidades de ressignificação.

Assim sendo, o presente trabalho foi dividido em três capítulos assim distribuídos: no capítulo I, será apresentado um panorama geral do fenômeno fonético-fonológico da *liaison*, a maneira como se configura na oralidade da língua francesa, seus contextos de realização e sua categorização em obrigatória, facultativa e proibitiva assim como o caso particular do *pataquès*⁵. Além disso, neste capítulo, discorreremos sobre algumas das questões históricas envolvidas na construção do fenômeno e pertinentes ao entendimento da variabilidade do mesmo. Também, trataremos de aspectos de ordem social e diafásico de uso da língua, momento em que o falante mobiliza certas escolhas linguísticas para realizar ou não a *liaison*. Já no capítulo II, abordaremos as motivações de natureza linguística para a ocorrência da *liaison* como as de ordem fonológica, morfológica e sintática, o quais concomitantemente contribuem para que o fenômeno ocorra na oralidade do francês com conseqüente realização de uma consoante adormecida, a qual quando de uma palavra isolada apresenta-se muda, mas passa a ser pronunciada na cadeia prosódica quando do confronto com som vocálico subsequente. Do

⁴ *Langue soignée*, em francês significa em português “língua cuidada”, isto é, considerando-se as questões de adequação linguística ou de níveis de língua quando do uso da mesma na forma escrita ou falada, refere-se ao registro linguístico, também dito nível ou estilo de língua, que decorre do modo de expressão adaptado a situação de enunciação particular de cada falante e segundo determinado contexto sociocultural. Tais registros, dentre eles a *langue soignée*, determinam certas escolhas lexicais e sintáticas, bem como motivações de entonação da fala na oralidade e aspectos pragmáticos diversos, dentre os quais os de ordem sociolinguísticos. Em francês há vários registros de língua como, por exemplo, registro popular, familiar, corrente, *soutenu* (erudito *standart*) e registros de determinadas áreas do conhecimento: médico, jurídico, econômico etc. O registro *soutenu* ou *soigné* prima por uma precisão e cuidado extremos. Tal registro é sobretudo empregado na literatura e na retórica em que se constroem frases longas e com uma sintaxe complexa, vocabulário raro, figuras de linguagem, tempos verbais complexos e em desuso na oralidade, como é o caso do *passé simple*, conhecido por poucos franceses e usado quase que somente na escrita literária e raramente na fala. A *langue soignée* é a língua da poesia e tragédia em francês, com frases e construções rebuscadas ao extremo, beirando o exagero e eivadas e arcaísmos, assemelhando-se a um maneirismo no falar.

⁵ Esta categoria de *liaison* é chamada em língua francesa de *pataquès*, termo que vem da expressão *je ne sais pas-t-à qu'est-ce* (não sei a quem pertence em francês). (TRANEL, 1998)

mesmo modo, aspectos de caráter extralinguísticos como fatores estilísticos próprios da língua quando mobilizada por seu falante no ato enunciativo e permeado de intencionalidade, fatores históricos e sociais pertinentes à língua francesa acerca de sua historicidade e evolução desde suas origens remotas no *francien*⁶ até o francês moderno como o conhecemos nos dias de hoje. Finalmente, no capítulo III, haverá a análise de dois livros didáticos (LD) para ensino de FLE, os quais pude utilizar por muitos anos tanto em escolas privadas de idiomas como no CELE da FURG. Deste modo, exploraremos, num primeiro momento do capítulo, como os aspectos fonético-fonológicos são apresentados no LD, com qual abordagem e recorrência, qual relevância e pertinência ao tema de cada capítulo do LD e, num segundo momento, a maneira como o fenômeno da *liaison* é apresentado ao estudante de FLE, se são levados em conta seus contextos de realização e sua categorização, bem como se os aspectos socioculturais da língua-alvo são mencionadas ou não. Para tanto, foi de minha escolha dois manuais⁷ reconhecidos para ensino de FLE, a saber: *Alter Ego - Méthode de Français A1*, da editora *Hachette* e o manual *Cosmopolite A1 - Méthode de Français*, também da editora *Hachette*.

Ao final deste trabalho, através da revisão de conhecimentos sobre o fenômeno estudado da *liaison* e, principalmente por meio da análise dos LD que pude utilizar em sala de aula na minha prática como professor de FLE em diferentes ambientes de ensino, assim como munido de minha experiência docente e uso de manuais de ensino, proponho reflexões acerca do papel ocupado pelo estudo da fonologia e fonética de FLE no processo de ensino e aprendizagem, levando em conta como o fenômeno da *liaison*, precipuamente de ocorrência na oralidade, ou seja, no momento em que o indivíduo mobiliza conhecimentos linguísticos e se posiciona diante da língua para ocupar seu *locus* de fala e sua posição perante à língua em uso. Além disso, com este trabalho, tenho por objetivo ressaltar a importância do ensino de fonologia/fonética do FLE

⁶ O *francien* ou frâncio, em português, designa uma variante da *langue d'oïl*, falado na época medieval na antiga Île-de-France e em Orléanais, mas também em Touraine e Berry, bem como em Bourbonnais. O termo *francien* é um neologismo dos linguistas do século XIX para designar a língua dos povos francos habitantes do norte da França, mais especificamente da região de Paris, e da velha Île-de-France em geral, correspondendo ao domínio real, antes do estabelecimento da língua francesa como língua padrão. Seu primeiro certificado data de 1889 por Gaston Paris. A hipótese de sua existência foi levantada pelos gramáticos, que viam a língua francesa como uma “linhagem direta e pura” do latim, e assim reduziram as contribuições de outras línguas romanas da França. De acordo com essa teoria do desenvolvimento do francês desenvolvida no século XIX, o francês teria sido escolhido como língua oficial entre diversas variantes em concorrência. Assim, o *francien* configura-se como um continuum linguístico e argumenta-se que foi imposto como língua administrativa, com o objetivo, em particular, de substituir o latim tardio falado na região da Gália romana. (LODGE, 2004).

⁷ Aqui, uso o termo manual para o livro didático a que me refiro com a finalidade de diferenciar de método, pois considero que o segundo termo (método) faz referência ao tipo de abordagem de ensino de língua estrangeira como, por exemplo, abordagem da gramática e tradução (AGT), abordagem direta (AD), abordagem para leitura (AL), abordagem audiolingual (AAL), abordagem comunicativa (AC), abordagem acional (AC) entre tantas outras. (LEFFA, 2016)

no ambiente universitário, pois os estudantes de Letras Francês, ao meu ver, devem conhecer o fenômeno da *liaison* assim como os demais aspectos fonético-fonológicos do FLE para que, como futuros docentes e replicadores, possam utilizar-se deste conhecimento a fim de promover a consciência fonológica, a noção de que fenômenos como a *liaison* são determinados não só por motivações linguísticas, mas também por aqueles de natureza extralinguística como já mencionei aqui e sobre as quais me deterei mais profundamente neste trabalho.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO FENÔMENO

1.1 A *liaison* na língua francesa

A *liaison* é um tipo específico de sândi⁸ ou juntura externa presente na língua francesa e representa um fenômeno fonológico característico desta língua que tem sido objeto de muito estudos. Autores⁹, ao longo de anos, têm-se debruçado sobre o fenômeno com o intuito de propor uma pertinente descrição e análise do mesmo, considerando a particularidade de sua realização potencial na língua falada, já que sua ocorrência dependerá do locutor quando do ato de enunciação. Observa-se, além disso, que a *liaison* tem sido abordada pelos estudiosos quanto a seus aspectos de realização, pois a potencialidade de sua ocorrência na oralidade é condicionada por fatores como a heterogeneidade e a diversidade presentes na língua em uso. (NUNES, 2009).

Para Schane (1970), em *French phonology and morphology*, a *liaison* se enquadra no grupo das junturas externas (*enchaînement* em francês) as quais podem ser do tipo vocálico ou consonantal, ou seja, é um processo de truncamento que existe entre palavras contíguas na cadeia da fala em que a vogal final da primeira palavra se apaga diante da vogal da palavra seguinte (juntura ou *enchaînement* vocálico), também referido como elisão. Pode-se perceber exemplos deste tipo de ocorrência em *le ami, le homme, je ai, il me a dit, je avais* que se realizam na escrita e na fala como *l'ami, l'homme, j'ai, il m'a dit e j'avais*. Neste caso, trata-se de um fenômeno de truncamento da vogal final que ocorre na escrita e, por conseguinte, na fala do locutor.

A *liaison*, por excelência, não é um truncamento, ou seja, não se trate de uma fenômeno da escrita mas sim da oralidade da língua em que há a realização de uma consoante final adormecida da primeira palavra ao ligar-se com a vogal inicial da segunda palavra da cadeia

⁸ Sândi ou Sandhi (sânscrito: संधि, "união") é um termo usado para uma variedade de processos fonológicos que ocorrem nas extremidades de um morfema ou palavra e para se referir à alteração de sons devido a sons contíguos ou à função gramatical de palavras adjacentes. Acontece particularmente na fonologia sânscrita, daí a denominação com uma palavra sânscrita, mas muitas línguas apresentam sandhi. O sândi pode ser de natureza interna ou externa. Sândi interno é a alteração de sons nas palavras nas extremidades dos morfemas, como em *simpatia* (*syn + pathia*). Por sua vez, o sândi externo refere-se a mudanças encontradas nas extremidades ou fronteiras das palavras, como na pronúncia de *dois mil e um* [dojsmilium], em algumas regiões do Brasil. Um exemplo de sandhi externo é o processo chamado *liaison*, da língua francesa: *Nous avons* [nuzavõ] em que o /s/ antes mudo na palavra isolada, passa a ser pronunciado e realizado em [z] quando seguido de outra palavra iniciada por som vocálico. Mesmo sendo extremamente comum na oralidade, o sandhi é tipicamente ignorado na escrita, como é o caso no português, no inglês e francês, no caso da *liaison* (com exceção da distinção entre os artigos definidos *a* e *an*). Efeitos do sandhi externo podem por vezes se tornar morfologizados (ou seja, se aplicam somente em certos ambientes morfológicos ou sintáticos) e, com o tempo, se tornar mutações consonantais.

⁹ Laks (2003, 2005), Pagliano e Laks (2005)

prosódica do falante como *les amis, des avocats, ils ont, deux oranges* em que o fenômeno não se evidencia na escrita mas sim na oralidade, sendo, deste modo, um tipo de *enchaînement* consonantal preponderante na língua falada, uma potencialidade lexical quando de seu encadeamento rítmico na fala e ocorrendo segundo certas regras de uso bem definidas e de acordo com contextos linguísticos determinados pela oralidade e autonomia, estilo e nível de língua adotado pelo locutor. Shane (1970) ao tratar do processo de truncamento entre palavras e do fenômeno da *liaison* e elisão no capítulo *Elision and Liaison*, em sua obra já mencionada, afirma que:

In French the phonological adjustments made between one word and the next are referred to as «elision» and «liaison». In most grammars and handbooks dealing with pronunciation these have generally been treated as distinct phenomena. Elision is defined as the suppression or dropping of the final vowel of a word before another word also beginning with a vowel sound. [...] Liaison, on the other hand, has been defined as the linking of the word final consonant before a word beginning with a vowel sound, the consonant otherwise being mute or dropped.¹⁰ (SHANE, 1970, p. 2)

Essa prerrogativa *sine qua non* para a realização da *liaison* (consoante adormecida + vogal inicial) aponta para duas decorrências da língua francesa: a) necessidade da existência da relação entre consoante e vogal na fronteira de palavras subsequentes, b) adormecimento da consoante final de uma palavra quando houver ausência de *liaison*, apagando-se da língua falada, mas não da escrita. Shane (1970) todavia, ressalta a presença de algumas consoantes finais pronunciadas no francês oral tanto antes de um segmento consonantal subsequente, assim como em posição final de palavra. Tais vocábulos, portanto, devem ser considerados como exceções às regras de apagamento característico das consoantes finais da língua francesa. Como exemplo destas exceções, pode-se citar as seguintes palavras:

avec	vous	/avɛc/
sept	caramades	/sɛt/
sens		/sɑ̃s/
chef		/ʃɛf/
sec		/sɛk/

Tanto é verdade seu desvio da regra padrão que se pode exemplificar o comportamento de alguns numerais da língua que se apresentam consoantes finais adormecidas e somente realizadas quando do encontro com vogais iniciais da palavra seguinte da cadeia:

trois amis /trwaz/ trois camarades /trwa/ trois /trwa/

¹⁰ Em francês, o ajuste fonológico feito entre uma palavra e sua subsequente é denominado de elisão ou *liaison*. [No entanto] muitas gramáticas e manuais que tratam de pronúncia, esses dois fenômenos tem sido geralmente tratados como sendo dois fenômenos distintos. Elisão é definida como a supressão ou omissão da vogal final diante de outra palavra iniciada por som de vogal. *Liaison*, por outro lado, é definida como a ligação entre a consoante final de uma palavra com o som de vogal inicial da palavra que segue, sendo o consoante, de outro modo, muda ou não pronunciada. (tradução nossa).

six amis	/siz/	six camarades	/si/	six	/si/
sept amis	/set/	sept camarades	/set/	sept	/set/
huit amis	/wit/	huit camarades	/wi/	huit	/wit/

Assim, ainda segundo Shane (1970), o processo é o mesmo, no entanto, difere quanto à qualidade do som envolvido, já que para elisão, deve-se considerar as vogais contíguas e para a *liaison* consoante e vogal contíguas. O autor afirma que sobre o processo de truncamento (vocálico ou consonantal):

Deletion of a segment in a word final position; that is, a final vowel is deleted or truncated before another word beginning with a vowel, whereas a final consonant is deleted before another word beginning with a consonant. In order to be neutral between the terms «elision» and «absence of liaison», we shall often refer to this one and the same process as «truncation».¹¹ (SHANE, 1970, p. 2)

Desta maneira, a *liaison*, ocorrendo no âmbito da língua enquanto instrumento de comunicação dinâmico e socialmente engajado, bem como sendo um fenômeno linguístico potencial da língua falada, realiza-se no ato de fala do locutor (enunciador) quando do uso individual que este faz da língua (ato de enunciação). A *liaison* realiza-se de acordo com determinado ambiente morfossintático pré-estabelecido, já que deflagrara-se na fronteira de duas palavras contíguas, em que a consoante final da primeira palavra da cadeia prosódica (consoante latente ou adormecida) denominada de consoante de *liaison* (CL) pode ou não ser pronunciada quando seguida por uma segunda palavra que comece por vogal ocorrendo, por consequência, um processo de ressilabificação¹². Para tanto, pode-se afirmar que “a consoante final adormecida se revela [quando] seguida de uma vogal e se pronuncia em posição forte [na nova sílaba] no início da sílaba que se formará com a vogal da palavra seguinte.” (BRIET *et al.*, 2014). Vale ressaltar que quando da ocorrência do referido fenômeno fonológico em língua francesa, há a formação de uma nova sílaba e, portanto, um processo de ressilabificação como já foi mencionado acima. Ademais, deve-se considerar para o bom entendimento do fenômeno o conceito tão pertinente na língua francesa e no processo de formação de novas sílabas quando da língua manifestando-se na cadeia¹³ prosódica ou cadeia da fala isto é, propriedades ou traços

¹¹ Supressão de um segmento na posição final de uma palavra; isto é, uma vogal final é excluída ou truncada antes de outra palavra que comece com uma vogal, enquanto uma consoante final é excluída antes de outra palavra que comece com uma consoante. Para ser neutros entre os termos “elisão” e “ausência de ligação”, iremos frequentemente referir-nos a este mesmo processo como “truncamento”. (tradução nossa)

¹² Ressilabação ou ressilabificação é a mudança de um segmento de uma sílaba para outra. Ocorre muitas vezes como consequência de um fenômeno fonológico específico. Por exemplo, a sibilante final na palavra *luz* ocupa a posição pós-vocálica ou de coda em um padrão silábico CVC. Contudo, se considerarmos a mesma palavra em *luz azul* observaremos que a sibilante em coda da palavra *luz* passa a ocorrer como *onset* da sílaba da palavra *azul*. Ocorreu, portanto, a ressilabificação da sibilante em coda para a posição de *onset*. (SILVA, 2015).

¹³ Uma língua aparece primeiro como uma sucessão no tempo de acontecimentos vocais, uma sequência de sons que formam enunciados, à qual se dá o nome de cadeia falada. (DUBOIS *et al.*, 2014).

suprasegmentais da fala, os quais são percebidos no ato de mobilização da língua no discurso (SILVA, 2015).

Essa circunstância que remete à consideração de uma cadeia de fala é preponderante para a realização e compreensão da *liaison* em língua francesa, visto que é por meio do encadeamento das palavras, aqui consideradas como unidades discretas¹⁴, ou seja, “unidades distintas umas das outras e que fazem parte de um sistema cujos outros elementos são em número limitado” (DUBOIS *et al.*, 2014), contribuem para a formação do fala do locutor no ato de composição de seu discurso. E, entende-se, como discurso todo tipo de enunciado no qual a linguagem é posta em ação e a língua é assumida pelo falante, ou ainda, uma unidade igual ou superior à frase formando uma sequência que, por sua vez, dá origem à mensagem veiculada.

A *liaison* dependerá do que se chama palavra fonética que pode ser entendida como uma unidade de significação mínima da língua ou discurso. Esse termo foi cunhado pelo foneticista François Wiolland e aponta para uma diferenciação necessária entre palavra fonética e sílaba em língua francesa. Ademais, o autor, a partir do contraste existente entre esses dois conceitos e sua pertinência particular à língua francesa, aponta para a dificuldade do aprendiz de FLE para identificar ou diferenciar palavras isoladas (palavras lexicais)¹⁵ do dicionário quando acionadas no discurso do francês falado por meio de um fluxo contínuo, isto é, palavra fonológica, Há aqui, portanto, uma dificuldade do aprendiz com a segmentação do enunciado, pois ao ouvir a unidade semântica produzida num único sopro, contínuo e fluido, não é capaz de segmentá-lo em subunidades lexicais, preponderando, então, a palavra fonológica sobre a lexical.

Assim, pode-se asseverar que no interior de uma palavra fonética, uma consoante antes não pronunciada quando isolada, ao encontrar uma vogal na outra palavra da cadeia prosódica, é automaticamente realizada e, deste modo, forma uma nova sílaba com ela, baseado no modelo consoante-vogal (C-V). O termo palavra fonética (em francês *mot phonétique*) foi criado pelo foneticista francês François Wiolland para se referir a um grupo enunciativo de significação mínima, pronunciado num único sopro. Briet (2014) em sua obra *La prononciation en classe*,

¹⁴ De igual maneira, os fonemas que constituem os morfemas de uma língua são considerados unidades discretas, visto que toda substituição de fonema leva a uma variação significativa do morfema: é o caso da oposição das unidades discretas *b* versus *p* em *bar* e *par*.

¹⁵ Palavra lexical é a unidade linguística que agrega som e significado em uma unidade. Pode ser compreendida como a menor unidade de significado em uma língua. A palavra lexical, [palavra do dicionário], é constituída de um ou mais morfemas e pode ou não conter afixos. Tanto a palavra lexical como a fonológica são unidades prosódicas por serem do domínio da aplicação de fenômenos fonológicos e fazerem parte dos níveis de hierarquia prosódica. A palavra lexical representa uma unidade com conteúdo semântico listado no léxico de uma língua e são, portanto, os itens lexicais de uma língua e podem ou não englobar as palavras gramaticais dependendo da abordagem assumida. (SILVA, 2011)

ao abordar a fluidez associada ao ritmo da língua francesa que decorre justamente do agrupamento de palavras (*mots phonétiques*) e da relevância dada à sílaba em aspectos como: regularidade, formação, duração, estrutura e velocidade rítmica. (BRIET, 2004, p. 13). Quando a definição por ele dada, temos que:

À quel instrument de musique comparez-vous le français parle ? À la flûte, à l'orgue, à l'accordéon, au violon, au tambour ? Le fait que le français parlé lie des mots d'un même groupe de sens entre eux à la façon de l'archet le rapproche d'un violon : comme on ne leve l'archet qu'à la fin de la phrase musicale, on ne fait une pause en français qu'à la fin du mot phonétique. Le mot phonétique est un énoncé de signification minimale en situation de communication, que l'on prononce en un seul souffle. [...] Parler français, c'est donc parler en mots phonétiques qui ne respectent pas nécessairement les frontières entre les mots écrits. Dans le mots phonétiques, le mot du dictionnaire – ou mot lexical – perd son autonomie et se lie avec d'autres mots : “en avion”, “des avions”, “quel avion?”, “par avion”, sont des images sonores réelles du mot “avion”. [...] À l'intérieur du mot phonétique se distribuent régulièrement et harmonieusement les syllabes, ce qui donne l'impression d'une succession de flots égaux et continus. (BRIET et al., 2004) ¹⁶

Essa regra áurea da língua francesa descreve adequadamente o fenômeno da *liaison*, na qualidade de um subtipo de *enchaînement* consonantal, ao explicitar a formação da nova sílaba no interior da palavra fonética. Tal ocorrência se realiza por meio de um pico de sonoridade na nova palavra fonética, pois a consoante final da primeira palavra passa a integrar a palavra seguinte da cadeia de fala se se considerar o modelo C-V da língua e se se atentar para o fato de que a primeira ressilabificada tem sua consoante final em posição fraca. Portanto, depreende-se que há uma segunda regra que aponta para o fato de que, em língua francesa, o importante é última sílaba, dado os processos de junturas externas e ressilabificação. Briet *et al.* (2014) propõe os seguintes exemplos a título de elucidação do fenômeno da *liaison*, palavra fonética e ressilabificação:

Salut !	CV' CV
C'est Tom.	CV' CV (C)
Chez un ami.	CV CV CV 'CV (<i>liaison</i>)
Pour aller à Paris?	CV CV CV V CV' CV (<i>enchaînement</i> do 'r' com 'à')

¹⁶ Com que instrumento musical se pode compara o francês? Com a flauta, o órgão, o acordeão, o violino, o tambor? Na realidade, o francês falado junta palavras do mesmo grupo de sentido umas às outras à maneira que arco se aproxima do violino. Como não levantamos o arco no final da frase musical, nós só fazemos pausas em francês no final da palavra fonética. A palavra fonética é um enunciado de significado mínimo em uma situação comunicativa, que é pronunciada em um único sopro de respiração. [...] Falar francês é, portanto, falar palavras fonéticas que não respeitam necessariamente os limites entre as palavras escritas. Nas palavras fonéticas, a palavra do dicionário - ou palavra lexical - perde sua autonomia e se vincula a outras palavras [e, assim]: *en avion, des avion, quel avion?, par avion*, são imagens sonoras reais ligadas da palavra *avion* [avião]. [...] No interior da palavra fonética, as sílabas são regular e harmoniosamente distribuídas, o que dá a impressão de uma sucessão de fluxos iguais e contínuos. (tradução nossa)

Ademais, pode-se assegurar que falar em francês é falar em palavras fonéticas que não respeitam as fronteiras das palavras escritas (BRIET *et al.* 2014), daí a preponderância da língua falada sobre a língua escrita. Percebe-se que as palavras lexicais, aquelas que se encontram no dicionário da língua de forma isolada e em plena virtualidade, perdem sua autonomia ao se confrontarem com outras na cadeia prosódica. E assim, por exemplo, uma palavra fonética podem conter uma ou seis sílabas de acordo como a rapidez de fala, intensidade, ritmo e entonação entre outros elementos da hierarquia prosódica quando do uso da língua pelo locutor. Briet *et al.* (2014) propõe pensar nos nomes dos metrô parisienses que raramente ultrapassam cinco sílabas e assim, o autor afirma que “no interior de uma palavra fonética as sílabas se distribuem regular e harmoniosamente, fato que culmina na impressão de uma sucessão de fluxos iguais e contínuos.” (BRIET *et al.*)

A *liaison*, segundo Dugua & Chabanal (2006), caracteriza-se pelo processo de alternância fonológica entre duas palavras contíguas na cadeia prosódica através do aparecimento da CL determinada pela natureza da primeira palavra da cadeia em relação à sequente. Uma das tantas motivações para a realização das *liaisons* na língua falada concorre a favor do processo de harmonização linguística o qual visa ao caráter agradável da combinação de sons e à facilidade da pronúncia. Esse processo dá a impressão de certa unidade linguística, mas como não coincidem com as fronteiras das palavras escritas, em geral, há dificuldade em identificar tais limites lexicais. Tal fato aponta grandemente para o estudo da *liaison* em sala de aula e identificação e análise do fenômeno por parte dos aprendizes de FLE.

Sobre este subtipo de juntura consonantal denominado *liaison*, o fenômeno tem origem no enfraquecimento progressivo das consoantes finais das palavras a partir do francês antigo, quando do confronto dessa CL com a vogal inicial da próxima palavra de acordo com o contexto léxico-sintático envolvido (THOMAS, 1998), dado o caráter diacrônico da língua e sua historicidade. Ao processo de *liaison* pode-se afirmar que, quando da realização da consoante latente em CL, sugere-se um processo regularização morfológica da língua (NUNES, 2009). Seguem alguns exemplos a título de elucidação:

Nous <u>a</u> avons vu. → Nou[z]avons vu.
Je suis <u>a</u> llé au supermarché. → Je sui[z]allé au supermarche .
Prends des <u>a</u> bricots. → Prends de[z]abricots.
Tu aimes le <u>s</u> asperges. → Tu aimes le[z]asperges.

C'est un petit espace. → C'est un peti[t]espace.
Il dort dans un grand lit. → Il dort dan[z]un grand lit.

Neste processo de regularização, a CL não é pronunciada no final de uma palavra isolada, visto que a tendência da língua francesa é a de apresentar consoantes finais mudas ou, como preferem alguns autores, consoantes adormecidas¹⁷, as mesmas passam, por meio da ressilabação, a serem produzidas como no exemplo do enunciado acima: *nou[z]avons*, em que se acrescenta uma consoante sibilante [z], antes muda e latente, formando um pico de sonoridade que projeta a sílaba sem mudar o acento frasal da cadeia prosódica. Também, percebe-se, neste caso em particular, que a sibilante passou de desvozeada [s] para vozeada [z]. Esta nova reorganização silábica, ocorrida na cadeia prosódica quando do ato de enunciação, trata-se de um processo gramatical de alternância fonológica com repercussão nos níveis lexical (morfológico), prosódico (sintático), bem como semântico da estrutura linguística da língua francesa. (CHEVROT *et al.*, 2005), assim como a estrutura da cadeia da fala (NUNES, 2009).

1.2 Aspectos históricos da *liaison*

Quando se trata do uso da *liaison* em língua francesa, seus contextos linguísticos de realização como fatores fonológicos, morfossintáticos e pragmáticos, é inimaginável e imprescindível uma breve revisitação à historicidade da língua dado seus aspectos evolutivos. Para isso, fatores sincrônicos da língua são explicados e trazidos à luz por outros de natureza diacrônica. A língua francesa apresenta esta premissa de preservar traços históricos na sua grafia, bem como nas motivações que regulamentam a oralidade e, portanto, com as *liaisons* não seria diferente. Aqui, por breve ilustração, cabe discorrer sobre o uso do acento circunflexo (^) em francês na grafia de palavras como *hôpital*, *fenêtre*, *maître* e *huître* por exemplo. Se compararmos com palavras em língua portuguesa (língua da mesma família neolatina e com raízes no latim tardio ou vulgar) teremos *hospital*, *fenestrado*, *mestre* e *ostra*, o que aponta para um possível apagamento do /s/ pós-vocálico com se percebe no português. Portanto, conclui-se que o acento circunflexo é a reminiscência do um /s/ antigamente presente, mas que, com a evolução da pronúncia a partir do francês antigo, perdeu-se sem deixar de ser representado pela acentuação.

¹⁷ Característica da língua francesa em que as consoantes finais são consideradas mudas, com ressalta de raras exceções (KAMOUN & RIPAUD, 2016).

Se na escrita percebem-se traços históricos, também na oralidade evidenciam-se motivações da mesma ordem. As consoantes mudas ou adormecidas do francês moderno, provavelmente já foram pronunciadas no francês antigo medieval e mantêm evidências por meio do fenômeno da *liaison*, ocorrência da língua falada estudada por muitos linguistas. Thomas (1998) afirma que a *liaison* toca muitos aprendizes de FLE e que os desvios recorrentes de suas realizações inadequadas convergem para graves problemas de aprendizado. Ademais, o autor afirma que o fenômeno é aprendido por “osmose” em ambiente francófono, mas problemático em ambiente escolar ou universitário, onde a debilidade ou ausência de meio adequado, leva ao ensino de tendências e regras, muitas vezes *non-sense* para os aprendizes de FLE ou mesmo futuros docentes do idioma. (NUNES, 2009).

A língua francesa tal como a conhecemos hoje, deriva do antigo frâncio, dialeto falado pelos povos francos que habitavam o norte da França durante a Idade Média. O frâncio (*francien* em francês), mais tarde, sofreu uma divisão quanto à forma de pronunciar a palavra “sim”, ou seja, ao sul se dizia *oc* e ao norte *oïl* que evoluiu para o *oui* de que dispomos hoje no francês moderno. Foi, assim, a *langue d'oïl* falada na região de Paris, que se impôs como língua nacional e se tornou o francês. Com o passar do tempo, devido à força bélica dos francos, habitantes do norte do país, a variante nortista do frâncio preponderou e tornou-se a língua oficial de então. Por isso, afirma-se que o francês moderno deriva da variante do frâncio do norte da França, ou seja, conforme a maneira de dizer “sim” (*oïl*). Vale lembrar que na Idade Média, os dialetos no que hoje se conhece como França, eram classificados em duas categorias, de acordo com a forma de dizer “sim” (“oui” no francês moderno): *langue d'oc* ao sul e *langue d'oïl* ao norte, pois se dizia *oïl* ao norte do rio Loire e *oc* ao sul, nas regiões de Languedoc-Roussillon e Alpes-Provence-Côte d'Azur, sendo o rio Loire a fronteira dos dois dialetos franceses da época. Mesmo antes deste período longínquo no passado, sabe-se que após a conquista romana, toda a região foi denominada *Galia Comata*¹⁸ pelos invasores e os povos celtas dominados e sua língua foi, aos poucos, sendo posta de lado em preferência do latim tardio ou vulgar falados pelos soldados romanos que, mais tarde dará origens a diversos dialetos regionais e competirá com outro dialetos celtas ainda hoje existentes e falados na França como

¹⁸ Nome dado aos invasores romanos à região que veio a ser, nos dias de hoje, a França. *Galia* refere-se à palavra latina *gallus* (galo) e *comata* quer dizer cabeluda, em alusão aos povos celtas que habitavam a região e paras romanos eram portadores de mais pelos que si. Assim, os habitantes da Gália eram os gauleses.

o *flammand*¹⁹, *breton*²⁰, *alsacien*²¹, *corse*²², *basque*²³, *occitan*²⁴, *catalão*²⁵. (MAUCHAMP, 1987). Dos séculos IX ao XIII, fala-se o francês antigo, depois do século XIII ao XVII, pode-se considerar como francês médio para, somente a partir do XVII, configurar-se em francês moderno. De fato, com o Revolução Francesa de 1789, a metade da população francesa falava *patois*²⁶ locais e não compreendia o francês. Assim, o governo republicano impõe a língua francesa como meio de unidade nacional o que se generaliza com a criação da escola obrigatória com ensino feito em francês a partir do século XIX. (MAUCHAMP, 1987).

Nos séculos XI e XII, há uma grafia simplificada do francês e pode-se assegurar que em um período do francês antigo, todas as consoantes finais das palavras eram pronunciadas (PLOUZEAU, 2009). A partir desde período em diante, começa a haver o apagamento das consoantes finais na língua falada, mas a realização da CL entre duas palavras contíguas mostra as reminiscências históricas do francês antigo ainda presentes na língua da modernidade. Tal processo parece, ao que tudo indica, evitar o confronto entre duas vogais subsequente na cadeia da fala e marcar a relação sintática delas, como em *mes* [me], mas quando na cadeia prosódica, no agrupamento *mes amis*, realiza-se em *me[z]amis*. Tanto as junturas vocálicas (elisão) como as consonantais (*liaison*) parecem apontar para esta característica da língua de evitar a formação vogal + vogal (V+V). Manuscritos medievais apresentam pistas das motivações da existência da *liaison* em francês a partir de uma consoante adormecida ou latente como no caso do som de [d] em *quand elle* que se realiza em *quan[t]elle*, ou seja, o [d] da escrita faz-se [t] na oralidade, passa de desvozeado a vozeado. Sabe-se que o vocábulo original era *grant*, adjetivo tanto masculino como feminino cuja grafia da época correspondia, em geral, à sua pronúncia, nesse caso, assim, a palavra *grant* realizava-se em um [t] na fala. (NUNES, 2009). A historicidade explica o fato de ainda hoje se pronunciar [t] quando da ressilabificação do agrupamento *grand elle* ou *quand il*, em que há a *liaison* do tipo obrigatória deflagrando vozeamento do [t] em [d] e processo de alternância fonológica. Ainda sobre a historicidade do

¹⁹ Língua derivada do alemão, próxima ao neerlandês.

²⁰ Língua celta utilizada por cerca de um milhão de pessoas na região da Bretanha.

²¹ Língua derivada do alemão pela maioria dos habitantes da Alsácia, sobretudo no campo.

²² Língua próxima do italiano e muito usada pela população da Córsega.

²³ Língua falada em toda a Euskadi (País Basco) nas duas fronteiras franco-espanholas. Trata-se de uma língua original cuja existência é, sem dúvidas, anterior às invasões indo-europeias.

²⁴ Língua d'oc falada no sul da França desde a Idade Média.

²⁵ Língua de origem românica falada na Catalunha, na Espanha e também parte da fronteira francesa.

²⁶ Palavra de origem francesa que designa o falar essencialmente oral, praticado em uma localidade ou grupo de localidades, principalmente rurais. Designa um sistema linguístico restrito, funcionando em um ponto determinado ou num espaço geográfico reduzido, sem estatuto cultural ou social estável, distinguindo-se do dialeto, do qual se destaca por numerosos traços fonológicos, morfossintáticos e lexicais. Historicamente, a palavra foi usada em sentido pejorativo para desqualificar uma língua sem literatura e rebaixá-la à categoria de dialeto ou algo similar.

fenômeno linguístico da *liaison* em francês, a tendência do desaparecimento ou apagamento das consoantes na fala e possíveis propensões futuras do fenômeno, Tranel (1998) afirma:

The phenomenon of liaison in contemporary French has arisen from the same processes of linguistic change, but on a much more extensive scale, as more words and as more consonants are involved. In Old French, final consonants were pronounced, but from the twelfth to the sixteenth centuries, they progressively disappeared, first in preconsonantal position and then at the pause, leaving them to appear only in prevocalic position. Later, other restrictions came to reduce even more the contexts in which these consonants could appear, so much so that liaison today occurs far less than it used to (but probably more than tomorrow).²⁷ (TRANEL, 1998, p. 169)

Pierret (1994, *apud* NUNES, 2009) em seu capítulo sobre a *liaison*, declara que o fenômeno é sobremaneira uma questão de nível de língua, ao afirmar que a língua corrente do dia a dia realiza menos *liaisons* que a língua erudita ou *standard* e bem menos que língua poética francesa, expressão de uma língua arcaica e em desuso. Deste modo Pierret (1994) ilustra estes níveis de língua ou registro linguístico através do seguinte enunciado abaixo, fazendo a análise dos níveis de língua, desde o mais informal (*langue familière* até a língua poética arcaica e em desuso) e, também apresentando os tipos de *liaisons* realizadas e a quantidade das mesmas em cada nível linguístico do enunciado:

Des hommes illustres ont attendu. (em português: *Homens ilustres esperaram.*)

a) <i>des hommes illustres ont attendu.</i> de[z]hommes [ø] illustres [ø] ont [ø] attendu. (língua familiar) → Há <i>liaison</i> obrigatória realizada somente em artigo + substantivo
b) <i>des hommes illustres ont attendu.</i> de[z]hommes [ø] illustres [ø] on[t]attendu. (língua corrente) → Há <i>liaison</i> obrigatória realizada somente em artigo + substantivo; → Há <i>liaison</i> facultativa entre o verbo auxiliar e o principal.
c)

²⁷ O fenômeno da *liaison* presente no francês contemporâneo surgiu a partir dos mesmos processos de mudança linguística, no entanto numa escala muito mais extensiva, já que mais palavras e consoantes estão envolvidas no processo. No francês antigo, as consoantes finais eram pronunciadas e somente nos séculos XII e XVI, começaram a desaparecer progressivamente, de início na posição pré-consonantal e mais tarde na pausa e realizando-se somente na posição pré-vocálica. Mais tarde, outras restrições contribuíram para a redução mesmo em contextos nos quais essas consoantes poderiam ser realizadas, tanto que atualmente a *liaison* ocorre muito menos do que no passado (e provavelmente mais do que no futuro). (tradução nossa)

<p><i>des hommes illustres ont attendu.</i></p> <p>de[z]homme[z]illustres [ø] on[t]attendu. (língua erudita)</p> <p>→ Há <i>liaison</i> obrigatória realizada somente em artigo + substantivo;</p> <p>→ Há <i>liaison</i> entre o substantivo e o adjetivo;</p> <p>→ Há <i>liaison</i> entre o verbo auxiliar e o principal.</p>
<p>d)</p> <p><i>des hommes illustres ont attendu.</i></p> <p>de[z]homme[z]illustre[z]on[t]attendu. (língua poética arcaica)</p> <p>→ Há a realização de todas das possibilidades de liaisons do tipo C-V</p>

Thomas (1998), por sua vez, justifica as motivações históricas da *liaison* ao afirmar que esta depende de um certo contexto linguístico de ordem fonético e gramatical, frequência de emprego, nível de língua, produção inicial, situação e do mesmo indivíduo diante do enunciado (fator diafásico da língua) quando de sua preferência de uso pessoal e situacional da língua falada. O autor suscita o caráter evolutivo da língua e sua tendência à erosão gradual que se efetua em diferentes pontos do sistema linguístico, precipuamente sobre as consoantes finais das palavras que tendem ao enfraquecimento e ausência na oralidade. As consoantes na língua francesa a) mantem-se como em *sep[t] jours*, b) alteram-se como em *neu[f] / neu[v]ans*, c) apresentam alteração ou queda parcial como em *plu[s] / plu[z]aride, plu [ø]fort*, d) queda parcial *le[z]amis / les [ø] chiens* e d) queda total como em *chat, cha[ø]* e *artichaud, artichau[ø]*. Estudos modernos indicam a dificuldade no reconhecimento da *liaison* por parte dos aprendizes de FLE devido, principalmente, pela distância existente entre dos sistemas de grafia e de pronúncia da língua. Yersin-Besson & Grosjean (1996 *apud* STRIDEFELT, 2005), ao estudar a influência da *liaison* sobre o reconhecimento das palavras, mostraram que há retardamento no reconhecimento mesmo por parte de locutores nativos.

1.3 A categorização da *liaison* em língua francesa

A *liaison*, levando em conta o fator diafásico da língua, ou seja, “diferenças entre os tipos de modalidades expressivas, de estilos distintos, segundo as circunstâncias em que se realizam os atos de elocução do usuário da língua” (FERREIRA, 1994), ocorre em diferentes contextos linguísticos de acordo com dimensões extralinguísticas como, por exemplo, fatores estilísticos e sociais de uso, como se evidencia no caso das *liaisons* facultativas. (CHEVROT et al., 2005).

A *liaison*, além de um fenômeno fonético típico da oralidade, ao realizar-se ou não na fala pode implicar diferentes níveis de compreensão por parte do interlocutor (NUNES, 2009).

O fenômeno estudado é, deste modo, uma potencialidade da língua falada, em que as consoantes finais de uma palavra, consoante de *liaison* (CL), podem ou não serem produzidas na fala do locutor quando seguidas de outra palavra que comece por vogal, no interior da palavra fonética, considerando-se quatro casos possíveis: as *liaisons* obrigatórias, as facultativas (ou estilísticas), as proibitivas (BRIET *et al.*, 2014) e uma quarta categoria denominada de falsa *liaison* ou também *liaison* motivada ou *pataquès*²⁸.

Existem estudos sobre a *liaison* em contextos diversos como, por exemplo, estudantes suecos aprendizes de FLE como língua estrangeira – níveis iniciante e intermediário – em processo de aprendizagem da referida LE (HALLIN, 2016) ou, ainda, aprendizes anglófonos (irlandeses) participantes de um projeto sobre a aquisição do FLE (HOWARD, 2016). Também, dispõe-se de estudos por parte de aprendizes francófonos, portanto não sendo a língua francesa LE, mas LM e, além disso, com a característica de se tratar de crianças em fase aquisição da língua (CHEVROT *et al.*, 2005). Além destes estudos citados, encontramos outros como o que traça um perfil comparativo entre locutores nativos de FLE e falantes não-nativos (NUNES, 2009) ou, também, um estudo que vincula a ocorrência da *liaison* com o processo fonológico da língua francesa chamado *enchaînement* que, em português denominamos juntura, sendo uma ocorrência de fronteiras de palavras (DUBOIS *et al.*, 2006), mas diferindo das *liaisons* por características prosódicas distintas (KAMOUN & RPUAD, 2016), durante o processo de leitura de aprendizes de FLE (NUNES, 2008).

Estudos de Bybee (2001) auxiliam na compreensão do fenômeno da *liaison*, pois em seu texto *Constructions as processing units: the rise and fall of French liaison*, afirma que as restrições de natureza sintática são significativas para as regras de juntura externa na língua francesa, como no caso da *liaison*, e que as informações existentes nas fronteiras das palavras seriam insuficientes para explicar o fenômeno. A autora postula também que aspectos suprasegmentais, como a velocidade da fala, seriam um dos elementos relevantes na realização das *liaisons*. Outro argumento da autora é a importância de fatores sintáticos para o aparecimento/realização da *liaison* ao afirmar que a sintaxe possui papel na implementação do fenômeno e, deste modo, propõe a pertinência tanto de fatores fonológicos como sintáticos. Um exemplo fornecido pela própria autora é aquele em que ocorre o morfema indicador de plural

²⁸ Esta categoria de *liaison* é chamada em língua francesa de *pataquès*, termo que vem da expressão *je ne sais pas-t-à qu'est-ce* (não sei a quem pertence em francês. (TRANEL, 1998)

de determinado sintagma nominal (SN) o qual varia diante de um adjetivo iniciado por vogal, mas não acontece com o mesmo SN diante de um verbo, como no exemplo abaixo:

- a) Les enfants intelligents → Le[z]enfant[z]intelligents.
- b) Les enfants arrivent. → Le[z]enfant # arrivent.

Também para Shane (1967), a *liaison* não ocorre pura e simplesmente no confronto entre duas palavras em cadeia, pois para o autor as implicações sintáticas, assim como para Bybee (2001), são relevantes na realização ou não do processo. O exemplo de que Shane (1967) lança mão para elucidar seu pensamento é a ocorrência do fenômeno entre adjetivo e o substantivo em comparação ao que ocorre entre um substantivo e um adjetivo, como pode-se perceber no seguinte exemplo:

a) Un savant <u>Anglais</u> .	→	(Um inglês sábio)	→	Há <i>liaison</i>
adjetivo+substantivo		substantivo+ adjetivo		

b) Un savant \emptyset anglais.	→	(Um sábio inglês)	→	Não há <i>liaison</i>
substantivo+ adjetivo		adjetivo+substantivo.		

Este exemplo utilizado ilustra as influências sintáticas para a formação e realização da *liaison*, pois a palavra francesa *savant* (sábio) e *anglais* (inglês) tanto podem ter funções sintáticas de adjetivo como de substantivo dependendo do lugar em que ocupam na oração. Ou seja, a *liaison* mais do que uma motivação fonológica, apresenta um caráter sintático envolvido.

O fenômeno da *liaison*, segundo minha experiência docente em âmbito escolar e universitário em cursos de extensão direcionados a aprendizes de FLE tem demonstrado elevado grau de incompreensão quanto aos seus contexto de realização, além de generalização inadequada, por parte do aprendizes, das regra C-V (consoante final + vogal inicial) que não se aplica de forma ampla e irrestrita como pode parecer, num primeiro momento de uso da língua falada. Conseqüentemente, se os aprendizes iniciantes ignoram totalmente a produção das *liaisons* na oralidade, já num segundo momento, com aprendizes intermediários, ocorre o inverso quando produzem de forma generalizada as junturas com quaisquer que sejam as consoantes finais latentes com as vogais subsequentes da cadeia da fala, produzindo assim

desarmonia linguística em desacordo e desobediência às regras de padronização de pronúncia da língua *soignée*²⁹.

Aqui, vale ressaltar a importância da relação entre o fenômeno da *liaison* e o nível de língua usado na oralidade, pois ela representa o delinear do que se entende como modelo de língua falada. Pierret (1994) afirma que é preciso ter-se em mente que a *liaison* é sobremaneira uma questão de nível de língua: na língua corrente (*langue familière*³⁰ em francês) faz-se muito menos *liaison* do que na língua formal (*langue soutenue*³¹ ou *soignée* em francês).

A gramática tradicional da língua francesa descreve três tipos possíveis de *liaisons*, com a ressalva de não haver menção ao quarto tipo denominado *pataquès* e descrito por Bernard Tranel (1998), as quais ocorrem no interior da palavra fonética que decorrem do contexto linguístico envolvido como fatores suprasegmentais (aqueles que estão além do nível da palavra lexical), além de motivações estilísticas, de ordem semântica, como ver-se-á adiante. No entanto, nossa experiência docente bem como trabalhos anteriores sobre a inevitável transferência da língua materna (LM) do aprendiz de FLE e, também, fatores relacionados à segmentação da oralidade e dificuldade de domínio dos processos de ressilabificação por crianças francesas na fase de aquisição da língua, leva a postular uma quarta categoria de *liaison*: as falsas, do tipo *pataquès* ou não. (CHEVROT *et al. apud* NUNES 2009). Deste modo, pode-se elencar as *liaisons* do francês como segue:

- a) Liaison obrigatórias;
- b) Liaisons facultativas ou estilísticas;
- c) Liaisons proibitivas;
- d) Liaisons falsas (*pataquès* ou não).

Segundo estudo conduzido por Boë & Tubach (1992 *apud* CHEVROT *et al.* 2005) quando a qualidade das consoantes envolvidas no processo de realização de *liaisons*, depreendeu-se que cerca de 99,7% dos locutores realizam-nas com /n/, /z/ e /t/ e que as demais ocorrências se passam entre /p/, /r/ e /d/ e são do tipo estilísticas ou obrigatórias, ou seja, potenciais na língua, no entanto não sistematicamente realizadas. (NUNES, 2009). Importante, aqui, mencionar outro estudo feito por Vanessa Gonzaga Nunes (2009) que se propôs a responder as seguintes questões sobre a ocorrência da *liaison*: a) se locutores nativos considerados standard e aprendizes de FLE realizam satisfatoriamente todas as *liaisons*

²⁹ Língua cuidada, isto é, língua *standard* ou formal numa possível tradução do termo em francês.

³⁰ Uso do termo, aqui, justifica-se por ser de relevância quando se fala de nível de língua em francês.

³¹ Uso do termo, aqui, justifica-se por ser de relevância quando se fala de nível de língua em francês

obrigatórias; b) de que maneira esses locutores mencionados realizam as *liaisons* estilísticas; c) considerando os contextos proibitivos de *liaisons*, qual é o comportamento de locutores nativos e aprendizes de FLE e d) há, por ventura, outros contextos não considerados pelas regras da gramática tradicional francesa em que esse locutores e aprendizes de FLE realizam *liaisons* e, se em caso afirmativo, essas falsas *liaisons* provocam fenômenos de ordem fonológicos/fonéticos como apagamento segmental ou processo de ressilabificação.

O achado da referida pesquisadora afirma que 89,6% dos locutores nativos realizam as *liaisons* obrigatórias, mesmo que em 10,4% não tenha havido realização delas. Por outro lado, os aprendizes de FLE realizam as *liaisons* obrigatórias em somente uma escala de 17,24% a 58,62%, o que implica pensar na dificuldade que esta categoria de juntura externa se apresenta ao aprendiz de FLE como LE. Quanto às *liaisons* estilísticas, os locutores nativos realizam-nas em 66,5% ao passo que os aprendizes de FLE, em níveis intermediários de aprendizado da LE, pertencentes aos níveis B e C do QECR-LE³² e iniciantes, nível A do mesmo quadro, não as realizam, variando entre 0% a 6,5% dos casos. O nível avançado (C) realizou cerca de 62,5% das *liaisons* facultativas. Já quanto às proibitivas, tanto os locutores nativos quanto os aprendizes de níveis B e C não as realizaram. No entanto, os aprendizes de nível avançado (C) apresentaram uma alta ocorrência de *liaisons* proibitivas (cerca de 77,78%) o que pode ser justificado pelo processo de autocorreção presente no transcurso de aprendizado de uma LE e resultado da generalização recorrente da regra consoante-vogal da língua francesa. Sobre as falsas *liaisons*, observou-se que sob a transferência da LM do aprendiz, houve apagamentos segmentais e ressilabificação típicos das *liaisons* obrigatórias, assim como complexidade do fenômeno para o aprendiz de FLE.

1.4 A *liaison* e seus contextos linguísticos de realização

Em geral, as *liaisons* obrigatórias ocorrem na ligação entre a palavra “menos importante” à palavra “mais importante” da palavra fonética, numa unidade de sentido e ritmo. Já as *liaisons* facultativas ou estilísticas se realizam quanto mais longa for a palavra fonética e quanto mais

³² O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, Ensino, Avaliação (QECR-LE) (em língua inglesa *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment* (CEFR)) é um padrão europeu, utilizado também em outros países, que serve para medir o nível de compreensão e expressão oral e escrita numa determinada língua. O projeto é o resultado de um trabalho iniciado em 1991 por iniciativa do governo federal suíço que esteve inspirado em trabalhos prévios realizados por particulares e instituições desde 1971. O documento final foi elaborado pelo Conselho da Europa e apresentado em 2001 durante a celebração do Ano Europeu das Línguas. O QECR-LR está dividido em seis grandes níveis: A1, A2, B1, B2, C1 e C3 de acordo com os níveis de conhecimento linguístico e de comunicação do falante.

formal for o registro linguístico. Por sua vez, as *liaisons* proibitivas acontecem somente no interior da palavra fonética. (BRIET *et al.*, 2004). Quanto às *liaisons* do tipo facultativas, pode-se afirmar que o fenômeno possui, também, implicações pragmáticas já que, segundo estudo realizado por Encrevé (1983) em *La liaison sans enchaînement*, por meio de pronunciamentos de dirigentes políticos atuais franceses em meios de comunicação (rádio e televisão), esse tipo de *liaison* mostrou-se progressivamente abandonado na fala dos locutores e, portanto, não categórica ou realizada sem *enchaînements*, em que a consoante final mantém-se muda “ficando solitária na primeira palavra e separada, o mais frequentemente por um golpe de glote, da vogal [da palavra] seguinte (ENCREVÉ, 1983). Assim a *liaison* sem *enchaînement* cada vez mais usada na língua falada a partir de um decênio até agora, não é restritiva de políticos ou de pronunciamentos destes, mas de todos os profissionais do discurso público veiculado pela mídia e, deste modo, “outros fenômenos fonéticos que se estendem à toda a população [de franceses] podem considerados” (ENCREVÉ, 1983):

Le lien, traditionnellement affirmé, entre la proportion de réalisation des liaisons facultatives et les caractéristiques sociales des locuteurs ne pourrait être précisément établi qu’au moyen d’un modèle très complexe prenant en compte d’une part l’origine sociale, le capital culturel, et la génération et d’autre part le marché.³³ (ENCREVÉ, 1983, p. 48)

A referida pesquisa de Monsieur Pierre Encrevé (1983) levou em conta uma amostra de 21 locutores (dirigentes políticos nacionais franceses) que se pronunciavam regularmente por meio mídias audiovisuais dado determinado período. Todos estes políticos franceses foram ou são ministros de Estado, com exceção de quatro deles, que são dirigentes sindicalistas. Sobre estes homens públicos, Monsieur Pierre Encrevé (1983) afirma:

Tous sont des professionnels de la politique et entretiennent un rapport au langage largement déterminé par cette professionnalisation. Bien que les discours recueillis présentent une variation stylistique, au sens où les conditions de la prise de parole et le marché immédiat diffèrent selon qu’il s’agit d’allocutions monologués, des conférences de presse, d’entretiens radiodiffusés ou télévisés avec des journalistes, ou de débats entre dirigeants politiques, l’ensemble est pourtant relativement homogénéisé.³⁴ (ENCREVÉ, 1983, p. 49)

³³ A ligação, tradicionalmente tida, entre a proporção de realizações de *liaisons* facultativas e características sociais dos locutores somente pode ser estabelecida de forma precisa por meio de um modelo bastante complexo que leve em conta, por um lado, a origem social [dos locutores], seu capital cultural, sua geração e, de outro lado, o mercado [das telecomunicações]. (tradução nossa)

³⁴ Todos [os locutores] são profissionais da política e mantém ligação com a linguagem largamente veiculada por este tipo de profissionalização. Apesar de que os discursos recolhidos apresentem determinada variação estilística, no sentido de que as condições de tomada de palavra [execução do discurso], assim como o mercado imediato mostram diferenças quanto às condições de monólogo, conferências para a imprensa, entrevistas difundidas aos jornalistas no rádio ou televisão ou, ainda, debates políticos, os quais, no seu conjunto, são assim de natureza relativamente homogênea. (tradução nossa)

<i>Liaisons estilísticas ou facultativas</i>			
	<i>Facultativas possíveis</i>	Facultativas realizadas em %	Facultativas sem <i>enchaînement</i> em %
Barre R.	154	62,3	13,5
Cheyssou C.	205	51,7	8,5
Chirac J.	488	59	15,2
Courve de Mourville M.	147	49	9,7
Débre M.	196	49	18,7
Fiterman C.	114	32,5	13,5
Garaud M.-F. *	95	33,7	3,2
Giscard d'Estang V.	1200 **	61,1	11,1
Jospin L.*	242	32,2	16,7
Lecanuet J.	229	38,4	4,5
Maire E.*	171	19,9	17,7
Marchais G.*	505	18,8	18,6
Mauroy P.	128	35,2	6,7
Mendès France P.	285	33,7	5,2
Messmer P.	96	30,2	6,9
Mitterrand F.	822 **	62,5	12,5
Pelletier M.	76	48,7	10,8
Peyrefitte M.	90	66,7	1,7
Poniatowski M.	225	42,2	14,7
Rocard M.	122	61,5	0,0
Veil S.	190	52,3	7,6

Acredita-se que é ilustrativo apresentar o quadro de Monsieur Pierre Encrevé (1983) com a lista dos dirigentes políticos franceses e as porcentagens de realização de *liaisons* (facultativas possíveis, facultativas realizadas e facultativas não-realizadas) a partir dos dados coletados pelo autor entre 1978 e 1981, na França:

Tabela de Monsieur Pierre Encrevé (1983) com dirigentes políticos franceses atuais³⁵

*Dirigentes sindicalistas

³⁵ Vale informar que quando se afirma “dirigentes políticos franceses atuais” está-se fazendo referência ao período da coleta de dados que foi nos anos de 1970 e 1980, portanto eram “atuais” naquela época e não mais hoje. No entanto, acredita-se que a validade se mostra relevante ainda atualmente, assim como pioneira e elucidativa em relação ao fenômeno das *liaisons* facultativas sem *enchaînement*.

** Dirigentes políticos com maior número de realização de *liaison* possíveis

Total de *liaisons* facultativas possíveis n= 5787

Ainda, segundo Briet *et al.* (2014) e reflexão sobre as *liaisons* do tipo estilísticas ou facultativas, o autor considera-as como marcas próprias do registro linguístico formal da língua falada e do contato do locutor com a língua escrita. Para Briet (2014), levando em conta o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas Estrangeiras (QECR-LE, 2018) em *La prononciation en classe, les outils malins du FLE*:

[...] Nous attirons l'attention sur le mot phonétique et exigeons l'utilisation des enchaînements et des liaisons obligatoires dès le niveau A1. Respecter les liaisons interdites est faisable au niveau A2, tandis qu'on pourra maîtriser les liaisons facultatives aux niveaux B1/B2.³⁶ (BRIET, 2014, p. 17-18)

Ademais, sobre a realização ou não das *liaisons* e sobre a categoria envolvida, Dugua *et al.* (2002), ao estudar um grupo de 200 crianças francesas em processo de aquisição da língua, com comparação com locutores adultos, e utilizando os vocábulos *un* (um) e *deux* (dois) que, potencialmente, numa *liaison* facultativa realizar-se-ão, assim com os adjetivos *petit* (pequeno) e *gros* (grande). Desde modo, a juntura foi realizada em 100% dentre adultos e considerada como obrigatória pelos mesmos, mas não quanto se tratou dos dois adjetivos em questão. Portanto, Dugua *et al.* (2002) conclui que a aquisição da *liaison* é mais eficaz para aquelas que se seguem por um determinante, ou seja, as *liaisons* tipo obrigatórias são mais evidentes e frequentes. A média das porcentagens logo após um determinante evoluiu significativamente entre as idades de 2-3 anos (36%) e 3-4 anos (54%), assim como entre 3-4 anos e 4-5 anos (80%), já que se observa um platô de realização nesta faixa etária de 5-6 anos (83%). Para as *liaisons* facultativas o aumento das médias é irrelevante entre 2-3 anos (12%) e 3-4 anos (14%) e tende a aumentar levemente entre 3-4 anos e 4-5 anos (22%) e enfim significativa em ter 4-5 anos e 5-6 anos (33%).

Por outro lado, as *liaisons* obrigatórias aumentam expressivamente, então, entre 2 e 5 anos de idade, enquanto a evolução das facultativas inicia-se aos 3-4 anos e segue até os 6 anos. O referido estudo evidencia a sensibilidade do processo de aquisição em relação à frequência da sequência de palavras contíguas do tipo C-V presentes no ambiente linguístico e condicionadas socialmente. De fato, a observação da interação mãe-filhos sugere que as crianças de pais com status social elevado têm vantagens quanto ao reconhecimento e realização

³⁶ Chama-se atenção para palavra fonética e exige-se a utilização dos encadeamentos [*enchaînements*] e das *liaisons* obrigatórias desde o nível A1 [do QECR-LE]. Respeitar as *liaisons* proibitivas é aceitável no nível A2, ao passo que se poderá dominar as *liaisons* facultativas nos níveis B1/B2. (tradução nossa)

das *liaisons* (HOFF, 2002 apud DUGUA, 2002). Portanto o meio social desempenha papel preponderante, pois o meio social elevado (*milieu cadre*) são favorecidos em relação ao meio social operário (*milieu ouvrier*) (NARDY, 2003 apud CHEVROT et al., 2002). Deste modo, faixa etária do locutor, nível social, locutor em processo de aquisição da língua ou locutor adulto são de relevante importância no reconhecimento e realização das categorias de *liaisons*.

1.5 A categoria especial de falsa *liaison pataquès*

Em língua francesa é recorrente a realização de falsas *liaisons* as quais são denominadas *pataquès*, palavra originada a partir da expressão francesa *j'n'sais pas-t-à qu'est-ce !* (*Não sei a quem pertence!* em português). Ocorre a junção indevida de uma consoante final devido a um desvio ou erro de pronúncia. Assim, dois tipos *pataquès* podem ocorrer na língua falada: aquele a partir da palavra *cuir* (couros) com a inapropriada *liaison* com um [t] e outro a partir da palavra *velours* (veludo) com também inapropriada *liaison* realizando-se em [z]. Ambas as junções acontecem inadequadamente pois o som de [z], fricativa vozeada, é mais suave que o som de [t], oclusiva vozeada. Todavia, as *liaisons pataquès* não devem ser admitidas como adequadas apesar das motivações errôneas de escrita e pronúncia da língua. Por exemplo, o uso do [t], um recurso estilístico com a finalidade de evitar o confronto de duas vogais na cadeia de fala e mesmo escrita, como nos casos de *Aime-t-il* e *Dîne-t-elle*, percebe-se as mesmas motivações que em *cuir* e *velours* provenientes do século XVI. (TRANEL, 1998)

Atualmente estas frases ainda são escritas com o uso do [t] “estilístico” e pronunciadas como *aime[t]il* e *dîne[t]elle*, em que o [l] começa a ser omitido na fala, ou seja, o [i] passa a realizar-se em [ɛmti] e [dintɛl] o [l] de [il] não era pronunciado. Esta reintrodução na pronúncia foi seguida de uma também reintrodução na ortografia. Outro caso que pode elucidar este fenômeno controverso e curioso da língua francesa, é o caso dos verbos terminados por [s] para segunda pessoa singular imperativo afirmativo que, quando seguidos dos pronomes *y* e *en* tem seu [s], antes latente e adormecido na fala, realizados na oralidade (ver tabela):

Casos do tipo <i>velours</i>			
manges-en	[mãʒzã]	mange un peu	[mãʒɛpø]
vas-y	[vazi]	va à paris	[vaapari]

Exemplos de *liaisons pataquès* (*velours*)

expressão	<i>velours</i>	norma
quatre officiers	[katzofisje]	[katzofisje]
huit épreuves	[ʔizeeprøe]	[ʔizeeprøe]
neuf œufs	[nœfzø]	[nœfzø]
vingt-cinq années	[vetøkzane]	[vetøkzane]
trois milles évèques	[trwamilzevek]	[trwamilzevek]

1.6 A falsa *liaison* motivada pelo processo de aquisição da LM

Sabe-se que enunciados de uma criança não são organizados em estruturas e categorias abstratas, mas ordenados ao redor de sequências de palavras específicas. A partir do processo de aquisição da LM, as mudanças desenvolvimentais³⁷ da criança são guiadas pelo uso e repetição, em que as crianças memorizam sequências específicas dado o contato com pais, professores e amigos de escola participantes de seu ambiente mais íntimo.

Segundo Bock (1999), o desenvolvimento humano deve ser compreendido globalmente, mas para efeito de estudo, pode ser dividido quatro aspectos básicos: a) aspecto físico-motor que diz respeito ao crescimento orgânico, à maturação neurofisiológica, à capacidade de manipulação de objetos e de exercitar o próprio corpo; b) aspecto intelectual que é a capacidade que temos de pensar e raciocinar; c) aspecto afetivo-emocional relacionado ao modo individual que cada pessoa tem de perceber e assimilar suas experiências e senti-las; d) aspecto social que é o modo particular como cada ser humano reage diante das situações que envolvem outras pessoas, são, portanto, as relações interpessoais. Deve-se destacar ainda que todas as teorias do desenvolvimento humano partem dos pressupostos do que os quatro aspectos citados por Bock (1999) são indissociados, mas elas podem enfatizar aspectos diferentes, ou seja, estudar o desenvolvimento global a partir de um destes aspectos.

Assim, esquemas linguísticos e categorização como as sintáticas ou fonológicas mais abstratas emergem de aquisições iniciais concretas de ambientes familiares à criança e serão combinados segunda a criatividade do aprendiz. O motor propulsor desta estruturação é a

³⁷ As mudanças desenvolvimentais acontecem de maneira ordenada, direcionais e estáveis. São ordenadas porque ocorrem sempre em uma sequência. Direcionais porque mostram certo tipo de acumulação ou organização de componentes, ou seja, cada mudança na sequência se constrói sobre os resultados das mudanças anteriores. Essa sequência progressiva, resulta em um melhor desempenho daquilo que se aprendeu. E por último as mudanças no desenvolvimento são estáveis porque seus efeitos não desaparecem a curto prazo (BERNS, 1994).

aplicação de habilidades gerais inatas da criança, dentro dos domínios cognitivo e sociocognitivo. (CHEVROT et al., 2005).

Ora, as inferências da criança em relação às regras da língua são uma resposta de mecanismos inatos de tentativa de generalizações a partir do substrato ambiental, pois “a criança apoia-se [...] em conhecimentos inatos de estruturas linguísticas abstratas comuns às línguas do mundo. Face a esta concepção inatista, as alternativas são propostas, principalmente no domínio do desenvolvimento sintático.” (CHOMSKY, 1999 *apud* CHEVROT et al., 2005). E, deste modo, muitos dos fenômenos linguísticos e entre eles as *liaisons* que, aqui, consideramos falsas ou um desvio do aceitável, nada mais são do que tentativas de generalizações feitas pela criança a partir do substrato linguístico ambiental a ele oferecido.

Chevrot *et al.* (2005) ainda discorrendo sobre a criança no período de aquisição da língua, suas tentativas de generalizações linguísticas e consequentes desvios da norma *standard* de realização das *liaisons* com o é o caso das consideradas falsas, afirma categoricamente a prerrogativa do ambiente sintático baseado no uso, repetição e oferta de *input* à criança em estágio de aquisição de sua LM:

Même si la liaison n'est généralement pas considérée comme un phénomène syntaxique, mais comme une alternance phonologique qui engage d'autres niveaux structuraux (lexique, morphologique et syntaxe) ainsi que des dimensions non linguistiques (influences stylistiques et sociales sur les liaisons facultatives), les résultats dont nous disposons confortent un scénario d'acquisition en accord avec cette conception du développement syntaxique basée sur l'usage.³⁸ (CHEVROT, 2005, p. 38)

Estudos afirmam que as crianças na etapa de aquisição da LM, assim como os aprendizes estrangeiros de FLE, apresentam considerável dificuldade de segmentação da palavras na cadeia da fala, bem como obstáculos em dominar o processo de ressilabificação que origina a *liaison*, pois neste período de suas vidas são incapazes de promover os processos de segmentação lexical e fonológica e formação de sintagmas próprios da língua. Em outras palavras, a criança e o adulto aprendiz de FLE não sabe onde começa e onde termina uma palavra lexical ou fonológica, sendo para ambos, impossível ou intrincado perceber auditivamente as fronteiras entre as palavras e os processos de junturas externas entre elas.

Chevrot *et al.* (2005), ao examinar as *liaisons* de crianças francesas, observou que elas lançam mão de estratégias próprias de segmentação oral, já que nesta fase ainda não são

³⁸ Mesmo que a *liaison* não seja considerada como um fenômeno [puramente] sintático, mas como um tipo de alternância fonológica que contempla diferentes níveis estruturais (lexical, morfológico e sintático), assim como dimensões extralinguísticas como influências estilísticas e sociais em relação às *liaisons* facultativas, os resultados de que dispomos estão de acordo com um cenário de aquisição em conformidade com a concepção do desenvolvimento sintático baseado no uso. (tradução nossa)

influenciadas pela escrita. Este processo estratégico aponta o entendimento do fenômeno que ocorre com os aprendizes adultos de FLE. Por exemplo, sintagmas nominais como *l'ours* (o urso), são realizados pela criança como [lnurs], ou ainda como *deux ours* (dois ursos) como [dø'nurs] ou [dø'urs]. O fato tem lugar já que a criança em tenra idade e ainda não exposta à escrita, está diretamente frente ao sintagma do padrão *un ours* em que se faz *liaison* do [n] com o [w] da palavra seguinte, realizando-se em [nurs] e deste modo, podem-se depreender que, a título de entendimento da estratégia de segmentação da criança, nota-se que o [n] que aparece nada mais é do que a *liaison* própria à linguagem infantil herdada de uma referência anterior e usada como modelo provável de segmentação lexical e fonológica. (CHEVROT et al., 2005).

Desta maneira, crianças francesas na faixa etária entre 2 e 6 anos produzem oralmente os seguintes sintagmas auditivamente: [nurs], [lurs], [zurs], [turs] e [urs] pela influência de suas estratégias de segmentação e com base em modelos prévios ouvidos a partir das expressões *un ours*, *l'ours*, *deux ours*, *petit ours* e *ours*. Essa criança pode chegar a ter de cinco alomorfes no interior de seu léxico interno para se referir ao animal em questão, mas não consegue ligar a palavra *ours* com a primeira da cadeia da fala, o determinante que acompanha a palavra *ours* (urso) talvez por ser uma palavra menos importante (clítico ou adjetivo) ou estar acoplada à principal quando da fala que lhe serve de modelo. (CHABANAL, 2003). Alguns estudos demonstram que as crianças com 10 ou 11 realizam cerca de 12% das *liaisons* facultativas, ao passo que os adultos considerados “cultivos” (eruditos) realizam-nas em cerca de 79% dos casos dada uma situação formal de uso da língua falada (AHMAD, 1993 *apud* CHEVROT et al., 2005).

Já os locutores nativos adultos apresentam determinado domínio do processo de ressilabificação e segmentação léxico-fonológica, como no exemplo de *les avocats* (os advogados), realizando-o em *le[z]avocats*, o que não acontece com *les sacs* (as bolsas) que realiza como *le[ø]sacs* por se tratar de uma não assimilação do vozeamento, já que há confronto entre duas sibilantes e não se obedece à regra C-V para ocorrência de *liaison*. Segundo Pagliano & Laks (2005) o aumento da faixa etária, a entrada no mercado formal de trabalho e inserção social contribuem para o maior rendimento na realização das *liaisons*. Também as trajetórias sociais individuais se configuram em índices de modificação de posicionamento no espaço social e, como consequência, o falante realizará maior quantidade de *liaisons*. Portanto, a relação com idade, nível social e ambiente sociocultural está estreitamente ligado ao fenômeno da *liaison*, sendo esse uma espécie de termômetro dos fatores anteriormente mencionados. A

liaison, além de uma ocorrência linguística, apresenta-se como um fenômeno cultural e social de um povo perante sua língua e cultura

1.7 O uso da falsa *liaison* entre aprendizes de FLE

A partir de estudos realizados com aprendizes de FLE realizados por Nunes (2009), mesmo em nível avançado, demonstram que os percentuais de realização de *liaison* facultativa são relativamente inferiores àqueles dos locutores nativos que sobre empregam as variantes formais, mesmo em contextos em que as variantes informais seriam socialmente mais adequadas. (NUNES, 2009). Howard (2005) acrescenta que aprendizes de FLE revelam taxas de emprego de *liaison* muito pouco elevadas na relação (adjetivo + substantivo) ou (pronome + objeto) e que alguns aprendizes pesquisados deliberadamente não realizaram as *liaisons* facultativas em grande número de contextos sintáticos possíveis de ocorrência. Também, Laks (2005) mostra que a *liaison* pode ser possível no interior de uma palavra fonética e proibitiva entre duas palavras fonológicas, podendo-se ter, em um mesmo contexto segmental, uma *liaison* que pode ser obrigatória, estilística ou proibitiva. Entretanto, os aprendizes de FLE demonstram certa hesitação quanto ao uso das regras e possivelmente, com o intuito da realização e uso da *langue soignée* socialmente privilegiada, culminam em desvios das regras devido à hipercorreção.

A literatura sobre as falsas *liaisons* ou motivadas por transferência da LM considera que os locutores, às vezes, inserem uma consoante por processo de epêntese³⁹, como por exemplo [n], [t] ou [z] entre duas palavras, mesmo que essa consoante não corresponda à consoante latente necessária à realização da *liaison*. Determina-se a este tipo de *liaison*: falsa ou motivada. Portanto, além das *liaisons* obrigatórias, facultativas e proibitivas, considerou-se um quinto tipo possível do fenômeno fonológico: a falsa *liaison*. Chevrot *et al.* (2005) afirmam que a aparição, às vezes obrigatória, de um [t], por exemplo, fruto de uma *liaison*, pode influenciar outras pronúncias, como é o caso já citado dos exemplos de *aime-t-il* ou *dîne-t-elle*, em que um [t] epêntico sem motivação sintática, mas sim por motivos de pronúncia e respeitando a regra áurea do francês de não propiciar o encontro entre duas vogais (V+V), por razões de eufonia.

³⁹ Acréscimo de fonema no meio do vocábulo devido a motivações históricas e prosódicas. O fenômeno sempre ocorreu, como se observa nos seguintes exemplos sobre a diacronia de palavras do latim tardio para o português atual: *honorare* > honrar > ondrar (arc.), *humile* > humilde, *simulante* > simlante > sembrante (arc.) > semblante, *stella* > estrela, *umeru* > ombro. A epêntese é recurso para a eliminação do hiato, como em *arena* > area > areia, *credo* > creio > creio, *mea* > mia > minha, *tela* > tea > teia, *vinu* > vïo > vinho.

Ainda, de acordo com esses autores, a utilização frequente de enunciados do tipo: *il est allé* ou *on est arrivé*, na terceira pessoa do singular, potencialmente culmina na pronúncia na primeira pessoa do singular: [‘tale] para *je suis allé*, devido às dificuldades de segmentação. O [t] adormecido da primeira palavra em alguns verbos deve estar ligado a uma vogal ou a um *h* mudo para que se realize ressilabificação, processo que não tem razão de existir no exemplo apresentado acima, já se trata de verbo conjugado na primeira pessoa. Seria a influência da exposição à forma na terceira pessoa do singular, um caso semelhante ao que ocorre na produção de crianças nativas. No entanto, ao se considerar a falsa *liaison* a partir de realizações que não tinham motivação, foram destacadas todas as produções de consoantes e vogais que promoveram *liaison*. Afere-se que a prática de realização de *liaisons* pode ser motivada por transferência oriunda da língua portuguesa, como se constata em produções de palavras em francês, cuja ortografia é muito próxima do português, devido às origens comuns de ambas as línguas neolatinas.

A palavra *style* (estilo) ou *stylo* (caneta), por exemplo, normalmente pronunciada [es‘tile] ou [is‘tile] e [es’tilo] ou [is’tilo] aos moldes da palavra “estilo” do português pode ser uma motivação para a inserção de [e] ou [i] por processo de acréscimo chamado prótese⁴⁰.(NUNES, 2008). Outro exemplo de transferência da pronúncia do português para o francês é para a expressão *ces spectacles*, podendo ser realizada em francês em *ce[iz]pectacles*, pois a segunda palavra inicia por consoante e, dessa maneira, não haveria motivo para a realização de uma *liaison*. Acredita-se, no entanto, que, por influência do português (a palavra *spectacle* se aproxima muito da palavra “espetáculo” em português) e pela dificuldade de realizar um *onset*⁴¹ complexo do tipo *sp*, o locutor insere uma vogal epentética no início dessa palavra, transformando o *onset* complexo *spe* em [ispe], realizando então uma falsa *liaison*. (NUNES, 2009).

Para fins elucidativos, usaremos os quadros de classificação das três categorias de *liaisons* (quadro 1, 2 e 3), considerando o contexto sintático de realização delas. Os quadros propostos por Delattre (1951 apud PLAGLIANO & LAKS, 2005), Léon (1966), Malmberg (1976 apud ROSSI, 1998), assim como Briet *et al.* (2014), ainda estão presentes nas Gramáticas Normativas da língua francesa *standard*. Já o quadro 4, proposto por Briet *et al.* (2014) apresenta de forma particular as *liaisons* obrigatórias de acordo com a qualidade da CL envolvida, suas percentagens de uso e exemplos de léxicos em francês.

⁴⁰ Acréscimo de fonema no início do vocábulo, como em *scutu* > escudo e *spiritu* > espírito.

Quadro 1. Contexto de *liaison* obrigatória apresentado em Delattre (1951 *apud* PAGLIANO & LAKS, 2005) e em Briet *et al.* (2014)

<i>Liaisons</i> obrigatórias	
artigo + substantivo	les <u>en</u> fants, aux <u>a</u> mis, des <u>a</u> bricots
adjetivo + substantivo	ces <u>a</u> mis, cet <u>h</u> omme, petit <u>e</u> nfant
pronome pessoal + pronome <i>y</i> e <i>en</i>	vous <u>y</u> êtes, nous <u>e</u> n savons
verbo (impessoal) + adjetivo	c'est <u>u</u> n, c'est <u>e</u> vident
preposição + substantivo	dans <u>u</u> n an, <u>e</u> n <u>h</u> iver, <u>e</u> n <u>a</u> utomne
advérbio monossílabo + adjetivo	très <u>u</u> tile, très <u>i</u> mportante
numeral + substantivo	deux <u>o</u> ranges, dix <u>o</u> ignons, neuf <u>a</u> ns

Quadro 2. Contexto de *liaisons* facultativas ou estilísticas apresentado em Delattre (1951 *apud* PAGLIANO & LAKS, 2005) e em Briet *et al.* (2014)

<i>Liaisons</i> facultativas ou estilísticas	
verbo + verbo	il <u>e</u> st allé, je vais <u>a</u> rriver
verbo + preposição	nous allons <u>a</u> paris
conjunção monossílabo	mais <u>a</u> lors, mais <u>o</u> n dit
substantivo plural + adjetivo	plats <u>e</u> xquis, savants <u>a</u> nglais
pronome numeral pessoal +	plusieurs <u>e</u> coutent
pronome pessoal posterior +	amusons-nous <u>u</u> n peu,
verbe + adjetivo	je suis <u>a</u> méricain, elle est <u>a</u> nglaise
preposição +	depuis <u>u</u> n an
advérbio polissílabo +	jamais <u>a</u> l'heure
negação + verbo	elle n'est pas <u>a</u> llée au marché
negação + advérbio	je n'en suis pas <u>e</u> ncore là !
depois de conjunção de subordinação <i>quand</i> e do pronome relativo <i>dont</i>	c'est quand <u>i</u> l veut ce <u>d</u> ont elle se souvient

Quadro 3. Contextos de *liaisons* proibitivas apresentadas em Léon (1966 *apud* ROSSI, 1998), Malmberg (1976 *apud* ROSSI, 1998) e em Briet *et al.* (2014)

<i>Liaisons</i> proibitivas	
entre dois grupos rítmicos	alors \emptyset il arrive
depois dos pronomes pessoais il e elle em interrogações com inversão	vont-ils \emptyset arriver, sont elles \emptyset arrogantes
depois da conjunção et	il va et \emptyset il vient, jean et \emptyset Ophélie
verbo + verbo no infinitivo	il doit \emptyset être, elle peut \emptyset ordonner
substantivo + substantivo	Albert \emptyset Amiel, mon cousin \emptyset Adolphe
substantivo/adjetivo + preposição	un moulin \emptyset à vent, des sacs \emptyset à vendre
substantivo + adjetivo singular ⁴²	un enfant \emptyset adorable, le carnet \emptyset orange
adjetivo + adjetivo ⁴³	des vins rouges \emptyset italiens
substantivo singular ou plural	le camion \emptyset arrive, étudiants \emptyset irlandais
negação com rien ⁴⁴	il n'y a rien \emptyset ici
negação com non ⁴⁵	un livre non \emptyset achevé, non \emptyset adorable
palavras que possam ser isoladas por motivo enfático	il dit \emptyset oui ! mais \emptyset oui !
alguns números ⁴⁶ (ordinais e cardinais)	les \emptyset huit jours, les \emptyset huitièmes de finales
para distinguir singular e plural	enfant \emptyset adorable – enfants <u>a</u> adorables
para distinguir substantivo de um adjetivo	savant \emptyset aveugle (subst. + adjt.) savant <u>a</u> aveugle (adjt. + subst..)
expressões fechadas com [z], [t] e [n]	nez \emptyset à nez de part \emptyset en part bon \emptyset à rien
diante de <i>h</i> considerado aspirado	les \emptyset héros, en \emptyset haut, le \emptyset huit, très \emptyset hargueux
depois do numeral <i>cent</i> seguindo de outro numeral	cent \emptyset onze ans

⁴² No plural, a *liaison* pode ser facultativa: *des enfants* a adorables.

⁴³ Mas há *liaison* em: *un portail grand* ouvert.

⁴⁴ Mas há *liaison* em: *rien* a faire ou *rien* a voir.

⁴⁵ Mas há *liaison* em: *non* a activité.

⁴⁶ Mas há *liaison* com: *dix-huit*, *vingt-huit*. Pode-se dizer *les* \emptyset onze ou *il est* onze heures.

Sobre o quadro 5, abaixo, pode-se observar que quanto à qualidade das consoantes envolvidas na realização das *liaisons*, há o decréscimo de /z/, /s/ em relação a /t/, /d/ e destas em relação a /r/ e depois, em última posição de ocorrência o som de /p/. De outra forma, evidencia-se a ocorrência da realização das *liaisons* em cerca de 49% delas com fricativas alveolares vozeadas, 28,2% com oclusivas alveolares vozeadas e não-vozeadas, 22,5% com nasal alveolar vozeada, 0,25% com vibrante alveolar vozeada e somente 0,05% com oclusiva bilabial desvozeada. Assim, com exceção de /p/ que tende a ser de uso facultativo, as demais consoantes se realizam com vozeamento e, portanto, com processo de ressilabificação e formação de nova unidade de significado e ritmo, ou seja, nova sílaba com formação de um pico de sonoridade em posição de *onset*. Para exemplificar, pode-se apresentar o seguinte exemplo esquematizado, enfatizando o processo de formação de nova sílaba e vozeamento das consoantes antes desvozeadas:

J'ai deux amis au Brésil et ø un grand ami en Belgique.

Em que: *deux amis*, realiza-se em **deu[z]amis** e *grand ami* em **gran[t]ami**.

Quadro 5. BRIET et al., 2014. *Liaisons* obrigatórias segundo a qualidade da consoante envolvida na ressilabificação no interior da palavra fonética.

<i>Liaisons</i> obrigatórias		
Regra geral: A palavra menos importante se liga à menos importante dentro da palavra fonética criando unidade de semântica e rítmica. (BRIET et al., 2014)		
pronúncia	grafia	Exemplos
/z/ 49%	s x z	les, des, ces, mes, tes, ses, nos, vos, leurs quelques, plusieurs, certains, quels, trois nous, vous, ils, elles dans, sans, sous très, plus, moins (advérbio monossilábico + adjetivo) deux, six, dix, (de) nombreux, mieux en mieux chez
/t/ 28,2%	t d	est-il, sont-ils, ... tout, tant un grand ami (adjetivo + sunstantivo)

/n/ 22,5%	n	un, aucun, mon, ton, son on en, bien, rien
/r/ 0,25%	r	premier étage (adjetivo + substantivo)
/p/ 0,05%	p	trop (advérbio monossilábico + adjetivo) ! uso tem evoluído para a liaison facultativa.

1.8 Similaridades entre francês, inglês e português

Ao como se compara os três exemplos abaixo: a) *liaison* (francês), b) *linking sound* (inglês) e c) juntura (português), pode-se inferir que o mesmo fenômeno estará nas três línguas, em que pese seus troncos de origens diferirem: o português e o francês sendo línguas neolatinas, provindas do latim vulgar e o inglês uma língua anglo-saxônica⁴⁷ mais semelhante a línguas como alemão ou neerlandês:

- a) Ils ont une grosse voiture rouge. (Eles têm um carro vermelho)
Il[z]ont ...
- b) We met anyone from that far away. (Conhecemos algum de tão longe)
... fa[r]way
- c) Ela tem bonecas alemãs.
... boneca[z]alemãs

No exemplo a) há um processo de *liaison* em que a CL, neste caso uma sibilante [s] latente e não pronunciada quando a palavra está isolada, passa a ser realizada na cadeia prosódica, tratando-se de uma *liaison* do tipo obrigatório, pois ocorre no contexto sintático entre sujeito e verbo. Além disso, outra característica é a do nível fonológico do processo, já que a

⁴⁷ Vale ressaltar que o inglês é uma língua germânica ocidental que surgiu nos reinos anglo-saxônicos da Inglaterra e se espalhou para o que viria a tornar-se o sudeste da Escócia, sob a influência do reino anglo medieval da Nortúmbria. Após séculos de extensa influência da Grã-Bretanha e do Reino Unido desde o século XVIII, através do Império Britânico. No entanto, um número significativo de palavras em inglês é construído com base nas raízes do latim, visto que esse idioma foi, de alguma forma, a língua franca da Igreja Cristã e da vida intelectual europeia. Não se pode deixar de considerar que grande parte do vocabulário do inglês é de origem latina, pois muitas palavras do inglês possuem um correspondente latino para uma palavra anglo-saxã: *happiness* /*felicity*, *school* (*schola* em latim), *herb* (vem de herba), *freedom/liberty*, *answer/respond* etc.

sibilante passa de desvozeada para vozeada. Mais uma vez, vale ressaltar os aspectos fonológicos e sintáticos envolvidos no processo de realização deste tipo de *liaison*. Já no exemplo b) em relação ao inglês, principalmente o inglês com a pronúncia britânica, o [r] final de “far”, latente e não pronunciado quando da palavra tomada isoladamente, assim como ocorre na língua francesa, há sua realização quando seguido outra palavra que começa com vogal, neste caso a palavra “away”, realizando-se em fa[r]way, quando num enunciado. A respeito desta similaridade entre o fenômeno em francês e inglês, Tranel (1998) afirma em *The sounds of French: an introduction* que:

Liaison in French is comparable to certain phenomena which occur in English. For example, the English indefinite article is a before a word beginning with a consonant (*a book*) and an before a word beginning with a vowel (*an old book*). In some English dialects (for instance British English), words which end in a ‘vowel + r’ sequence in the orthography (for example, *far*, *never*) are pronounced without a final [r], unless the next word begins in a vowel (compare *far* [fa:] and *far away* [fa:rawe], *never* [nevə] and *never again* [nevərægen]. The absence/presence of these consonants [n] and [r] in English is, on a reduced scale, similar to the pervasive phenomenon of liaisons in French, where ordinarily silent word-final consonants may be pronounced before vowel-initial words.⁴⁸ (TRANEL, 1998, p. 168)

Também em português, encontram-se fenômenos similares de juntas externas (sândis) como no exemplo c) em que o confronto das palavras “bonecas” e “alemãs” ocorre no ato da enunciação e disso decorre um processo de ressilabação, no qual a sibilante [s] realiza-se em [z], isto é, há mudança no vozeamento⁴⁹, de desvozeado para vozeado. Este processo é semelhante no exemplo dado em francês, em que também o vozeamento foi modificado de negativo para positivo.

Outra similaridade entre o português e o francês refere-se ao processo de junta externa denominado degeminação⁵⁰ ou crase, presente em ambas as línguas quando da oralidade e no confronto de duas palavras contíguas, a saber a) português e b) francês:

- a) Camisa azul. → Camis[a]zul.
- a) Boneco obeso. Bonec[o]beso.
- b) Elle écoute. → Ell[e]coute.
- c) Votre enseignant. → Votr[e]nseignant.

⁴⁸ A *liaison* na língua francesa é comparável a certos fenômenos existentes no inglês na relação do artigo indefinido, colocado antes de um substantivo, com a finalidades prosódicas ou, ainda, quando se leva em conta o inglês britânico, quando uma palavra com a sequência “vogal+r” na ortografia (por exemplo, *far*, *never*) são pronunciadas sem a final [r], ao menos que a próxima palavras comece com um vogal (compara-se *far* [fa:] e *far away* [fa:rəwe]). A presença ou ausência das consoantes em inglês é, em escala reduzida, similar ao fenômeno generalizado da *liaison* em francês, em que as consoantes usualmente silenciosas em finais das palavras podem ser pronunciadas antes de palavras iniciadas por vogais. (tradução nossa)

⁴⁹ Propriedade de vibração das cordas vocais

⁵⁰ Degeminação ou crase é o processo fonológico de junta vocálica em que há a fusão de duas vogais idênticas.

1.9 A *liaison* e as fonologias lexical e prosódica

A fonologia lexical tem suas origens no gerativismo de Noam Chomsky (1986) e tem como foco de estudo a palavra de sua forma mais elementar a mais complexa, assim como a frase com suas características fonológicas. Tal modelo de análise fonológico leva em consideração dois grandes níveis ou componentes: o lexical e o pós-lexical; sendo o primeiro aquele relacionado à palavra e sendo o ponto de interface entre fonologia e morfologia; já o componente pós-lexical, por sua vez, tem a frase como foco de estudo e como interface regras de variabilidade como a ressilabificação, junturas e tom. (BISOL, *apud* HORA & MATZENAUER, 2017).

Vale ressaltar que tanto fonologia quanto morfologia interagem no componente lexical, existindo regras que além de fonológicas são de ordem morfológicas, ao passo que tais regras não persistem no âmbito pós-lexical, predominantemente de domínio fonológico. Assim, a fonologia lexical, como o adjetivo que a acompanha bem o define, tem como *locus* o léxico (palavra) ao estudar entidades prosódicas desde suas unidades menores até suas maiores, isto é, desde a sílaba até o enunciado e processos de formação de palavras, ordenamento na cadeia prosódica, dado a hierarquização prosódica.

Por outro lado, a fonologia prosódica tem por objetivo o estudo de fenômenos de ordem fonético-fonológicos na interface entre fonologia e demais componentes da gramática. Assim como a fonologia lexical, autosegmental, métrica, a fonologia prosódica fundamenta-se nas teorias gerativistas, não-lineares que surgem na década de 1980 com as ideias de Noam Chomsky. (TENANI, *apud* HORA & MATZENAUER, 2017). Sendo de vocação gerativa e levando em consideração conceitos como Gramática Universal, bem como conceitos fundadores como os dos Princípios e Parâmetros, postulados por Chomsky (1980), as denominadas, como afirma Tenani (2017, p. 109) na obra *Fonologia, fonologias* de (HORA & MATZENAUER, 2017) são fonologias não-lineares que:

Partilham a característica de conceber a fonologia como um componente da gramática, organizado em constituintes hierárquicos, portanto sujeitos a relações de dependência regidas por princípios universais comuns às gramáticas das línguas do mundo. (HORA & MATZENAUER, 2017, p. 119)

Também, considerando-se a fonologia prosódica, dispõem-se de dois modelos norteadores para a análise: modelo *end-based* e modelo *relation-based*. O primeiro foi

elaborado por Selkirk (1984) e opta por analisar fronteiras sintáticas como informação a partir do quais constituintes prosódicos são constituídos. Já o segundo, o modelo *relation-based*, de Nespor & Vogel (1986), pressupõe que as relações sintáticas são informações relevantes à configuração de constituintes prosódicos. A diferença entre os dois modelos reside no fato de tomarem as informações sintáticas relevantes visando a construção de estruturas prosódicas segunda diferentes propostas de hierarquias prosódicas. No modelo *end-based*, considera-se como hierarquização, em ordem crescente: sílaba, pé métrico, palavra prosódica, sintagma fonológico, sintagma entoacional. Por sua vez, o modelo *relation-based*, tem como hierarquia, também em ordem crescente: sílaba, pé métrico, palavra prosódica, grupo clítico, sintagma fonológico, sintagma entoacional e enunciado fonológico. O segundo modelo possui dois níveis a mais que o primeiro e a escolha por um ou outro é uma questão epistemológica.

A fonologia prosódica, baseada na teoria gerativista, debruça-se sobre comparações entre línguas do mundo, suas características rítmicas e entoacionais, objetivando identificar similaridades e especificidades entre elas, que possam revelar estruturas e princípios universais e particulares subjacentes à organização prosódica das línguas humanas. (FROTA *et al.*, 2015 *apud* HORA & MATZENAUER, 2017). Deste modo, processos segmentais como os presentes nas juntas externas do português, as *liaisons* do francês e processos de *linking sounds* do inglês parecem servir para uma análise sob a luz da fonologia prosódica, já que à mesma interessam processos como o da *liaison*, ou seja, um tipo de junta externa (que pode ser classificado como degeminação ou elisão, conforme a natureza das vogais envolvidas) ou, ainda, no caso específico da *liaison* presente na língua francesa, uma categoria especial de junta externa do tipo consonantal.

2. MOTIVAÇÕES PARA OCORRÊNCIA DA *LIAISON* NA ORALIDADE DO FRANCÊS

A *liaison*, enquanto fenômeno característico da oralidade da língua francesa, apresenta, não somente contextos linguísticos de realização do fenômeno que a categorizam em três grupos específicos de produção na língua falada: obrigatória, facultativa ou estilística e interdita ou proibida, mas também motivações que podemos classificar este fenômeno de ordem fonética-fonológica em duas grandes vertentes: as de ordem extralinguísticas e as de caráter intrinsecamente linguísticos. Segundo Laks (2005), o fenômeno da *liaison*, dadas suas motivações linguísticas, não deve ser considerado como único e unificado, mas uma sorte de fenômeno transversal à/na língua, consideradas suas motivações linguísticas desde o nível fonológico até o pragmático e, assim, o autor ressalta a estreita relação entre fonologia e ortografia, ou seja, a inter-relação entre aspectos de natureza fonológica e morfológica para motivação do fenômeno, os quais contribuem mutuamente para a ocorrência da *liaison*. O autor afirma em seu artigo *La liaison et l'illusion* que:

We underline the interplay of three different dynamics [considering liaison phenomenon]. The first is a pure phonological one aiming at simplifying codas by dropping final consonants. The second is morphological in nature as its main purpose is the preservation of number and person marks. The third one is (ortho)graphical. It promotes the visual form of written words. Contradiction between those three dynamics leads to a state of equilibrium where liaison on a main category word is morphologically motivated and tends to be categorical, when liaison from a main category word is phonologically motivated and tends to be variable.⁵¹

Consequentemente, a aparência do fenômeno fonético que promove a realização oral de uma consoante latente na oralidade (consoante de *liaison*), mas presente na escrita da língua, decorre de motivações linguísticas que podem ser agrupadas em três grupos de fatores: fonéticos, morfológicos, sintáticos, os quais concorrem para, em conjunto, deflagrar a *liaison* na língua falada.

⁵¹ Ressaltamos a interação de três dinâmicas diferentes [considerando o fenômeno de *liaison*]. A primeira é de natureza puramente fonológica objetivando simplificar codas e eliminar as consoantes finais de palavras. O segundo fator é de natureza morfológica, pois seu principal objetivo é a preservação das marcas de número e pessoa. O terceiro é (orto)gráfico, já que tende a manter a forma visual das palavras escritas da língua. A contradição entre essas três dinâmicas (fatores) leva a um estado de equilíbrio em que a *liaison* em uma palavra de uma categoria gramatical é motivada morfológicamente e tende a ser categorizada, desde que a *liaison* da palavra desta categoria gramatical seja motivada fonologicamente e tenda à variabilidade.

2.1 Fatores extralinguísticos: históricos e socioculturais

Já quanto às motivações de ordem extralinguísticas, podemos elencar os fatores estilísticos da língua quando do uso individual que o falante faz do discurso, fatores históricos e sociais pertinentes à língua francesa no que diz respeito à historicidade da evolução da língua desde sua origem remota no frâncio (língua falada pelos povos francos do norte da França) que, por sua vez, evoluiu para o francês arcaico, médio e, finalmente, o francês moderno como o conhecemos hoje. Vale ressaltar, como já o fizemos antes, que na França medieval, o frâncio (*francien* em francês) compunha um dos dialetos do que se determina *langue d'oïl*, pois ao norte do país, a maneira de se dizer “sim” era *oïl*, contrariamente ao sul, onde se dizia *oc* e, portanto os dialetos do meridionais se denominavam *langue d'oc*. Do frâncio, houve a evolução para francês antigo, médio até consolidar-se no francês moderno como o conhecemos, a partir do século XII. Mauchamp (1987), ao se referir à evolução da língua francesa moderna, a partir do frâncio, afirma em sua obra *La France de toujours: Civilisation* que:

Après la conquête romaine, tout e la Gaule parle un latin populaire [latin tardif], transmis oralement , ave des déformations : c'est le roman, qui donne naissance à de nombreux dialectes. Au Moyen Âge, ces dialectes se classent en deux grandes catégories, selon la façon de dire « oui » : la langue d'oïl, au nord de la [rivière] Loire, et la langue d'oc, au sud. Le francien, qui est un dialecte de la langue d'oïl parlé dans la région parisienne, s'impose comme langue nationale et devient le français. On parle l'ancien français (du IX^e au XII^e siècle), le moyen français (du XIII^e au XVII^e) et le français moderne à partir du XVII^e siècle.⁵²

Além deste fator histórico para a consolidação de uma língua oficial nacional, a partir de um dos dialetos da *langue d'oïl*, foi com a Revolução de 1789 e destituição do poder monárquico absolutista na França e instauração de um regime político de caráter republicano o qual ansiava por uma identidade nacional unificadora e representante da nova ordem política do país e, também motivado pelo contexto linguístico em que a maioria da população francesa

⁵² Após a conquista romana, toda a Gália falava o latim popular [latim tardio], transmitido oralmente e que se apresentava com certas deformações. Assim, foi o latim tardio que deu origem a muitos dialetos [na França de então]. Na Idade Média, esses dialetos foram classificados em duas categorias principais, dependendo da maneira de se dizer “sim”: a *langue d'oïl*, ao norte do rio Loire, e a *langue d'oc*, ao sul. O frâncio, que é um dialeto da língua francesa falada na região de Paris [*langue d'oïl*], estabeleceu-se como a língua nacional e se consolidou [com sua evolução] no francês. Falava-se o francês antigo do século IX ao XII, o francês médio do século XIII ao XVII e [finalmente] francês moderno a partir do século XVII.

de então comunicava-se por meio de vários *patois*⁵³ locais, que o francês institucionalizado como língua da nação e fator de união nacional foi imposto, pois não era compreendido por grande parte do povo francês. Como medida governamental a fim de estabelecer uma língua única e pudesse unir a nação sob uma mesmo modo de falar, os governantes republicanos, guiados por ideias iluministas que bradavam pela fundação de uma nação republicana diferente daquela absolutista, aos poucos impuseram o francês por meio de sua obrigatoriedade no ensino escolar e na redação de documentação do Estado francês a partir do século XIX.

Os fatores sociais de uso da língua têm influenciado vigorosamente a realização das *liaisons* pelo falante quando da oralidade e, como já mencionamos anteriormente, há uma tendência de diminuição do número de *liaisons* na fala devido aspectos evolutivos da língua e mesmo influências de línguas estrangeiras outras como o inglês e mesmo a posição que o falante assume diante de sua fala, já que um número exagerado de *liaisons*, ficou restrito à língua poética do francês ou a um nível exacerbadamente elevado de uso da mesma em contextos muitos formais como discursos políticos, por exemplo. Ainda, de acordo com Fouché (*apud* SOARES & NOBRE, 2010), a *liaison* está categorizada em consonância com o tipo de “estilo de discurso”: a conversação corrente (*consersation familière*), a conversação cuidada (*conversation soignée*) e finalmente o estilo erudito ou culto da língua (*lecture ou discours*) os quais são, por sua vez, denominados por Selkirk (1972) em estilos I, II e III respectivamente. Vale ressaltar que, em língua francesa oral, quanto mais culto é o estilo da fala empregada, maior será a probabilidade de contexto para ocorrências de *liaisons*. Portanto o caráter social de emprego da língua oral é fundamental para a criação de ambiente favorável ao fenômeno, pois, ainda, segundo Selkirk (1972), no estilo culto da oralidade há a tendência a regras de ajustamento as quais convertem as fronteiras de palavras subsequentes em realizações de consoantes antes adormecidas, mais frequentes neste estilo do que no I e II.

Dado que Selkirk (1972) baseia-se na Teoria das Fronteiras desenvolvida por Chomsky & Halle (1968), a qual postula que o fenômeno de natureza fonológica da língua francesa é fundamentalmente motivado por fatores sintáticos que produzem sequências de nódulos

⁵³ *Patois* (ou patoá em português) é a palavra do francês para designar o falar essencialmente oral, praticado em determinada localidade ou grupo de localidades, principalmente rurais. Refere-se, também, a um sistema linguístico restrito, funcionando em um ponto determinado ou num espaço geográfico reduzido, sem estatuto cultural ou social estável, distinguindo-se do dialeto, do qual se destaca por numerosos traços fonológicos, morfossintáticos e lexicais. Historicamente, a palavra foi usada em sentido pejorativo - para desqualificar uma língua sem literatura e rebaixá-la à categoria de dialeto ou algo similar. Os *patois* podem ser considerados como falares em estado de desagregação, sob o impacto de uma língua padrão, como o falar de uma região ou de um grupo no interior de um domínio linguístico. Portanto, estão ligados a um componente de natureza geográfica mas também sociocultural.

terminais constituídos de segmentos (palavra 1 + palavra 2) e juntas externas (*enchaînements*) que separam esses segmentos. Aplicando a Teoria das Fronteiras a uma sequência do tipo determinante + substantivo, como em *les enfants* (as crianças) ou determinante + substantivo + verbo com em *les soldats annoncèrent* (os soldados anunciaram), tem-se a realização em [lezãfã] e [lesɔldazanɔ̃sɛr], dois contextos diferentes de *liaison* sendo o primeiro característico da língua informal (estilo I) e o segunda língua erudita ou extremamente formal (estilo III), pois haverá mais facilmente ocorrência de *liaison* entre um determinante + substantivo, isto é, um item lexical e outro não-lexical (por exemplo, artigos, preposições, determinantes e clíticos) do que entre substantivo + verbo. Na conversação cuidada (estilo II, segundo Selkirk, 1972), haverá novas possibilidades de *liaison* como, por exemplo, nas relações sintáticas entre especificadores verbais e sintagmas adjetivos e no estilo erudito (estilo III), categorias gramaticais como substantivos, verbos, adjetivos e elementos que se complementam farão *incontinenti* um contexto propício à *liaison*. Deste modo, segundo a categorização proposta por Selkirk (1972), cada estilo de língua, os quais refletem níveis sociolinguísticos de uso da oralidade da língua francesa, estaria sujeito a certas regras de reajustamento.

Também, quanta à historicidade da língua, devemos atentar para os resquícios históricos da língua através dos séculos. Nos séculos XI e XII, surge uma ortografia simplificada do francês medieval o que evidencia que, em geral, quase todas as consoantes finais das palavras escritas eram pronunciadas (PLOUZEAU⁵⁴ *apud* NUNES, 2009) o que nos leva a compreender a dificuldade do aprendizado da língua que se estende até dos dias atuais, já que não há equivalência imediata entre ortografia e pronúncia: a língua conta com a maioria das consoantes finais mudas e muitos grupos vocálicos que se manifestam num único som. Assim, se a pronúncia é uma, a grafia é outra, sendo que ortograficamente a língua francesa apresenta mais elementos gráficos do que são realizados na pronúncia. Exemplo do fenômeno são palavras como: *oiseau* [wazo], *tableau* [tablo], em que o grupo vocálico *eau* realiza-se em [o], *deux* [dø], *je veux* [jevø], *tu peux* [typø], em que a terminação verbal em *eux* dos verbos *vouloir* e *pouvoir*, os adjetivos *sérieux* [serjø], *vieux* [vjø] e o referido numeral realizam-se em [ø], *feuille* [føej], *accueil* [akœj], substantivos em que o grupo *euil(le)* manifesta-se em [œj]. Do mesmo modo, todos os verbos conjugados na terceira pessoa do plural (*ils, elles*), com a desinência de número e pessoa em *ent* não realização na oralidade, como em *ils parlent* [ilparl], *elles avancèrent* [ɛlzavasɛr].

⁵⁴ May Plouzeau é professor da Universidade da Provence e participa do *Laboratoire de Français Ancien*, que pode ser acessado em: www.outtawa.ca/academic/arts/lfa.

Igualmente, na língua literária medieval do francês, encontramos indícios da historicidade morfológica de algumas palavras que, no francês moderno, provavelmente têm sua realização de *liaison* com mudança de vozeamento da consoante final [d] → [t], motivada por fatores de ordem não só morfológica mas substancialmente histórica, como é o caso adjetivo *grand* e do advérbio *quand*, os quais quando na cadeia prosódica e seguidos por outra palavra que se inicie por som vocálico, realizam-se em [t] e não [d], isto é, sua consoante final muda sofre um processo de desvozeamento, como em *grand homme* [grã[t]om] e *quand on parle* [kãtõparl]. Em manuscritos medievais, encontramos resquícios que levam a desvendar os motivos da realização desta consoante adormecida, pois esses documentos revelam que o vocábulo *grand*, em específico, que seria, na época medieval, tanto como qualificativo masculino como feminino era grafado com “t” sendo, portanto escrito *grant*, justamente como se realiza na *liaison* do francês moderno. E, sabendo que, no geral, a grafia dessa época correspondia à sua pronúncia, assim, a palavra *grant* contemplava um [t] audível na oralidade da língua. (NUNES, 2009).

Várias são as possibilidades de compreensão da *liaison* por meio do viés da historicidade da língua e pela distância existente entre grafia e oralidade. Outros autores como Thomas (1998), ponderam que a produção depende precipuamente dos contextos fonético e gramatical, da frequência do emprego, do nível da língua, da produção inicial, da situação e do fator de uso da fala, isto é, o caráter diafásico da língua, motivações sociais e de preferência individual. O referido estudioso chama a atenção para o fato de que a evolução da pronúncia do francês a partir de suas origens latinas, posteriormente com seus graus de evolução desde o frâncio, caracteriza-se pela erosão gradual que se efetua sobre os diferentes pontos do sistema, notadamente, sobre as consoantes finais que apresentam uma espécie de enfraquecimento progressivo. O autor apresenta as possibilidades de produção: a) manutenção da consoante *une vi[s]*; b) alteração parcial *neuf, neuf ans* → [nœvã]; c) alteração e queda parcial *plus, plus aride* → [plyzarid], *plus fort* → [plyfõr]; d) queda parcial *les amis* → [lezami] e *les chiens* → [lejã] e e) queda total *chat* ou *chalet* → [ã] e [ã].

Ainda de acordo com Rotenberg (1978, *apud* SOARES & NOBRE), considerando-se que o fenômeno da *liaison* tem como um de seus fatores deflagradores o contexto sintático, existirá a obrigatoriedade da ocorrência do fenômeno no estilo forma erudito da língua (*langue soutenue*), mas, por sua vez, pode não ocorrer no mesmo contexto, em conversação corrente da língua informal (*langue familière*). Decorre-se, desta feita, que o fenômeno apresentará maiores índices de ocorrência quando se tratar da língua informal corrente, porém mostrando-se

obrigatório na linguagem culta. Tal fato seria justificado, entre outros fatores, pela pressão social consciente sofrida pelo falante para que realize *liaisons* em contextos referentes ao uso culto da língua francesa, havendo, ainda segundo Rotenberg (1978), uma certa absorção por parte de instituições normativas de ideias relativas à “*liaison* correta” em estilos formais de uso da língua. Deste modo, ao falante que faz uso da língua erudita ou em contexto erudito, por exemplo, é explicitamente ensinado que, para ler e recitar um poema ou obra literária clássica, a *liaison* é obrigatória antes de um adjetivo posposto ao substantivo, como em *des idées absurdes* [dezidezapsyrd] (ideias absurdas). Ainda que exista a tendência à maior ocorrência de *liaison* nos estilos mais formais, não existe, segundo Rotenberg (1978), uma norma para a ocorrência deste fenômeno pelo fato de não haver regras produtivas. Observa-se, assim, uma tendência, por parte do usuário da língua, a realizar as *liaisons* conforme o crescente contexto de formalidade da língua. Portanto, se se verifica certo grau de artificialidade em relação a tais regras na norma culta, então tal também ocorrerá em proporções ainda maiores na linguagem informal, lugar de excelência o fenômeno linguístico e dos processos evolutivos da língua, dado seu caráter diacrônico.

2.2 Fatores linguísticos da *liaison*: fonológicos, morfológicos e sintáticos

A *liaison* como fenômeno linguístico da oralidade do francês, acontece segundo determinados contextos linguísticos bem definidos entre os quais fronteiras de palavras em que “uma consoante final, muda numa palavra isolada, é pronunciada em determinados casos, diante de uma vogal ou ‘h’ mudo inicial da palavra seguinte e [deste modo] apoia-se tão intensamente sobre esta palavra que, na divisão silábica, pertence à mesma [...]” (GREVISSE, 1964).⁵⁵ Assim, o fenômeno decorre motivações linguísticas de três ordens: fonológicas, morfológicas e sintáticas, segundo a análise que se faz dos processos que a fazem irromper na oralidade. Nas palavras de Fouché (1956), em essência, dados os contextos linguísticos “a *liaison* consiste, por consequência, na pronúncia de uma consoante final muda quando fora deste contexto linguístico [de ocorrência], diante de uma palavra que comece por uma vogal.”⁵⁶

⁵⁵ *Une consonne finale, muette dans un mot isolé, se prononce dans certains cas, devant la voyelle ou l’h muet initial du mot suivant et s’appuie même si intimement sur ce mot que, par la division en syllabes, elle lui appartient [...].*

⁵⁶ *La liaison consiste par conséquent à prononcer devant un mot commençant par une voyelle une consonne finale, muette en dehors de cette condition.*

No intuito de iniciar a compreensão do fenômeno motivado por razões linguísticas, podemos exemplificar com a seguinte expressão em francês: *le petit ami* [ləpetitami] (o pequeno amigo / o namorado) ou *le petit oiseau* [ləpetitwazo] (o passarinho) ou *le petit homme* [ləpetitòm] (o pequeno homem / o homenzinho) que apresentam obrigatoriamente a realização do morfema final de *petit* em [t] diante da palavra subsequente iniciada por som vocálico. Todavia, esse consoante final é suprimida da oralidade toda vez que houver fronteira com uma segunda palavra iniciada por som consonantal como em *le petit camarade* [ləpetikamarad] (o pequeno amigo), *le petit rabbin* [ləpetirabẽ] (o pequeno rabino). Nos exemplos dados, observamos motivações fonológicas, morfológicas e sintáticas para ocorrência da *liaison* e consequente realização de uma consoante adormecida. A seguir, discorreremos detalhadamente sobre cada uma das motivações mencionadas, pormenorizando os processos envolvidos na deflagração do fenômeno.

2.2.1 Fatores fonológicos

A priori, podemos afirmar que há uma condição fonética é precípua para o aparecimento da consoante adormecida ou latente da escrita, já que a *liaison* só vai ocorrer no confronto entre uma consoante final da palavra precedente e uma vogal inicial que apresente semivogal (glide⁵⁷). Na língua francesa, descreve-se três categorias de semivogais: [j], [w] e [ɥ] como em *miette* [mjɛt] “migalha”, *muette* [mɥɛt] “muda (adjetivo)” e *mouette* [mwɛt] “gaivota”. (TRANEL, 1987, p.108). No inglês, contrariamente, existem dois tipos de semivogais: [j] e [w] como em *yellow* [jɛlow] “amarelo” e *wife* [waɪf] “esposa”. Em português, como no inglês, também se dispõe de dois tipos de semivogais que corresponde a glides assilábicas e fazem parte de um contínuo em que há mudança de qualidade vocálica. Os glides em português

⁵⁷ No Dicionário de Termos Linguísticos de Maria Francisca Xavier e Maria Helena Mateus, registra-se que glide é sinônimo de semivogal. No entanto, glide tem a definição básica de “deslize, deslizamento, deslizar” dada sua origem na língua inglesa. Já o Dicionário Houaiss, além de aceitar que glide possa ter a acepção de semivogal, registra-o também como “som de transição ouvido durante a articulação que liga dois sons fonéticos contíguos”. Numa sílaba em que não haja nenhum som depois do ditongo, como em “vau”, há uma transição feita pela semivogal, um abrandamento do som da vogal para a semivogal, por isso se diz que neste caso se trata de um ditongo decrescente. Aplica-se, portanto, ao termo glide àqueles casos em que se sente som de deslizamento entre dois sons, isto é, glide é a semivogal que realiza um deslizamento de sons, uma glide é uma semivogal. Na palavra em português “Caiena” (Cayenne em francês), capital do Guiana Francesa, há a constituição o ditongo /ai/ e a vogal /e/ (semelhantemente a “caiaque”, em que percebemos o ditongo decrescente /ai/ seguido de /a/. No entanto, devemos atentar que na fala cotidiana, não pronunciamos /kai/ e /ena/, com separação dos sons /ai/ e /e/, mas com arrastamento da semivogal, formando-se em rigor dois ditongos, um decrescente e outro subsequente de ordem crescente /kai/ + /iena/. A esta semivogal que se realiza deslizando entre as duas vogais, podemos denominar de glide, ou seja, voltamos à origem do termo em inglês de “deslizar” ou “deslizamento”.

[podem ser transcritos] em [y] e [w]. [Ainda de acordo com a natureza da glide em português] pode ser interpretado como uma consoante pós-vocálica e sílabas do tipo CVC (consoante-vogal-consoante) como em “pai” e “pau” (SILVA, 2010, p. 169-170). Para fins de elucidação, apresentamos o seguinte quadro abaixo com exemplos dos três tipos de glides em língua francesa:

Tabela com palavras com glides em francês

[j]			[ɥ]			[w]		
bien	[bjɛ̃]	“bem”	huit	[ɥit]	“oito”	boîte	[bwat]	“caixa”
pièce	[pjɛs]	“peça”	lui	[lɥi]	“a ele”	moi	[mwa]	“mim”
pied	[pje]	“pé”	nuit	[nɥi]	“noite”	oui	[wi]	“sim”
rien	[rjɛ̃]	“nada”	puis	[pɥi]	“depois”	voir	[vwar]	“ver”

(Adaptado de TRANEL, 1987, p. 171)

Com exceção deste fator preponderante do francês para a ocorrência da *liaison*, o fenômeno surge da convergência de fatores estilísticos e outros que culminam numa realização profundamente variável na oralidade que produz uma variedade de possibilidades motivacionais as quais vão desde um sistema mais restrito para ocorrência até um sistema mais denso, como veremos a seguir. Com certeza os fatores de ordem extralinguístico, como o fator diafásico da língua em que o falante se posiciona perante a mesma dada sua individualidade e uso particular da estrutura linguística, ou seja, fatores de natureza estilística, podemos afirmar que quanto mais elevado é o nível da língua em uso, mais realizações de *liaisons* vão ocorrer no falar e, por conseguinte, quanto mais familiar ou coloquial é o registro linguístico, menos *liaisons* teremos na oralidade. Tal observação nos leva a pensar no fenômeno como uma ocorrência de cunho altamente social de uso da língua, motivada por diferentes níveis de fala e posicionamento individual do falante para com o sistema linguística, apontando, sobremaneira, para questões sociolinguísticas intrínsecas e subjacentes ao fenômeno estudado da *liaison*. Deste modo, quanto às motivações gerais para a ocorrência da *liaison*, Tranel (1987, P, 171) afirma que:

Liaison also depends on syntactic cohesion between words; the tighter the syntactic link between contiguous words, the more likely liaison is to occur; the looser the syntactic link, the less likely liaison is to occur. Finally, liaison tends to occur more readily if it signals a precise morphological mark (for example, the plural) than it represents no particular grammatical information. We shall consider the most

important of these phonetic, syntactic and morphological factors and see how they interface with stylistic levels.⁵⁸

Para ilustrarmos os fatores fonéticos para a ocorrência da *liaison*, assim como para explicitar a importância do fenômeno para a construção do plural em língua francesa, com a finalidade de evitar confusão semântica principalmente nos casos de *liaisons* do tipo obrigatória, apresentamos o seguintes quadro abaixo:

Tabela com palavras no singular e plural no francês com variação da *liaison*

Singular	Plural
petit <u>e</u> nfant → peti[t]enfant	petits <u>e</u> nfants → peti[z]enfants
l' <u>h</u> omme → [l]omme	les <u>h</u> ommes → le[z]hommes
grand <u>i</u> mmeuble → gran[t]immeuble	grands <u>i</u> mmeubles → grand[z]immeubles
tour <u>e</u> n fer → tou[r]en fer	tours <u>e</u> n fer → tour[z]en fer
arbre <u>e</u> immense → arbr[i]mmense	arbres <u>e</u> immenses → arbr[z]immenses
bon <u>h</u> ôtel → bo[n]hôtel	bons <u>h</u> ôtels → bon[z]hôtels
ailes d'ange	ailes des <u>a</u> nges → ailes de[z]anges

Valendo-se dos exemplos do quadro acima, evidenciamos que a *liaison* marca morfologicamente o plural em francês na relação de contiguidade entre, por exemplo: a) adjetivo + substantivo, b) substantivo e termos clíticos como em (“em” em francês), além da c) relação entre determinante (artigo definido ou indefinido) e substantivo, como em: peti[z]enfants, grand[z]immeubles, tour[z]en fer, le[z]hommes, ailes de[z]anges. Aqui, portanto, a *liaison* marca a diferença entre singular e plural, preservando a clareza semântica e explicitando a marca de plural pelo aparecimento, na oralidade, da vogal adormecida na escrita: *l'homme* [l]homme/ *les hommes* le[z]hommes, *bon hôtel* bo[n]hôtel/ *bons hôtels* bom[z]hôtels, visto que a marca morfológica de pluralidade do francês que, no exemplos dados, faz-se em “s” não se realiza na língua falada, podendo, deste modo, provocar confusão como nos vocábulos *homme/hommes*, *ange/anges*, *hôtel/hôtels*, *arbre/arbres* em que o “s” final não é pronunciado na fala a não ser que haja outro processo de *liaison* subsequente como em: *les hommes anglais*

⁵⁸ A *liaison* depende da coesão sintática entre palavras; quanto maior a relação entre duas palavras contíguas, maior será a probabilidade de ocorrência de *liaison* e, do mesmo modo, quanto menor a relação, menor a possibilidade do fenômeno. Em última instância, a *liaison* tende a ocorrer principalmente como evidência da marca morfológica, como a de plural, por exemplo, do que propriamente de uma informação gramatical. Portanto, devemos considerar como fatores importantes para a *liaison* os de natureza fonética, sintática e morfológica e observar como esses fatores interagem com diferentes níveis estilísticos. (tradução nossa)

→ le[z]homme[z]anglais que, por sua vez, trata-se de um tipo de *liaison* facultativa o que poderia demasiadamente confundir o interlocutor. Esta intrincada relação entre fronteiras de palavras que promove a *liaison* quase sempre passa despercebida pelo aprendiz de francês como língua estrangeira, conduzindo-o à generalização da regra (consoante de *liaison* + vogal inicial da palavra subsequente) ou à não-realização do fenômeno com prejuízo semântico, pois “claramente, não se espera que estudantes estrangeiros [de língua francesa] absorvam e assimilem tais detalhes na sua fala espontânea.” (TRANEL, 1987, p. 173).

Assim, dispomos das tabelas (1 e 2) abaixo em que podemos constatar alguns exemplos de ocorrência ou não da *liaison* de acordo com os fatores fonéticos que influenciam sua realização. Na tabela 1, percebemos a condição primordial para a realização do fenômeno: consoante latente da palavra 1 seguida de vogal inicial da palavra 2 da cadeia prosódica; na tabela 2, tal a *liaison* não se justifica pois a palavra 2 não apresenta vogal inicial, mas outra consoante inicial que impede a ocorrência da junção externa do tipo consoante+vogal:

Presença de <i>liaison</i> obrigatória	
un petit <u>i</u> gloo → un peti[t]igloo	um pequeno iglu
les gros <u>a</u> rbres → gro[z]arbres	grande árvores
<u>o</u> n arrive → o[n]arrive	chega-se (verbo chegar indeterminado)
des <u>o</u> iseau → de[z]oiseau	pássaros
les <u>h</u> uîtres → le[z]huîtres	as ostras
de beaux <u>y</u> eux → beau[z]yeux	belos olhos

Ausência de <i>liaison</i>	
un petit vélo → un petit ø vélo	uma pequena bicicleta
les gros camions → les ø gros ø camions	os grandes caminhões
on part → on ø part	parte-se (verbo partir indeterminado)
un livre → un ø livre	um livro
les coquillages → les ø coquillages	os mariscos
de beaux dessins → de beaux ø dessins	belos desenhos

Além da vogal inicial das palavras 2 na sequência da fala, devemos considerar o caso especial do “h” aspiré (“h” aspirado) como condição de impedimento de *liaison*, já que se constitui numa categoria excepcional de início de vocábulos na língua francesa, sendo que, nunca é pronunciado, apresentando-se sempre mudo na oralidade, como o é em língua portuguesa, por exemplo. Cabe ressaltar que a denominação de “h” aspirado pode gerar dúvidas já que, em realidade, não é pronunciado na fala. Explica-se o fenômeno pela origem etimológica de alguns vocábulos em francês (como *Hollande, Hongrie, harpe, honte*) por ser um sinal de disjuntura entre duas vogais como em *envahir* (invadir em francês) ou *trahir* (trair em francês) ou vocábulos de origem estrangeiras incorporados ao francês como, por exemplo: *handicap, handball, hockey, hall*.

Quanto à questão do “h” em língua francesa, podemos considerar a existência de dois tipos: o aspirado e o mudo. No entanto, no francês moderno nenhum dos “h” apresenta som e mesmo que nos referamos ao “h” como aspirado, nunca haverá aspiração do mesmo, como em “rato”, “caro” ou “mar” em português, consoante vibrante alveolar vozeada, tepe alveolar vozeado e consoante retroflexa alveolar vozeada (pronúncia típica do dialeto caipira brasileiro ou do “h” do inglês como em “house” ou “heritage”). No caso do “h” considerado aspirado o que o distingue que, quando de sua ocorrência em início de palavra, há impedimento de elisão⁵⁹ como em *la Hollande, le héros, la hanche* (jamais aceitos ortograficamente em *l’Hollande, l’héros, l’hanche*) e de *liaison* como em *les haricots* (jamais com realização de *liaison* em *le[z]haricots*). Desta feita, ocorre disjunção entre duas palavras contíguas em que cada uma preserva seu pico de sonoridade e núcleo de suas sílabas como percebemos em *le héros* (o herói) e *ces hamacs* (estas redes) em que não há processo de ressilabação com mudança de pico de sonoridade, pois *le* e *héros*, preservam sua independência sonora e não formam nova palavra fonológica como se poderia pensar erroneamente em *l’héros*. Assim o “h” considerado aspirado impede que a *liaison* das seguintes expressões em francês, que se pronunciarão da forma como é apresentada:

- a) *ces hamacs* [seamak] e *jamais* [sezamak]
- b) *vous hurlez* [vuyrle] e *jamais* [vuzyrle]

⁵⁹ A elisão é o fenômeno fonológico que envolve o cancelamento ou queda de consoantes, vogais ou sílabas. Pode ocorrer dentro da palavra, como, por exemplo, em *qu[ie]to* que se realiza em *qu[ε]to*, ou pode ocorrer na fronteira de duas palavras, como, por exemplo, em *casa amarela*, que se realiza em *cas[a]marela*. Como fenômenos de elisão, temos os processos de aférese, apócope ou síncope, de acordo onde houver o apagamento, início, meio ou final de palavra. (SILVA, 2011, p. 98)

Considera-se que as palavras que começam por “h” aspirado, na verdade, podem ser consideradas como iniciadas pela vogal posterior ao “h” do ponto de vista fonético, porém se comportam como consoante em relação à palavras que as precedem. Como exemplos do fenômeno explicado, temos:

- a) *la honte* [laõ̃t] e não *l’honte* [lõ̃t]
- b) *la hernie* [laɛ̃rni] e não *l’hernie* [lɛ̃rni]
- c) *je hoche* [ʒəõ̃ʃ] e não *j’hoche* [ʒõ̃ʃ]
- d) *je haïs* [ʒəɛ̃] e não *j’haïs* [ʒɛ̃]

Outras peculiaridades são o a) impedimento do uso de determinantes como adjetivos possessivos diante de palavras femininas que se iniciem por “h” aspirado com em: *ma hanche* [maõ̃ʃ] e não *mon hanche* [mõ̃nãʃ], visto que a regra de eufonia da língua francesa define que toda palavra que comece por vogal, quando for precedida de adjetivo possessivo, não se use a forma feminina, mas sim a forma masculina com a finalidade de harmonização e fluidez da pronúncia como ocorre com as palavras femininas: *école* (escola), *amie* (amiga), *université* (universidade) com as quais se deve usar a forma masculina do possessivo, ficando *mon école*, *mon amie*, *mon université* e não *ma école*, *ma amie*, *ma université*, com a finalidade de evitar encontros vocálicos.

A segunda peculiaridade do “h” aspirado é o favorecimento da pronúncia final do “e” que o precede, sendo este chamado de “e” *caduc* ou “e” *instable*⁶⁰ em francês, devido sua potencial pronúncia na oralidade, portanto temos: *une grande haie* [yngrã̃(ə)ɛ̃] (uma grande sebe), isto é, o “e” potencialmente mudo, passa a ser pronunciado na fala, não havendo degeminação⁶¹, visto que são sons vocálicos de mesma natureza quando da pronúncia.

⁶⁰ A vogal “e” [chamada de “e” *caduc* ou “e” instável em francês] é um caso particular por poder não ser pronunciada em razão de sua posição na palavra, do registro de formalidade da situação [social] ou da origem geográfica do falante. De fato, o francês meridional tende a realizar um grande número de “e” em relação ao francês das mídias tido como norma padrão da língua francesa. Assim, o “e” ora apresenta-se suprimido, ora pronunciado, sendo o motivo de sua denominação de “e” instável que nos parece mais adequada que a denominação generalizada de “e” mudo. Em todas as outras situações, pode-se suprimir ainda o “e” instável principalmente em situações familiares de fala. Por exemplo, em sílabas consecutivas, suprime-se um “e” a cada dois de acordo com a regra das três consoantes, como no exemplo: *Je ne te le demande pas*. (“Não te pergunto isso” em português). Estes diferentes fenômenos de ligações eufônicas, vinculados aos ritmo silábico no interior da palavra fonética, podem explicar melhor a impressão de fluidez da língua francesa. Somente a última sílaba pronunciada apresenta, deste modo, acentuação particular. (BRIET *et al.* 2014, p. 20-21).

⁶¹ Degeminação é o fenômeno fonológico em que dois sons passam a se comportar como um único som. Por exemplo, as duas consoantes [s] na sequência de palavras *dois sucos* passam a se realizar como uma única consoante: *doi[s]ucos*. A degeminação pode ser envolver duas vogais idênticas, como, por exemplo, na palavra *álcool* as vogais [o] sofrem degeminação e somente uma vogal ocorre: *álc[o]l*. A degeminação pode ocorrer também entre duas palavras. Por exemplo, toda amiga, que se manifesta como *tod[a]miga*. (SILVA, 2011, p. 86)

Curiosamente, em algumas interjeições do francês moderno o “h” apresenta uma real aspiração⁶², mas tal fenômeno é raro na língua em si: *ha!*, *hop!*, *hola!*

O caso de vocábulos iniciados por “h” considerado aspirado é um ponto particular na realização ou não da *liaison* em língua francesa, pois, em geral, diante do mesmo não devem aparecer consoantes de *liaison*, apesar de ser comum a generalização do fenômeno na fala espontânea como em *les haricots* (“os feijões” em português) que se manifesta oralmente em *le[z]haricots* ou invés de *lesøharicots*. Outro caso em que há impedimento de *liaison* é pela presença de palavras iniciadas por semivogais [j, w, ʏ] em que a ausência do fenômeno é explicada pelo ocupação da semivogal na posição de ataque (*onset*) no início da sílaba como, por exemplo em: *petit yeti* que se realiza em *[petijeti]* e *les yaourts* que, por sua vez, realiza-se em *[lejauart]*, sem a pronúncia do “t” final de *petit*, tampouco o “s” final do determinante *les*. Abaixo, apresentamos um quadro com alguns exemplos de palavras iniciadas por semivogais e precedidas de adjetivos ou determinantes como artigos definidos ou indefinidos:

Ausência de *liaison* em palavras iniciadas por semivogais

un petit yeti → un petitøyeti	um pequeno homem das neves
les yaourts → lesøyaourts	os iogurtes
un bon whisky → un bonøwhisky	um bom uísque
un ouistiti → unøouistiti	um sagui

Além do caso peculiar do “h” aspirado em francês, algumas consoantes específicas [z, t, n, r, p, g] podem, quando em fronteiras de palavras, realizar-se na oralidade. No entanto, praticamente somente três delas [z, t, n] são frequentemente motivo da manifestação de uma *liaison*. Em expressões como *long été* (longo verão), adjetivo qualificativo + substantivo, a consoante final de *long* manifesta-se em *[lõgete]*, em *sang impur* (sangue impuro), substantivo + adjetivo, a consoante final de *sang* realiza-se em *[k]* → *[sãkɛnpyr]*, ou seja, há um processo de vozeamento da velar oclusiva [g] para [k] no processo de ressilabação promovido pela *liaison*, o que se configura como uma repercussão da língua francesa arcaica, ouvida, por exemplo, no hino nacional francês. (TRANEL, 1987, p. 174). Outros tipos de *liaisons* são

⁶² Pode-se saber se o “h” é considerado aspirado ou não (*aspiré* ou *muet*) ao se consultar um dicionário de língua francesa em que a transcrição fonética do “h” aspirado será indicada por um apóstrofo antes da palavra, com em *hameau*, transcrita [*ˈamo*], segundo o alfabeto fonético internacional, no dicionário *Le Petit Robert*. No dicionário *Le petit Larousse*, o “h” é indicado por um asterisco diante da palavra de entrada, como em **hasard*.

apresentadas no quadro seguinte, em que os sons consonantais finais [p, r, t] de vocábulos como *trop* (demais), *beaucoup* (muito), *léger* (leve), *premier* (primeiro), *dernier* (último) são realizados quando do confronto com palavras subsequentes iniciadas por vogais. No entanto, a ocorrência de *liaisons* com estes vocábulos é uma característica do estilo elevado de língua (*langue soutenue*) ou ocasionado por hipercorreção no uso do particípio passado dos verbos da primeira conjugação⁶³ em francês, homófonos com seus infinitivos como em *aimé* (amado) e *aimer* (amar) (TRANEL, 1987, p. 174):

<i>Liaison</i> com [p]	
trop <u>a</u> imé → [tropeme]	amado demais
beaucoup <u>a</u> imé → [bokupeme]	muito amado
<i>Liaison</i> com [r]	
un léger <u>a</u> ccident → [lezɛrɛnsidã]	um acidente leve
au premier <u>é</u> tage → [prœmjɛretaʒ]	no primeiro andar
un dernier <u>a</u> vertissement → [dɛrnjɛravɛrtismã]	um último aviso
<i>Liaison</i> com [t]	
chantera- <u>t</u> -elle ? → [ʃãtratɛl]	ela cantara?
il faut <u>e</u> n parler → [fotãparle]	é necessário falar
ils se plaignent <u>e</u> ncore → [plɛnjãkɔr]	eles reclamam novamente
extrêmement <u>i</u> mportante → [ɛkstremmãtɛnpɔrtã]	extremamente importante
un petit <u>a</u> vion → [ptitaviõ]	um pequeno avião
un grand <u>h</u> omme → [grãtɔm]	um grande homem

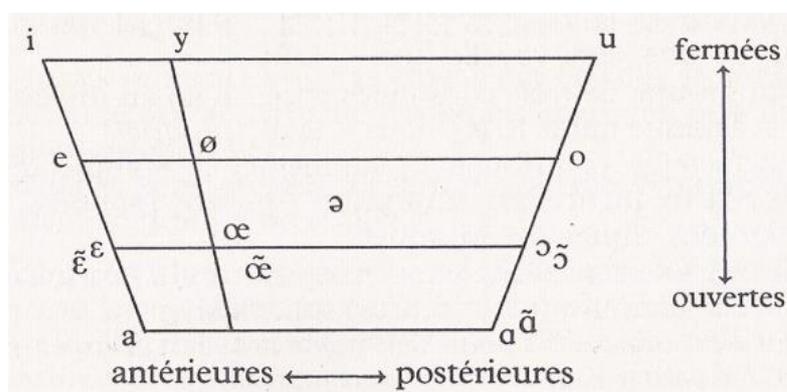
Vale ressaltar o fenômeno decorrente da *liaison* entre as palavras *premier* e *dernier* que, na cadeia prosódica, pelo processo de ressilabação, na contiguidade com outra palavra iniciada por vogal, passam a apresentar mudança quanto ao “e” final (passando de fechado para aberto, [e] → [ɛ]), como em [premjɛ] e [dɛrnjɛ] em que o “r” final sofre apagamento na oralidade, mas se manifesta quando diante de vogal como em *dernier avertissement* e *premier étage*, realizando-se respectivamente em [dɛrnjɛravɛrtismã] e [prœmjɛretaʒ]. Portanto, tanto há realização do “r” final pelo processo de *liaison*, como esquematizado na tabela abaixo:

⁶³ Diz-se que um verbo pertence à primeira conjugação em francês quando apresenta seu infinito em “er”, existindo uma única exceção em língua francesa, o verbo *aller* (ir) que pertence à terceira família da conjugação por se tratar de um verbo irregular.

leger → [leʒe]	leger <u>incident</u>	[leʒerẽsidã]
premier → [premjɛ]	premier <u>étage</u>	[premjɛretaz]
dernier → [dɛrnjɛ]	dernier <u>avertissement</u>	[dɛrnjɛrɛvɛrtismã]

Da mesma forma, há mudança de sonoridade do “e”, quanto ao seu traço fonológico distintivo, que passa a realizar-se de [e] em [ɛ], isto é, mudança de som vocálico de médio-alto para médio-baixo, no entanto, mantendo sua característica de vogal oral anterior não-arredondada, conforme quadro apresentado abaixo, em que apresentamos o sistema vocálico do francês e do português e, assim, podemos observar a mudança vogal tônica fechada (*fermées*) para aberto (*ouvertes*) durante o processo de ressilabação que ocorre na *liaison*:

Sistema vocálico do francês



Sistema vocálico em português

	anterior		central		posterior	
	arred	não arred	arred	não arred	arred	não arred
alta		i			u	
média-alta		e			o	
média-baixa		ɛ			ɔ	
baixa				a		

Já quanto à consoante “t” em posição final de vocábulos, mostra-se relevante no processo de *liaison* por pertencer morfológicamente aos verbos conjugados na terceira pessoa singular ou plural do francês como, por exemplo, *il faut, elle veut, on sait, ils veulent, elles parlent* e também por formar advérbios em *ment* como *énormément, extrêmement* entre outros,

bem como por estar presente em adjetivos prepostos a substantivos como, por exemplo, *petit* e *grand*. Assim, estas palavras terminadas por “t” se manifestam quando da fala, sendo que no caso de palavras como *grand* e *quand*, as quais apresentam um “d”, há a realização desta consoante em “t”, ou seja, a consoante oclusiva alveolar passa de vozeada a desvozeada como em, *quand_elle* e *grand_homme* que se manifestam em [kãtɛl] e [grãtɔm] respectivamente. O mesmo fenômeno de desvozeamento ocorre com o adjetivo preposto *second* que se realiza em [sœgõt] como em *un second_arrivage* (uma segunda chegada) → [sœgõtəriˈvaʒ]. No entanto, apesar da regra geral apontar para a obrigatoriedade da *liaison* entre adjetivo preposto e substantivo subsequente (*petit_ami*, por exemplo, que se manifesta em *peti[t]ami*), há algumas exceções na língua como para os adjetivos prepostos *court*, *fort*, *lourd* (curto, forte, pesado respectivamente) que não apresentam *liaison* com o substantivo singular seguinte iniciado em vogal; no entanto, a *liaison* geralmente ocorre com o plural desses mesmos adjetivos e substantivos, manifestando o som do “s” final da pluralização em [z], como explicitamos no seguinte quadro:

Presença de <i>liaison</i>	Ausência de <i>liaison</i>
un courtøentracte → [kurãtrakt]	de courts entracte → [kurzãtrakt]
un très fortøalibi → [fɔralibi]	de très forts álibis → [fɔrzalibi]
un lourdøobjet → [lurɔbʒɛ]	de lourds objets → [lurzɔbʒɛ]

A *liaison* realizada em [z] na fronteira entre substantivos e adjetivos prepostos no processo de pluralização pode ser omitido na fala não monitorada ou espontânea (*langue familière*) desde que o adjetivo seja composto pelo som consonantal [z]. O exemplo de que dispomos é o adjetivo *autres* (outros) que no enunciado *les_autres ø étudiantes* (as outras estudantes) realiza-se em [lezotreydiãt] e não [lezotre[z]etydiãt]. Também, em relação ao “t” final de verbos conjugados na terceira pessoa do singular ou do plural *il*, *ils*, *elle*, *elles* (ele, eles, ela, elas), ou ainda, com *on*, que funciona como sujeito indeterminado na língua francesa, em exemplos como: *il court*, *ils courent*, *elle dort*, *elles dorment*, *on dit*, *on saisit*, a *liaison* nem sempre é realizada a não ser com a formação de estruturas sintáticas mais complexas, com posposição de um elemento sintático como *encore* (ainda) ou o acréscimo de pronomes especiais do francês como *y* e *en*, em que o primeiro representa a substituição de um complemento de lugar já mencionado ou complemento de verbos precedidos da preposição *à* e o segundo a substituição de substantivos que indicam quantidades indeterminadas precedidas da preposição *de*. À título de elucidação, exemplifica-se como:

1. Elle va à l'école tous les jours. (Ela vai à escola todos os dias.)
 - 1.1 Elle y va avec ses amies. (Ela vai à *escola* com suas amigas.)
2. Nous mangeons du poisson frais. (Nós comemos peixe fresco.)
 - 2.1 Nous *en* mangeons toujours. (Nós comemos *peixe fresco* todo os dias.)

A partir do exemplo, percebemos que o pronome *y* substitui a expressão à *l'école* (à escola) subentendida na segunda sentença e que, do mesmo modo, o pronome *en* retoma a expressão *du poisson frais* (peixe fresco) da quantidade indeterminada introduzida pela preposição *de* (visto que *du* equivale à contração de *de + le*) e, por força da obrigatoriedade da regra de ocorrência de *liaison*, o “t” final dos verbos citados são, portanto, realizados na fala, como em:

Ausência de <i>liaison</i>		
<i>Il court</i> ø <i>encore</i>	[kurākɔr]	Ele ainda corre
<i>On y meurt</i> ø <i>encore</i>	[mœrākɔr]	Morre-se ainda
<i>Elle dort</i> ø <i>encore</i>	[dɔrākɔr]	Ela dorme ainda

<i>Liaison</i> obrigatória com os pronomes <i>y</i> e <i>en</i>		
<i>Dors</i> - <u><i>y</i></u>	[dɔrzi]	Durma aí.
<i>Cours</i> - <u><i>en</i></u> <i>un</i> (<i>kilomètre</i>)	[kurzã]	Corra um (quilômetro)
<i>Meurt</i> - <u><i>il</i></u> ?	[mœrtil]	Ele morre?

<i>Liaison</i> facultativa ou possível		
<i>Elles courent</i> - <u><i>encore</i></u>		Elas ainda correm
<i>Ils y meurent</i> - <u><i>encore</i></u>		Eles morrem ainda (lá/aí)

Deve-se observar que, na segunda tabela, usou-se a segunda pessoa do singular (*tu dors* → *dors*, *tu cours* → *cours*) em forma de imperativo afirmativo para que se pudesse exemplificar a *liaison* obrigatória entre o pronome *en* e o verbo por não se dispor gramaticalmente de imperativa para terceira pessoa e levando-se em consideração o foco da análise para a realização do “t” no processo de *liaison*.

2.2.2 Fatores morfológicos da *liaison*

Considerando-se que o fenômeno da *liaison* apresenta um fator fonético preponderante em que a natureza da consoante precedente da palavra 1 da cadeia de fala determinará a ocorrência do fenômeno e a natureza fonética de sua realização, já que nem sempre o consoante de *liaison* se realiza dada sua morfologia, mas em virtude do confronto entre consoante final da palavra 1 e vogal da palavra 2, assim por meio do processo de ressilabação, como percebemos em expressões como *quand il, neuf ans, deux ans* que se manifestam em *quan[t]il, neu[v]ans* e *deu[z]ans* respectivamente. Assim, em muitos dos casos, apesar das características morfológicas apontarem qual realização de *liaison* ocorrerá, existem variados casos arbitrários que complexificam a natureza da realização do consoante muda que se manifesta no processo.

Algumas palavras da língua francesa, por razões etimológicas ou ortográficas, principalmente preposições e advérbios, tendem a causar confusão quando da *liaison*, o que ocasiona dificuldade de assimilação por parte do falante da língua. O caso particular dos advérbios em *ment* é único que se mostra regular por se poder estabelecer a generalização da *liaison* em [t] como *énormément* e *extrêmement*. Desta maneira, descartados os advérbios em *ment*, outros como *trop* (*demais*) causam confusão ao falante quando do seu uso na oralidade, pois tendem a se manifestar em [z] apesar do “t” final que marcar morfológicamente a palavra, mas que não é pronunciado quando de forma isolada, quando antecede vocábulo iniciado por outra consoante ou em final de expressão ou sentença como, por exemplo: *trop* [tro], *il parle trop* [ilparltro], *il court trop vite* [ilkurtrovit]. Todavia, o referido advérbio é frequentemente realizado como [z] especialmente quando a palavra subsequente está pluralizada, caracterizando, desta maneira, um contexto de falsa *liaison* como em *trop immense* que se realiza em *tro[z]immense*.

Também, alguns numerais podem apresentar falsas *liaisons* quando diante de pluralizações, o que leva a considerar o fenômeno já citado a que se denomina *pataquès*, isto é, hipercorreção ou dificuldade no processo de segmentação e consequente realização de som consonantal injustificado. Desta sorte, com palavras invariáveis como advérbios e alguns numerais, observamos *liaisons* indevidas “que designam falta grave e grosseira da *liaison* [na oralidade] seja na fala ou na leitura.” (BUISSON, 1883, p. 737). Alguns exemplos de *pataquès*, demonstrando a dissonância entre morfologia e fonética são, por exemplo: *vingt étudiants* [vêtytydiã] e *cent arbres* [sãtarbr] o quais se manifestam erroneamente nos *pataquès* [vê[z]etydiã] e [sã[z]arbr] em que o som [z] realiza-se na fronteira do numeral com o substantivo pluralizado. No entanto, desconsiderando os *pataquès*, em geral a relação que se estabelece entre sujeito plural e verbo subsequente estabelece a condição precípua de ocorrência

de *liaison* do tipo obrigatória, pois afirma Tranel (1987, p. 183) que “a pluralização é o fator morfológico que favorece a ocorrência da *liaison*. [...] Se o substantivo estiver no plural, será então possível haver *liaison* em [z] entre adjetivo e substantivo ‘*les étudiants américains*’ [lezedydjãzmerikê].” Já quanto aos adjetivos masculinos singulares, suas consoantes finais apresentam-se sempre mudas, porém se manifestam quando passam à forma correspondente feminina como mostra o quadro abaixo:

adjetivo masculino	adjetivo feminino	consoante de <i>liaison</i>
<i>petit, haut, sot</i>	<i>petite, haute, soite</i>	t → [t] → [t]
<i>grand</i>	<i>grande</i>	d → [d] → [t]
<i>heureux, joyeux</i>	<i>heureuse, joyeuse</i>	x → ø → [z]
<i>gros</i>	<i>grosse</i>	s → [o] → [s]
<i>premier, dernier</i>	<i>première, dernière</i>	r → [e] → [ɛ]
<i>bon, plein, certain</i>	<i>bonne, pleine, certaine</i>	n → [õ] → [ɔn]
<i>long</i>	<i>longue</i>	g → [õ] → [õg]

Além da realização da consoante de *liaison*: *petite*, adjetivo feminino de *petit*, manifesta-se em [petit], há outros processos que ocorrem quando da formação do feminino como no caso dos adjetivos *grand*, *heureux*, os quais apresentam consoantes as finais “d” e “x”, antes adormecidas, que passam a se manifestar em [t] e [z] pelo processo de ressilabação, pois de [grã] e [ørø] quando pronunciadas sozinhas, passam a [grãt] [ørøz]. Em sentido geral, na pluralização com determinantes como artigos definidos e indefinidos, adjetivos ou substantivos sempre haverá formação de *liaison* em [z], o que também é verdadeiro em relação aos pronomes pessoais plurais dadas suas terminações em “s” (*nous, vous, ils, elles*) (TRANDEL, 1987, p. 179) como na tabela abaixo:

<i>Liaison</i> em [z] como pronomes pessoais terminados em plural		
Nous <u>ir</u> ons	Nou[z]irons	Nós chegaremos
Vous <u>éc</u> outez	Vou[z]écoutez	Vocês escutam
Ils <u>arr</u> ivent	Il[z]arrivent	Eles chegam
Elles <u>en</u> parlent	Elle[ã]parlent	Elas falam (sobre algo)
Tu les <u>a</u> s vus	Tu le[z]a vus	Tu os viste

No entanto, para o singular o processo mostra-se mais restrito, visto que, aqui, a *liaison* limita-se a fatores de ordem fonética e, também, aqueles de caráter morfológico, pois o processo de ressilabação não ocorre no presente do indicativo, imperativo ou passado simples do francês para os verbos da primeira conjugação, ou seja, aqueles terminados em “er”, nem para verbos conjugados no futuro simples ou subjuntivo. Mas, vale ressaltar que a *liaison* com “t” é obrigatória para todos os casos em a forma verbal apresentar-se invertida seja pela formação de uma das três formas sintáticas de interrogação⁶⁴ da língua francesa com os pronomes sujeitos *il*, *elle* e *on*, caso em que se acrescentará a consoante “t” epêntica entreposta ao verbo e sujeito da interrogação. Este acréscimo à estrutura frasal não possui motivações sintáticas ou semânticas, somente demonstra o impedimento do encontro entre duas vogais subsequentes e, assim motivações fonéticas que promovem a eufonia da língua. O “t” epêntico nada mais é do que a inserção no interior de uma palavra ou, no caso da formação da frase interrogativa em francês, a introdução de uma consoante suplementar que permite facilitar ou tornar a elocução mais natural. Tecnicamente, trata-se de uma modificação do tipo metaplasma de ordem fonética própria do francês ao se primar pelo caráter eufônico e rítmico do enunciado ao se “introduzir um fonema [adventício] não etimológico [neste caso uma consoante] no interior de uma grupo de palavras” (LE PETIT LAROUSSE, 2007, p. 377)⁶⁵ como, por exemplo nas seguintes frases interrogativas:

Va-t-on au théâtre ce soir ? (Vai-se ao teatro esta noite?) → [vatõ[t]eatr]

Y a-t-il du lait dans le frigo ? (Há leite na geladeira?) → [ja[t]il]

Parle-t-il bien le français ? (Ele fala bem francês?) → [parle[t]il]

Além desta ocorrência de manifestação da consoante de *liaison*, há a realização em [z] quando o verbo estiver no imperativo e seguido dos pronomes *en* e *y* com em: *Vas-y* ! [va[z]i], *Allez-y* ! [ale[z]i], *Parles-en* ! [parle[z]i], *Réfléchissez-en* ! [røfliʃe[z]ã]. A *liaison* também pode ocorrer em verbos no infinitivo seguidos de outro elemento sintático iniciado por vogal como, por exemplo: *Parler en haute voix*. → [parle[r]enotvwa], em que o “r” adormecido passa a se realizar no confronto com outra palavra com som vocálico.

⁶⁴ Em língua francesa, há três formas de se construir uma frase interrogativa: a) pela entonação ascendente, diferentemente da descendente, característica da frase declarativa; b) pelo uso da expressão *est-ce que* pré-posta ao sujeito + verbo ou, ainda; c) pela inversão entre sujeito e verbo em que o verbo antepõe-se ao sujeito da frase. Vale ressaltar-se, para fins elucidativos, que a preferência pelo uso do tipo de formação da frase interrogativa depende do falante e do contexto social em que se encontra, portanto, sendo de caráter diafásico e estando de acordo com o nível de língua utilizado pelo usuário.

⁶⁵ O aparecimento do “t” epêntico somente se justificará em decorrência de três requisitos: a) formação de uma frase interrogativa pelo processo de inversão; b) com os pronomes sujeito singulares *il*, *elle* e *on*, e; c) com o verbo terminado em “e” ou “a” quando de sua flexão para as pessoas singulares da conjugação,

Outro fator morfológico importante para a ocorrência da *liaison* é o tamanho da palavra envolvida no processo, pois o número de sílabas do vocábulo, desde monossílabo até polissílabo, pode influenciar na manifestação da consoante final da palavra 1. Tal fato recai sobremaneira sobre determinadas classes de palavras do francês, como preposições, advérbios e alguns auxiliares. Deste modo, tais classes gramaticais, desde que se trate de monossílabos, tendem a manifestarem-se na *liaison* mais do que polissílabos. Como exemplos, podemos citar o quadro abaixo:

<i>Liaison</i> e tamanho do vocábulo envolvido		
<i>Dans un mois</i>	[dãzãmuã]	Em um mês
<i>Très intéressant</i>	[trezẽtersã]	Muito interessante
<i>Assez intéressant</i>	[asezẽteresã]	Bastante interessante
<i>Depuis un mois</i>	[døpũĩãmwã]	Há um mês
<i>Il est amoureux</i>	[ilẽtamwrø]	Ele está apaixonado
<i>Elle était épuisée</i>	[elẽtẽtẽpũize]	Ela estava exausta

No entanto, cabe ressaltar que muitas vezes a manifestação da consoante de *liaison* obedece a fatores sociais de uso da fala, dependendo, assim, do uso que o falante faz da mesma, assim do nível do registro linguístico. Tranel (1987, p. 183) afirma sobre esta perspectiva social da ocorrência de *liaison* ocasionada por fatores morfológicos em decorrência de motivação do contexto da língua em uso, *langue familière* (língua familiar ou informal) ou *langue soutenue* (língua erudita ou formal):

In colloquial style, such liaisons [with monosyllables or polysyllables] may be all ignored [by speaker], whereas in formal style, they may all occur. But in between these two extremes, there is an intermediate style where the tendency is to have liaison with monosyllables and not with polysyllables. There is no natural style where the converse is true, that is, where liaisons are limited to polysyllables, to the exclusion of monosyllables.⁶⁶

Ainda, em seu estudo sobre os fatores morfológicos para a ocorrência da *liaison*, Tranel (1987, p. 183-184) discorre sobre a questão do estilo de fala ou nível de língua usada pelo

⁶⁶ Na língua informal [coloquial], estas *liaisons* [com monossílabos ou polissílabos] podem ser todas ignoradas [pelo falante], no enquanto na língua formal, todas podem se manifestar. Mas entre esses dois extremos, há um estilo intermediário em que a tendência é que haja *liaisons* com monossílabos e não com polissílabos. Não existe um estilo natural em que o inverso seja verdadeiro, ou seja, no qual as *liaisons* são limitadas aos polissílabos, em detrimento dos monossílabos. (tradução nossa)

falante, ao afirmar que tal elementos deixar de ser relevante quando a relação estabelecida é aquele entre pronomes sujeito plurais e verbos como no exemplo de manifestação do “s” em [z] na frase: *Les soldats avancèrent*. [lesɔld(z)avãser] (Os soldados avançaram), em que percebemos a realização do “s” final de *soldats* no confronto com o verbo *avancèrent*. O exemplo citado demonstra como a pluralização, em geral, para a língua francesa, configura-se numa premissa morfológica para a ocorrência de *liaison*, pois no singular não há manifestação da consoante final na fronteira entre adjetivo e substantivo, desde que o mesmo já termine em uma consoante realizada: *un court entracte* [ẽkurãtrakt], mas a *liaison* se manifestará no plural da mesma expressão: *des courts entractes* [dekur[z]ãtrakt], ficando evidente o a importância da pluralização para o fenômeno.

2.2.3 Fatores sintáticos da *liaison*

Devemos considerar também como fatores pertinentes para a realização do fenômeno da *liaison* aqueles de natureza sintática, pois, em linhas gerais, podemos afirmar que quanto mais estreita for a relação sintáticas entre duas palavras numa cadeia prosódica da fala mais possibilidades haverá de manifestação da consoante de *liaison* e, por sua vez, o contrário também é verdadeira, já que quanto mais distante duas palavras estiverem sintaticamente, menores serão as motivações para a realização da consoante em questão. Portanto, as relações sintáticas existentes entre palavras de um enunciado culminam, por excelência, um conjunto de possibilidades desde *liaisons* do tipo obrigatórias até as do tipo proibitivas, passando por aquelas categorizadas como facultativas ou estilísticas.

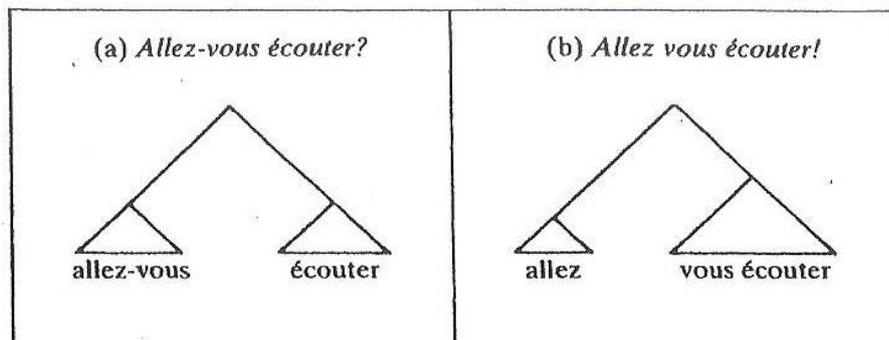
A referida relação sintática a que nos referimos trata-se, em última análise, numa espécie de “solidariedade sintática” (TRANEL, 1987, p. 184) entre palavras que compõem um enunciado, pois não devemos considerar um conjunto de palavras dispostas linearmente na oralidade apenas como elementos isolados, mas antes como estruturas que se inter-relacionam, criando possibilidades de interpretação. Não se trata de apenas uma sequência de palavras, pois o enunciado deve ser entendido como “uma estrutura composta de unidades sintáticas maiores que a palavra [isolada].” (TRANEL, 1987, p. 184). Para melhor elucidar, lançamos mão da seguinte sequência de palavras proposta por Bernard Tranel (1987) em sua obra *The sounds of French*, com o intuito de explicar a natureza sintática da *liaison* e, deste modo, a intrincada relação que se pode estabelecer entre certo número de palavras: *Allez + vous + écouter*.

Assim, podemos dispor as três palavras, dois verbos e um pronome, de duas formas possíveis em dois diferentes enunciados, sendo o a) primeiro uma frase interrogativa e o b) segundo um imperativo afirmativo, como segue:

- a) *Allez-vous écouter ?* (interrogação)
- b) *Allez vous écouter !* (imperativo afirmativo)

No primeiro enunciado, *vous* desempenha a função sintática de sujeito invertido do verbo *aller*, aqui conjugado para a segunda pessoa do plural. Já no segundo enunciado, o mesmo pronome *vous*, tem por função sintática ser o complemento do objeto direto do verbo *écouter*. Em ambos os casos, a questão em pauta é a solidariedade sintática forte ou fraca existente em o pronome *vous* e o verbo conjugado *allez*; na frase interrogativa, a relação sintática existente entre *vous* e *allez* é maior do que na segunda, pois a conexão entre sujeito da frase e verbo é mais estreita e, por sua vez, no frase na forma de imperativo, a relação entre *vous* e *allez* é fraca, visto que a relação sintática é maior entre *allez* e seu objeto direto *vous*. Portanto, depreendemos que as mesmas palavras, independente da disposição na frase, como é o caso acima, apresentam diferentes níveis de relações sintáticas, sendo que, de acordo com o tipo de relação, será o maior ou menor grau de solidariedade entre elas e, no que se refere à língua francesa, temos uma premissa de ordem sintática para a realização da *liaison* ou não. Neste caso em particular, será o pronome *vous* que manifestará seu “s” final em [z] ou não na dependência do grau de ligação sintática ora com o verbo *allez*, ora com o verbo *écouter*. Desta feita, a partir da análise dos fatores sintáticos para a *liaison* do gráfico apresentado abaixo, podemos concluir que haverá *liaison* do tipo facultativa, entre *allez* e *vous*, na frase interrogativa e, *liaison* do tipo obrigatória, entre *vous* e *écouter*, na frase imperativa, com realização do “s” final de *vous* em [z] → *Allez vou[z]écouter !* → [alevu[z]ekute]. O gráfico abaixo pode auxiliar no melhor entendimento do fenômeno de solidariedade sintática entre estruturas no interior de uma frase:

Diferentes graus de solidariedade sintática entre estruturas frasais (TRANEL, p. 185)



Também, do mesmo modo, podemos considerar a seguinte frase a fim de aprofundar a compreensão do fenômeno de solidariedade sintática que existe no interior da frase e que, por consequência, configura-se num fator sintático para a *liaison*. Assim, na frase *Ses anciens étudiants annoncèrent un grand exploit* (Seus alunos anunciaram uma grande conquista), pode empreender uma análise sintática da mesma da seguinte maneira: a) *ses anciens étudiants* (Seus antigos alunos), um sintagma⁶⁷ nominal cujo núcleo é a palavra “estudantes” e que compõe o sujeito da oração; b) *annoncèrent un grand exploit* (anunciaram uma grande conquista), sendo um sintagma verbal cujo núcleo é o verbo *annoncer* conjugado no passado simples do francês em *annoncèrent*; c) a expressão *un grand exploit*, outro sintagma nominal apresentando seu núcleo na palavra *exploit* (feito/batalha) e que, sintaticamente, desempenha a função de complemento do verbo transitivo direto *annoncer*, isto é, o objeto direto do mesmo.

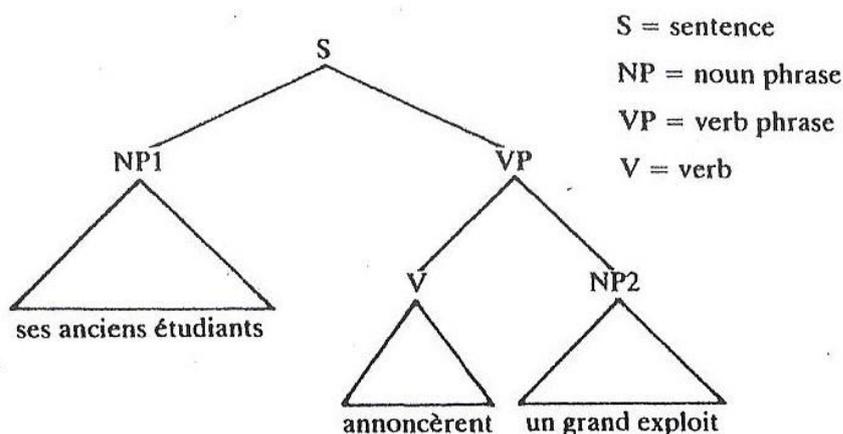
A partir desta análise sintática da frase acima, podemos estabelecer diferentes graus de relações sintáticas entre os elementos constituintes da oração em que percebemos a maior solidariedade entre os elementos dentro de cada sintagma em si e não com estruturas fora do mesmo, pois há maior relação e força sintática que une os constituintes do dois sintagmas nominais a que nos referimos: *Ses anciens étudiants*, *un grand exploit*, do que entre o verbo *annoncèrent* e o primeiro elemento do sintagma *un grand exploit*. Também se evidencia a maior relação sintática entre o verbo e o sintagma *un grand exploit*, do que aquela entre o núcleo do sintagma nominal que compõe o sujeito, isto é, *étudiants* e o mesmo verbo.

Portanto, depreendemos que o fenômeno da *liaison* ocorre segundo uma hierarquia sintática interna à oração em que seus constituintes se relacionam de forma solidária em maior ou menor grau, daí decorrendo fatores sintáticos para a realização do *liaison* ou não. Na frase mencionada, os sintagmas nominais que compõem o sujeito da oração e objetivo direto complemento do verbo, *Ses anciens étudiants* e *un grand exploit*, por demonstrarem forte relação sintática entre seus elementos, manifestam-se em *liaisons* do tipo obrigatórios, respectivamente em: [sezãsiẽzetydiã] e [ẽgrãtẽksplwa] e, conforme a geral da *liaison*, observamos que se trata da

⁶⁷ Entende-se por sintagma (do grego “união”) o segmento linguístico que expressa uma relação de dependência sintática entre seus constituintes internos. Nessa relação de dependência, diz-se que existe um elemento determinado e outro determinante (ou subordinado), estabelecendo um elo de subordinação entre ambos. Cada um desses elementos constitui um sintagma em si. Na concepção original de sintagma, essa noção era utilizada para se referir a qualquer segmento linguístico: a palavra, a sentença e o período. Mais recentemente, no entanto, o termo sintagma é comumente empregado para se referir às partes de uma sentença. Dessa forma, o sintagma se caracteriza conforme o tipo gramatical dos seus elementos nucleares. Toda unidade que tem por núcleo um substantivo recebe o nome de sintagma nominal e [...] este núcleo admite a presença de determinantes – que são os artigos, os numerais e os pronomes adjetivos – de modificadores, que, são os adjetivos ou expressões adjetivas. [...] O sintagma verbal constitui o predicado [da oração]. Nele sempre há um verbo, que, quando significativo, é o seu núcleo. (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 123-124.)

relação entre um substantivo e um adjetivo o que nos leva a reforçar a generalização da formação do fenômeno entre estas duas categorias gramaticais quando pluralizadas.

No entanto, como afirma Tranel (*op. cit.*, 1987, p. 186) “a solidariedade sintática na sequência entre um adjetivo + substantivo, garante a *liaison* obrigatória, mas na língua informal, exceções a esta regra são, em geral, encontradas.”⁶⁸ Já a possível *liaison* entre o verbo e o sintagma *un grand exploit* ocorre somente na linguagem formal (*langue soutenue*) do francês e, por sua vez, não haverá *liaison* entre o sintagma que forma o sujeito (*Ses anciens étudiants*) e o verbo constituinte do segundo sintagma da oração, isto é, de natureza verbal. O gráfico abaixo, construção de uma árvore sintática, cujos galhos indicam a hierarquia instaurada entre os referidos constituintes da oração, elucida o exemplo dado através da frase: *Ses anciens étudiants, un grand exploit* e suas relações sintáticas entre sintagmas (NP1, NP2 e VP) para a ocorrência ou não da *liaison*:



Conclui-se, então, que considerando o sintagma como parte constituinte da oração, podemos afirmar que é no interior do mesmo que as relações sintáticas se mostram mais fortes e, conseqüentemente, são a razão sintática motivadora da *liaison*. Tal solidariedade sintática, que ocasiona as *liaisons* do tipo obrigatórias, ocorre mais comumente entre pequenos grupos gramaticais de palavras na sua relação com outras palavras das quais são satélites ou complementos. Tranel (1985, p. 185), quanto às motivações sintáticas da *liaison* que ocorre entre agrupamentos de palavras (sintagmas), afirma que:

We are now in position to consider several common syntactic contexts and examine to what degree liaison is or not favored in them. Syntactic solidarity is particularly tight between a number of small grammatical words and the words of which they may be

⁶⁸ The syntactic solidarity within na ‘adjective + noun’ sequence usually guarantees an obligatory liaison, but in spontaneous speech, exceptions to this general principle may be found.

considered satellites. [...] This group of small words includes nouns determiners (i.e. articles and possessives adjectives) and personal pronouns (which form an extremely compact unit with the verb of which they are either the subject or the object). Noun determiners link obligatorily a following adjective or noun. ⁶⁹

De igual maneira, devemos atentar para a relação sintática existente entre duas categorias especiais para a formação da *liaison* obrigatória: pronome sujeito e verbo. Tal relação de solidariedade sintática favorece a manifestação da consoante de *liaison* da palavra 1 quando do confronto com o verbo subsequente ou outro elemento sintático relacionado com o verbo, como é o caso dos pronomes *en* e *y* do francês. Na relação pronome pessoal e verbo, evidencia-se a interdependência entre ambos, já que, sintaticamente, ligam-se constituindo a relação necessária entre sujeito e predicado da oração, ou seja, elementos essenciais da construção frasal. O quadro abaixo exemplifica tal relação sintática estreita existente entre pronome e verbo ou, ainda verbo e pronome complemento:

<i>Liaison</i> obrigatória entre pronome pessoal ou complemento e verbo		
<i>Nous arrivons</i>	Nou[z]arrivons	Nós chegamos
<i>Vous habitez</i>	Vou[z]habitez	Vocês moram
<i>Achètes-en</i>	Achète[z]en	Compre (isso)
<i>Ils en auront</i>	Il[z]e[n]auront	Eles terão (isso)
<i>On y va !</i>	O[n]y va !	Vamos!
<i>Allons-y !</i>	Allon[z] y !	Vamos!
<i>Vient-elle ?</i>	Vien[t]elle ?	Ela vem?

No entanto, a relação de solidariedade sintática tende a se afrouxar entre sujeito e verbo como, por exemplo, entre sujeito no singular: *l'étudiant écoute* (os alunos escutaram) → [letydiãekuta]. Mas o mesmo não ocorre na sua forma plural, quando da utilização de um registro extremamente formal e elevado da língua, pois observaremos a realização do plural em “s” do sujeito *soldats* diante do verbo conjugado no passado simples, como em *les soldats*

⁶⁹ Neste momento, podemos considerar vários contextos sintáticos comuns e examinar em que grau a *liaison* será ou não motivada. A solidariedade sintática é particularmente forte entre um agrupamento de palavras gramaticais curtas e as palavras às quais podem ser orbitar como elementos satélites [espécie de complemento]. [...] Este agrupamento de palavras gramaticais curtas inclui, em geral, determinantes (ou seja, artigos e adjetivos possessivos) e pronomes pessoais (que formam uma unidade extremamente compacta com o verbo de que são o sujeito ou o objeto). Os determinantes de substantivos motivam a obrigatoriamente a *liaison* entre o adjetivo ou substantivo subsequente. (tradução nossa)

avancèrent (os soldados avançaram) → [lesɔldazavãsɛr]. O nível elevado de registro linguístico na oralidade do francês deflagra a manifestação de *liaisons* do tipo estilísticas e decorre de relações sintáticas fortes aos ouvidos do locutor, resultado de que podemos denominar *langue soignée* (língua cuidada) o que reflete um nível extremamente cuidadosa de uso, mas que raramente ocorre no cotidiano. Tais relações acontecem, como afirma Tranel (1987, p. 186) devido à “solidariedade sintática [forte] entre o verbo conjugado e seus complementos ou [entre o verbo] e um advérbio não motiva suficientemente a presença de *liaison* para caracterizar um nível bastante elevado de uso da língua”⁷⁰ como nos seguintes exemplos: *il buvait un bon vin* (ele bebia um bom vinho) e *il buvait encore* (ele ainda bebia) que se manifestam em [ilbyvetãbõvẽ] e [ilbyvetãkɔr] respectivamente.

Também, como na relação pronome + verbo, a solidariedade sintática entre adjetivo + substantivo, via de regra, culmina na ocorrência de *liaison* obrigatória, exceto, como já mencionado acima, em algumas exceções da língua informal. Em linhas gerais, a *liaison* será sempre obrigatória entre um adjetivo anteposto a um substantivo como, por exemplo, *petit*, *grand* e *bon*, como no quadro a seguir:

<i>Liaison</i> obrigatória entre adjetivo (<i>petit</i> , <i>grand</i> e <i>bon</i>) e substantivos		
<i>Un petit écureuil</i>	peti[t]écureuil	Um pequeno esquilo
<i>Un grand amour</i>	gran[t]amour	Um grande amor
<i>Un bon appétit</i>	bo[n]appétit	Um bom apetite

Todavia, com outros adjetivos do francês, tal regra não tão evidente e observamos os casos dos adjetivos *long*, *blond*, *premier* e *chalereux*. Como já vimos anteriormente, alguns adjetivos quando terminados em consoante, pela pluralização em “s”, como em *autres* e alguns com “t” como *court* ou *lourd*, tendem a realizar *liaison* em meu grau. Tranel (*op. cit.*, 1987, p. 187) explica, ainda, que “em alguns dialetos, como em algumas regiões da Bélgica, a ocorrência de *liaison* entre adjetivo e substantivo desapareceu por completo”⁷¹, o que nos faz pensar no caráter, sempre presente, dos fatores de ordem social e geográfica que contribuem para o fenômeno da *liaison* em língua francesa. A relação entre adjetivo e substantivo é, deste modo, bastante variável na língua, dependendo não somente de fatores sociais e regionais como

⁷⁰ *The syntatic solidarity between a conjugated verb and its complemente or an adverb is sufficiently lax for the presence of liaison to characterize a rather elevated style.*

⁷¹ *[...] in some dialects (for instance in some regions of Belgium), liaison between na adjective and a noun has completely disappeared [...].*

sintáticos; em geral, a relação sintática será mais frouxa entre esses elementos quando estiveram na sua forma singular com em *l'étudiant autrichien* [lɛtydiãotriʃiẽ], mas não na forma pluralizada: *les étudiants autrichiens* que se manifestará [lezetydiãotriʃiẽ], somente podendo se realizar com a pronuncia do “s” final de *étudiants*, na *liaison* com *autrichiens*, quando do uso de uma nível de língua muito formal.

2.3 Visão geral sobre a *liaison* segundo Joan Bybee

Bybee (2001), em seu texto *Constructions as processing units: the rise and fall of French liaison* (2001), ao discorrer sobre o fenômeno da *liaison*, afirma que fato de que a construção ou a frequência de determinada estrutura condiciona o desenvolvimento de alternâncias entre variantes da mesma palavra, e que a frequência também faz com que tais variantes sejam resistentes à regularização. A autora declara, no caso da *liaison*, que o fenômeno seja sensível aos fatores sintático motivacionais do processo: a informação contida no limite das palavras seria insuficiente, e as restrições de natureza sintática seriam relevantes para manifestação da juntura externa.

Bybee (2001) também chama a atenção para uma argumentação de natureza fonológica, de acordo com a qual, o fenômeno apresenta-se condicionado por aspectos suprasegmentais, ou seja, aqueles que estão além do léxico em si, incluindo-se o fato da velocidade da fala constituir um aspecto relevante para a realização do fenômeno de *liaison*. De acordo com Bybee (2001), *liaison* “é o nome para a emergência de uma consoante de final de palavra antes de uma vogal que inicie palavra seguinte em palavras que, em outros contextos, terminam por vogal.” Assim sendo, a terceira pessoa do singular do verbo *être* (ser) *il/elle est* (ele/ela é) realiza-se em [ɛ] no exemplo: *il est français* ou *elle est américaine* que pode ou não se realizar dependendo do contexto linguístico envolvido, isto é, se seguido de vocábulo iniciando por som vocálico ou consonantal, como nos exemplos a seguir:

- a. *Le climat est également très différent.* (O clima é igualmente muito diferente)
- b. *C'est encore un refuge de notables.* (É ainda um refúgio de notáveis)
- c. *C'est ø le meurtre.* (É o assassinato)
- d. *Le Conseil Regional qui est ø donc son assemblée deliberante.* (O conselho Regional que é a sua assembleia deliberativa)

Bybee (2001) indica-nos que o fator fonológico que condiciona a ocorrência de *liaison* é dado pelo contexto em que “após palavra terminada por consoante, outra iniciada por vogal, mas isto apenas sob certas condições sintáticas”. (2001, p. 168). Portanto, o fator sintático fundamental influência para o desenvolvimento do fenômeno. A autora propõe outro exemplo: o morfema indicador de plural do sintagma nominal pode variar diante de um adjetivo iniciado por vogal, manifestando-se em [z] no final do sintagma. No entanto, tal realização não ocorre uma vez que tal construção envolve um verbo iniciado por som vocálico após o sintagma nominal que serve de sujeito da frase:

- a) *Le[z]enfants ([z])intelligents parlent anglais.* (As crianças inteligentes falam inglês.)
- b) *Le[z]enfants ø arrivent de l'école.* (As crianças chegam da escola.)

Ainda que se considere que admita que a *liaison* seja motivada tanto pelo componente sintático quanto pelo componente fonológico, Bybee (2001) argumenta, que os contextos morfossintáticos e lexicais nos quais a *liaison* ocorria com maior frequência de forma categórica foram armazenados pela memória do falante de francês. Devido ao desaparecimento do fenômeno da *liaison*, ao longo do tempo, dado o caráter diacrônico da língua, percebemos a manifestação do fenômeno em contextos em que ocorriam com maior frequência. A fim de argumentar sua proposição, a autora recorre ao histórico do apagamento das consoantes finais das palavras que, para Bybee, “é um fenômeno foneticamente condicionado”. (2001, p. 168). O resultado desta mudança fonética foi que muitas palavras, nomes e adjetivos perderam sua consoante final completamente, como por exemplo, *bois* (madeira), *goût* (gosto) ou *tabac* (tabaco) entre outras tantas. Tais palavras, no entanto, quando seguidas por outra iniciada por som vocálico, terão suas consoantes finais manifestas por *liaison*.

Segundo Bybee (2001), as motivações da morfologia, sintaxe e do léxico são inegáveis ao fenômeno da *liaison*, contudo cada uma dessas contribuições tem apresentado controvérsias linguísticas por parte de vários estudiosos do fenômeno. Ainda, segundo a autora, trabalhos fundamentais para avanços significativos direcionados ao entendimento do fenômeno da *liaison* teriam sido os de Selkirk (1974) e Chomsky & Halle (1968), a primeira porque estabelece contextos de *liaison* por intermédio de estabelecimento de fronteiras entre palavras (palavra 1 + palavra 2) e a segunda porque, como pondera Bybee (2001), estabelece fronteiras para categorias lexicais, mas não para categorias gramaticais. Bybee cita, ainda estudos de Kaisse (1985), cuja proposta admite maior peso da configuração sintática para a ocorrência de *liaison*, (Baxter, 1975; Green & Hintze, 1988; Morin & Kaye, 1982; Tranel, 1981) que contribuem para

uma análise que se refere não apenas a fatores morfossintáticos mas também a fatores lexicais. Também, o grau de coesão sintática que é sempre mencionado em estudos sobre *liaison* é um resultado direto da frequência com a qual os dois itens envolvidos na *liaison* ocorrem na sentença. (BYBEE, 2001, p.172). Esta proposta abarca a totalidade da construção envolvida pela *liaison*, como por exemplo na palavra fonológica *cher_ami* (querido amigo) como uma unidade básica de significação. De acordo com esta análise, construções linguísticas têm diferentes graus de normatização, uma vez que só se estabilizam na língua a partir de uso repetitivo por parte do falantes. Os mecanismos para a estabilização de construções linguísticas seriam: a) o fato de ficarem automáticos para o falante os *chunks*⁷² de material linguístico repetidos; b) categorização de itens que ocorrem em posições particulares nesses *chunks*.

Assim sendo, Bybee (2001) argumenta que a *liaison*, ainda que ocorra entre palavras e não no interior de palavras, é muito similar às alternâncias condicionadas morfológicamente e lexicalmente que ocorrem internamente nas palavras, lembrando os processos de junturas internas. Levando-se em consideração os fatores fonéticos originais, alternâncias gradualmente associaram-se a contextos morfossintáticos e lexicais. Segundo Bybee (2001), a frequência de determinada construção está diretamente ligada à produtividade do fenômeno na oralidade. A *liaison*, para ocorrer, depende de contextos sintáticas envolvidas, no caso destas serem firmes, na terminologia de Bybee, a tendência seria de ocorrência de *liaison*.

Considerando-se dois fenômenos linguísticos da língua francesa, a *liaison* e a *élision* (elisão), sendo o primeiro uma forma de realização de uma consoante final muda e o segundo um processo de apagamento de um segmento vocálico, Schane (1967), postula que ambos os fenômenos são processos de truncamento, dado que os dois nada mais são do que apagamento de um segmento em posição final de palavra. Bybee (2001) afirma que a condição fonológica para o aparecimento de *liaison* é que haja “após palavra terminada por consoante, outra iniciada por vogal, mas isto apenas sob certas condições sintáticas”. (2001, p. 168). Além disso, propõe que, nos contextos em que a *liaison* é categórica, haja uma condição sintática do tipo firme. Schane (1967) enfatiza o peso que a sintaxe exerce na ocorrência ao ponderar a relevância do componente sintático na determinação das *liaisons* em francês.

Bybee (2001) postula que a *liaison* é decorrente da construção ou da frequência de determinada estrutura que condiciona o desenvolvimento de alternâncias entre variantes da mesma palavra, e que a frequência faz com que tais variantes sejam resistentes à regularização.

⁷² *Chunk* significa em inglês “pedaço”. Trata-se de grupos de palavras encontrados com frequência dentro de uma língua. Esses grupos de palavras possuem sempre uma estrutura fixa ou mesmo semifixa.

A autora afirma que o fenômeno é sensível ao componente sintático: a informação contida no limite de palavras seria insuficiente e as restrições de natureza sintática seriam relevantes para as regras de sândi externo.

3. ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO DE LÍNGUA FRANCESA

3.1 Língua e linguagem: natureza epistemológica e conceptualização

Antes de apresentar e analisar os livros didáticos escolhidos para a análise neste capítulo sobre ensino de língua francesa, referente à distribuição dos conteúdos de fonética-fonologia, enfatizando a apresentação, a inserção e a contextualização dada ao fenômeno da *liaison* nas rubricas adequadas do material de ensino, consideramos imprescindível conceptualizar linguagem e língua, dada sua relevância para o entendimento e análise dos manuais de ensino. Deste modo, com base na conceptualização dos termos, pode-se diferenciá-los quanto à sua natureza e às abordagens científicas dispensadas ao longo do tempo e, partir de uma visão histórica e epistemológica proposta por linguistas e, deste modo, culminar na reflexão sobre o processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira que temos por objetivo, bem como sobre a práxis docente, por meio da análise dos livros didáticos utilizados para o ensino de língua francesa em diversos ambientes de ensino como escolas privadas de idiomas e o já referido CELE da FURG.

Como ponto de partida, para *Dubois et al. (2014)* no *Dicionário de linguística*, língua, em síntese, “é um instrumento de comunicação, um sistema de signos específicos aos membros de uma mesma comunidade” (p. 353). O *Dicionário de Linguística* em questão refere-se a termos como língua materna, línguas vivas, línguas mortas, e a distinção entre língua escrita e língua falada, sendo consideradas cada uma como um sistema singular dentro da própria língua. É comum que os termos linguagem e língua pareçam, num primeiro momento, apresentar equivalência, no entanto funcionam como um sistema de hiperônimo-hipônimo⁷³, em que o primeiro abrange o segundo, já que linguagem é o modo mais amplo e língua o modo mais restrito de expressão, dadas as peculiaridades próprias de cada um dos vocábulos. Assim, podemos conceber que a linguagem é a ferramenta pela qual transmitimos ao mundo e àqueles que nos cercam nossos conceitos, ideias e sentimentos, em virtude de um processo necessário de e à interação social, visto que somos seres eminentemente sociais.

⁷³ Ou seja, a linguagem (hiperônimo) como estando num nível mais abrangente de todas as formas de comunicação possíveis do ser humano como a dança, a pintura, o gestual e outras tantas. E, por sua vez, a língua como sendo o hipônimo deste sistema, em que representa um sistema de comunicação escrita ou oral por meio do qual, nós, seres humanos, transmitimos ideias aos demais. Lembremo-nos que, como afirma Fiorin (2008), insetos como as abelhas possuem um sistema de comunicação por meio de seu voo e de seus feromônios, mas somente o ser humano detém uma língua, da qual faz uso a fim de expressar-se, comunicar e definir-se como ser social.

A linguagem constitui-se, pois, o centro em torno do qual o orbita o ser humano, quando considerado no âmbito que só ela consegue preencher: o âmbito da convivência humana, do fazer social e do interagir com os demais, como já afirmamos. Também, do mesmo modo se levarmos em conta o âmbito do entendimento, do consenso crescente tão indispensável à vida humana. Realmente o homem é o ser que possui linguagem segundo a afirmação de Aristóteles: “Tudo que é humano deve poder ser dito entre nós.” (ARISTÓTELES *apud* GADAMER, 2002. p. 182.). A partir de tais fatos, conclui-se que a linguagem é o ponto central do ser humano. É a partir dela que o homem se faz presença e possui a capacidade de agir no mundo e interagir com o mesmo. O ser humano é, de fato e por excelência, um ser vivo dotado de linguagem e, como queremos deixar claro a este ponto, de língua. A língua, por sua vez, como pretendemos tratar neste trabalho, trata-se de um modo mais restrito de linguagem, podendo ser verbal ou não, como vemos a seguir.

A linguagem não é uma exclusividade humana, visto que animais das mais diversas espécies, desde os mais geneticamente distantes, como abelhas e formigas, até aqueles muitos semelhantes a nós como os macacos, dispõem de linguagem, seja a comunicação realizada por meio de sinais vocálicos, do voo ou de feromônios, pois qualquer conjunto de signos ou sinais é considerado uma forma de linguagem. Em geral, o uso do termo linguagem pode ser bastante amplo quanto ao uso, referindo-se tanto à linguagem dos animais ou até a outras categorias de linguagem humana como a música, a dança, a pintura ou a mímica, todas formas de expressão de sentimento e ideias humanas verbais ou não-verbais, compostas por signos (elementos que representam algum significado e sentido para o ser humano), portanto semióticos por natureza. Curiosamente, Fiorin (2008, p. 15) em *Introdução à Linguística: objetos teóricos*, nos relata os estudos do zoólogo alemão Karl von Frisch (1959) sobre as abelhas e sua linguagem estruturada a partir dos movimentos do voo da abelha “dançarina”:

A abelha-obreira, ao encontrar uma fonte de alimento, regressa à colmeia e transmite a informação às companheiras por meio de dois tipos de dança: circular, traçando círculos horizontais da direita para a esquerda e vice-versa, ou em forma de oito, em que a abelha contrai o abdome, segue em linha reta, depois faz uma volta completa à esquerda, de novo corre em linha reta e faz um giro para a direita, e assim sucessivamente. Se o alimento está próximo, a menos de cem metros, a abelha executa uma dança circular; se está distante, realiza uma dança em forma de oito. [...] Os dois tipos de dança apresentam-se como verdadeiras mensagens que comunicam a descoberta para a colmeia: ao perceber o odor da obreira [feromônio] ou absorvendo o néctar que ela deglute, as abelhas se dão conta da natureza do alimento; ao observar a dança, as abelhas descobrem o local onde se encontra a fonte de alimento. (FIORIN, 2008, p. 15-16)

Por outro lado, a língua é um código de natureza verbal ou não-verbal, característico do ser humano, ou seja, um conjunto de palavras e combinações específicas compartilhado por um

certo grupo social, em determinado espaço geográfico, tempo histórico e que carrega em si a marca da interação interpessoal. Quando se afirma que uma língua pode ser não-verbal, é porque fazemos referência às línguas de natureza gestual, como a LIBRAS⁷⁴ (Língua Brasileira de Sinais), ASL (American Sign Language)⁷⁵ ou LFS (Língua Francesa de Sinais), tipos de línguas em que os sons são substituídos por sinais gestuais e visuais, como expressões do rosto e do corpo em geral Fiorin (2008, *op. cit.*) pondera ainda sobre a diferenciação entre linguagem e língua, ao questionar os conceitos de ambos os termos e delinear a extensão de um e de outro, afirmando que:

O que é linguagem? Está implícito dessa pergunta o reconhecimento de que as línguas naturais, notadamente diversas, são manifestações de algo mais geral, a linguagem. Tal constatação fica mais patente se pensarmos em traduzi-la para o inglês, que possui um único termo – *language* – para os dois conceitos – língua e linguagem. É necessário, então, que se procure distinguir essas duas noções. (FIORIN, 2008, p. 13)

Inicialmente, dois grandes estudiosos, Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky despontam apresentando suas proposições sobre a epistemologia da língua, ao pressuporem uma teoria geral da linguagem e sua decorrente análise linguística. O linguista Saussure, no início do século XX, em seu *Curso de Linguística Geral*⁷⁶, concebe a linguagem como “heteróclita e multifacetada” ao considerá-la sob diversos domínios: ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, individual e social. Deste modo, o linguista distingue uma parte da linguagem: a língua, que é a parcela essencial da primeira, sendo objeto unificado e passível de classificação e, propõe diferenciá-la da linguagem, reconhecendo a intrincada relação entre ambas, ao afirmar que:

[A língua] não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social

⁷⁴ A Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS, segunda língua oficial do Brasil, é a língua de sinais usada pela comunidade surda brasileira e legalmente reconhecida como meio de comunicação e expressão desta já que é parte do cabedal da cultura surda no país. É derivada tanto de uma língua de sinais original, natural da região ou do território dos habitantes, quanto da Língua Francesa de Sinais (LFS) e, por isso, é semelhante a outras línguas de sinais da Europa e dos Estados Unidos. A LIBRAS não é a simples gestualização da língua portuguesa, e sim uma língua à parte, como o comprova o fato de que em Portugal usa-se uma língua de sinais diferente, a Língua Gestual Portuguesa (LGP).

⁷⁵ Língua Americana de Sinais.

⁷⁶ Aqui, ressalta-se o posicionamento epistemológico ao referir-se à obra *Curso de Linguística Geral* (CLG) não propriamente como obra do linguista Ferdinand de Saussure devido às questões ligadas à sua autoria, pois, como se sabe, a edição do *Cours de Linguistique Générale* apareceu três anos após sua morte, não tendo o linguista escrito uma só linha da mesma. O CLG é, na verdade, de autoria de Charles Bally e Albert Sechehaye ao tentar reconstituir a teoria de Saussure, a partir de três semestres de aulas dadas pelo linguista na Universidade de Genebra (1907, 1908-1909, 1910-1911), no final de sua vida. Além dos autores referidos, houve a colaboração de Riedlinger que, juntamente com Bally e Sechehaye, usaram as anotações de L. Caille, L. Gautier, P. Regard, Mme. Sechehaye, G. Dégailler, F. Joseph, bem como notas do próprio Riedlinger. Somente em 1996, foram descobertos manuscritos de Saussure em sua residência em Genebra, Suíça, e publicados sob o título de *Os escritos de Saussure*.

para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita, [...] pertence ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em numa categoria de fatos humanos, pois não se sabe com inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si em um princípio de classificação [...], constitui algo adquirido e convencional, que haveria subordinar-se ao instinto natural em vez de adiantar-se a ele. (CLG, 2012, p. 41)

Para Saussure, a língua, portanto, é uma parte essencial da linguagem, seu hiperônimo, que “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (CLG, 1969, p. 17). A língua para Saussure é um sistema de signos – conjunto de unidades inter-relacionadas e organizadas dentro de um todo, externa ao indivíduo e não passível de modificação por ele, pois obedecem às regras de um contrato firmado entre os falantes de uma determinada comunidade linguística. Fiorin (2008), ainda sobre a natureza da língua “para Saussure”, assevera que:

O conjunto linguagem-língua contém ainda um outro elemento, conforme Saussure: a fala. A fala é um ato individual; resulta das combinações feitas pelo sujeito falante utilizando o código da língua; expressa-se pelos mecanismos psicofísicos (atos de fonação) necessários à produção dessas combinações. [...] Saussure focalizou em seu trabalho a linguística da língua, produto social depositado no cérebro de cada um, sistema supraindividual que a sociedade impõe ao falante. (FIORIN, 2008, p. 14)

O linguista genebrino, conforme sua delimitação de estudo, numa de suas famosas dicotomias, considera a divisão entre língua e fala (*langue* e *parole* em francês), ao afirmar que a primeira é de natureza e a segunda secundária, ao categorizar que:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objetivo a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objetivo a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica (CLG, 2000, p. 27)

Deparamo-nos, a partir dos postulados de Saussure, com um dilema crucial à ideia de língua a que nos vinculamos atualmente e que faz parte de nosso instrumental epistemológico no processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira como o francês, pois, se nos determos, particularmente, a um fenômeno fonético-fonológico como a *liaison*, tão variável do ponto de vista sócio-histórico e tão intrinsecamente dependente do uso individual que o falante faz da língua, percebemos que na visão saussuriana de língua não há estima alguma à variação linguística, já que para Saussure, o indivíduo falante está totalmente assujeitado⁷⁷ às regras, não

⁷⁷ Assujeitamento é um termo que vem da Análise do Discurso de Michel Pêcheux e significa, segundo o Glossário de Termos do Discurso, organizado pelo Instituto de Letras da UFRGS, o movimento de interpelação por uma

dispondo de autonomia para mudá-las. O estruturalismo apresenta uma visão com caráter eminentemente cientificista sobre o conceito de língua, alvo de muitas críticas *a posteriori*, as quais suscitaram modernas reflexões. Não se invalida a contribuição saussuriana para a compreensão da linguagem, no entanto o que se propõe é uma visão que venha contemplar aspectos sociais, culturais e identitários acerca de língua e ensino/aprendizagem.

Outro destes expoentes no estudo da natureza da língua é o norte-americano Noam Chomsky, para quem os indivíduos nascem com uma predisposição genética para a aquisição da linguagem. Assim sendo, já todos os indivíduos estão aptos a adquirirem uma língua, dada sua motivação genética de base, as experiências vivenciadas seriam simplesmente um dado do tipo *input* no sistema ao permitir a assimilação de novas palavras e seus significados e a língua propriamente dita, um dado do tipo *output*. Para o gerativismo a língua é tida como um conjunto de sentenças geradas de forma infinita, sendo cada uma delas formada por uma cadeia de elementos (palavras e morfemas). Em outras palavras, Chomsky considera que o sujeito que dominar um conjunto finito de regras será capaz de produzir um número infinito de sentenças.

A teoria geral sobre língua defendida por Chomsky é, assim, denominada de gerativismo (vindo do de “gerar”) pois propõe o uso de uma gramática gerativa, relacionada com as possibilidades de cada língua de gerar expressões. O que interessa, também, ao gerativismo é o que as línguas apresentam em comum (princípios e parâmetros)⁷⁸, o que representa um retorno à antiga tradição da Gramática Universal⁷⁹. A palavra de ordem da teoria chomskyana é “gerar”, pois somos todos capazes e dotados geneticamente para gerar infinitamente sentenças e mais sentenças ao infinito.

ideologia maior e independente do sujeito que está à sua mercê, condição necessária para que o indivíduo torne-se sujeito do seu discurso ao, livremente, submeter-se às condições de produção impostas pela ordem superior estabelecida, embora tenha a ilusão de autonomia. Assim, se estamos assujeitos às regras da língua, como declara Saussure, não podemos nos “mover” dentro dela e somos, por conseguinte, subalternos à língua e suas regras.

⁷⁸ Princípios e parâmetros é uma estrutura teórica da gramática generativa a qual postula as propriedades da gramática universal, bem como as possíveis variações que podem levar a constituir diferentes linguagens humanas. De acordo com essa abordagem, a faculdade linguística seria dividida em duas partes: a) os princípios universais e constantes e que explicam as semelhanças entre as línguas e os b) parâmetros que, embora também sejam universais, têm um valor que muda de idioma para idioma, o que explica as diferenças. Dentro dessa estrutura, o objetivo da linguística seria identificar todos os princípios e parâmetros comuns a todos os seres humanos (gramática universal).

⁷⁹ Gramática universal é uma teoria linguística gerativista que afirma que determinados princípios são comuns a todas as línguas e subjazem a todas elas, além de lhes serem inatos. A gramática universal investiga, portanto, quais características linguísticas são comuns a todas as línguas do mundo - por exemplo, o fato de todas terem vogais, sentenças formadas por sujeito e predicado, por exemplo. É uma gramática de base comparativa, que procura descrever e classificar todos os fatos que ocorrem universalmente em todas as línguas (isto é, os universais linguísticos) (TRAVAGLIA, 1998).

O linguista americano afirma que levando-se em conta a gramática gerativa, todos os seres humanos nascem dotados naturalmente para a faculdade da linguagem, a qual é um componente da mente/cérebro dedicado à língua. Consequentemente, desta noção de gramática interna, surge o postulado do inatismo⁸⁰ de Chomsky, ou seja, a concepção de que toda criança nasce biologicamente com uma aparato que lhe permite falar, desde que exposta a um determinado ambiente linguístico, pois a partir da interação da informação genética [que a criança traz] no estado inicial de sua faculdade da linguagem com os dados linguísticos a que é exposta vai naturalmente desenvolver sua capacidade para a língua.

Ainda, para Chomsky, à moda de Saussure ancora-se na dicotomia competência e desempenho, sendo a primeira a internalização de regras gramaticais e a segunda o uso das mesmas para a geração de sentenças dentro de uma determinada língua. Embora os conceitos de desempenho e competência de Chomsky se assemelhem aos conceitos de *langue* e *parole* de Saussure, há uma distinção fundamental entre eles: embora ambos apresentem em comum separação do linguístico e do não-linguístico, Saussure apresenta uma tendência mais psicológica do que Chomsky. Além disso, a questão principal é que na definição dos dois conceitos de Saussure não existe nada que trate sobre as regras para “gerar sentenças”, ponto fundamental no pensamento de Chomsky e basilar no seu sistema de competência e desempenho. Apesar de os autores conceberem a língua como um sistema de signos, conforme a abordagem de Saussure, Chomsky também é retomado no *Dicionário de linguística*, sendo que os autores aproximam seu conceito de competência ao de língua, e o de desempenho ao de fala. Assim, reafirma-se a importância de Saussure para a definição de língua desse dicionário, já que os conceitos chomskianos são reduzidos à comparação com os conceitos de Saussure.

Ainda no objetivo de entender o que é língua, um contemporâneo de Saussure, Mikhail Bakhtin surge para introduzir uma nova visão sobre língua a qual é estudada e adotada amplamente, na atualidade, dado seu suporte teórico para o ensino de línguas estrangeiras. Um dos aspectos inovadores da produção do que se denominou Círculo de Bakhtin, nome pelo qual se tornou notório seu grupo de estudos, foi conceber a língua como um constante processo de interação mediado pelo diálogo e não apenas como um sistema autônomo. Para o pensador a língua, sua composição quanto a vocabulário, sua estrutura gramatical entre outros aspectos

⁸⁰ Segundo a tese inatista proposta por Noam Chomsky, os seres humanos já nascem com uma espécie aparelho de carácter biológico e fundo genético responsável pelo desenvolvimento da linguagem, o qual possui uma estrutura gramatical universal, que possibilita aos falantes construir infinitas sentenças que nunca foram ditas anteriormente em sua língua materna a partir de estímulos, por ventura pobres do ambiente, e que essas formulações só dependem de sua criatividade.

formais de sua composição não são conhecidos tão-somente através de dicionário ou manuais de gramática, e sim por meio de enunciados concretos de falantes reais que, ao se comunicarem, reproduzem a comunicação efetiva com as pessoas reais e em situações reais de interação. De acordo com Bakhtin, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 1997, p. 124). Para o autor, a língua é um fenômeno mutável e social, em sua essência, assim como um processo decorrente da interação verbal de indivíduos, portanto não-estanco e em constante modificação e recriação, sempre com a possibilidade de modificação.

Tanto Saussure quanto Bakhtin, ponderavam a língua em seu fator social, porém as divergências irrompem entre os teóricos quando, para o pensamento bakhtiniano, a língua é vista essencialmente segundo seus dados reais da linguística, ou seja, a natureza social da linguagem é maximizada, assim como a fala do indivíduo e seu caráter interacional. Há, a este ponto, uma contraposição ao pensamento de Saussure em relação ao seu objetivismo abstrato estruturalista de caráter cientificista que permeia seus postulados. Bakhtin, por sua vez, mostra que a natureza formal da língua decorre das relações sociais entre interlocutores e não são definidas unicamente por um sistema abstrato de formas. Como afirma TEXEIRA & RIBEIRO (2013) sobre a intrincada relação entre as concepções de língua e ensino:

Levando em consideração a visão de Bakhtin no tocante à concepção da língua como um processo dialógico, social e de interação verbal, é preciso atentar-se ao ensino de língua estrangeira a partir de uma abordagem dialógica⁸¹ bakhtiniana. A língua estrangeira no contexto de ensino vista e estudada nessa abordagem possibilita ao aprendiz uma aprendizagem contextualizada e situações reais de uso, em que o aluno percebe a importância da mesma para sua formação enquanto cidadão e, ao mesmo tempo, relevante para sua realidade cotidiana. (TEXEIRA & RIBEIRO, 2013, p. 117)

A concepção de língua como interação entre falantes (locutor e interlocutor) demonstra a necessidade premente de o professor de língua estrangeira abandonar a práxis monológica em favor de uma dialógica. Tal prática no processo de ensino deve culminar na conscientização do aprendiz para a variabilidade linguística existente e possível dentro de uma língua. Quanto ao fenômeno da *liaison* em língua francesa, pode-se, por exemplo, chamar a atenção dos estudantes para seu caráter eminentemente estilístico como é o caso das *liaisons* do tipo facultativas, que dependem do falante e da sua mobilização da língua em função de fatores diafásicos.

⁸¹ Para Bakhtin, o dialogismo pode ser entendido como a comunicação verbal interacional, que se dá através da noção de recepção/compreensão de uma enunciação que se configura no território comum existente entre locutor e interlocutor.

A partir do percurso que empreendemos, pudemos perceber como não só a diferente conceptualização dos termos linguagem e língua, mas também perceber como várias linguistas, ao longo do tempo e de acordo com o arcabouço científico próprio de suas épocas, refletiram sobre a natureza da língua, como se estrutura, de onde se origina e qual seu papel social, dada que se trata de um evento social, ao nosso ver. Desde os mais remotos pensadores, a língua tem sido objeto de estudo e inquietações por parte de filósofos e, mais tarde, linguistas, pois a pergunta sempre permeou os tempos é: Afinal, como devemos olhar para a língua como instrumento de comunicação? É somente um instrumento de comunicação ou vai além disso? Pudemos averiguar os diversos estigmas atrelados à língua ao longo do tempo e a incansável tentativa de explicá-la como fenômeno social variável, com suas características de diacronia, diafasia, por exemplo.

Providos deste conhecimento acerca dos conceitos de língua e seu breve histórico, podemos percebermos na nossa prática docente e no uso do LD que o ensino e aprendizagem de uma LE não está isento de intencionalidade e preconceitos os mais variados possíveis. Muitas das vezes, pudemos observar e mesmo estarrecer com recorrente pergunta do estudante de LE: *Qual a pronúncia correta? Quando devo ou não usar a liaison?* (mesmo neste caso, tratando-se de uma *liaison* facultativa) ou ainda algumas afirmações estereotipadas como: *Quero falar francês como um francês nativo! Quero ter o sotaque de um nativo! Como fazer para não perceberem que sou brasileiro falando francês?* No caso específico do LD, observa-se que o professor de LE deve equilibrar tais forças e tentar dirimir os estigmas ou estereotipações veiculados pelo próprio LD e corroborados pelos estudantes de FLE. No exemplo clássico que pude observar em sala de aula por inúmeras vezes sobre o fenômeno da *liaison*, quando da categoria facultativa do fenômeno, o aluno tende a realizar o maior número de *liaisons* possíveis e mesmo alguns casos das proibitivas, numa espécie de hipercorreção, com a finalidade de mostra-se um falante “adequado” da língua e zeloso pelos fenômenos de ordem fonético-fonológicos. Posso, aqui, exemplificar dois casos bastante repetidos que ratificam minha tese de que há certa estigmatização de um “bem falar” e de um “bom uso da *liaison*” quando do aprendizado do FLE. Nas seguintes frases a *liaison* é facultativa e, em geral, na fala cotidiana não se realiza, no entanto o estudante tende a fazê-las de modo a seguir rechaçado “bom uso” da língua:

a) Elle est américaine et elle parle le français très bien.

(Ela é americana e fala muito bem o francês)

b) Nous sommes allés à la plage et Hélène nous a dit qu'elle était émerveillée.

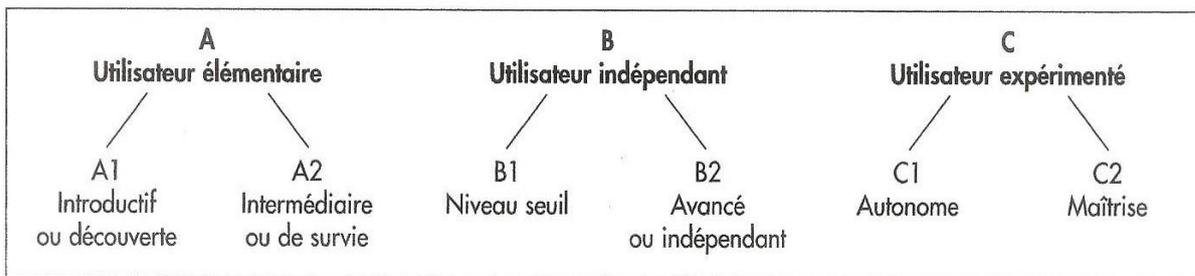
(Fomos à praia e Hélène nos disse que estava maravilhada)

Tanto nas frases a e b, a *liaison* com a conjunção *et* é proibitiva, portanto, *et elle* [ətɛl] e *et Hélène* [ətɛlɛn] estão linguisticamente inadequadas. Já nas construções *est américaine* [ɛtaməkɛn] e *était émerveillée* [ɛtɛtɛmɛrvɛiø], a *liaison* é da categoria facultativa ou estilística, em geral omitida, no entanto o estudante de FLE tende a realizá-las com a intenção de mostrar conhecimento linguístico e escolha adequada do contexto de *liaison*.

3.2 O Quadro Comum Europeu para Línguas e o nível A1

O Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas, estabelecido em 1991 pelo Conselho da Europa, a partir de estudos e percepções advindas de instituições europeias de ensino, tem como estrutura basilar certo número de níveis de aprendizagem referente a uma determinada língua, bem como a natureza da mesma em níveis e graus de aprendizagem. Desta maneira, o quadro de referência configura-se em três grandes níveis gerais, os quais se subdividem 2 níveis menores de abrangência cada um. Para que se entenda o QECR-L, pode-se lançar mão de um esquema em forma de arborescência, como propõe o Conselho da Europa, no citado documento.

O mencionado diagrama, que pode ser entendido segundo um organograma em forma de arborescência, composto de três grande níveis gerais (níveis A, B e C), sendo que o A refere-se ao usuário elementar, o B ao usuário independente e, por fim, o C ao usuário experiente ou com domínio da língua. Por sua vez, cada um dos níveis gerais (hiperônimos) subdividem-se em níveis menores (hipônimos) da seguinte forma: nível A em A1 (usuário introdutório ou de descoberta) e A2 (usuário intermediário ou nível de sobrevivência), nível B em B1 (nível limiar) e B2 (usuário avançado ou independente) e nível C em C1 (usuário autônomo ou nível da competência operacional efetiva) e C2 (nível de domínio ou competência operacional global), como exibimos a seguir:



Fonte: Cadre Europeen Comun de Référence pour le Langues : apprendre, enseigner, évaluer (1991, p. 25)

Desta forma, o nível A1 (introdutório ou de descoberta) dos livros analisados aqui (*Alter Ego+* e *Cosmopolite*), em conformidade com o QECR-L, é o mais elementar de utilização do idioma, tratando-se daquele de uso pessoal do estudante apesar de que, hoje, exista um nível mais elementar o nível A1.1, que serve de referência para os exames internacionais DILF⁸² e o DELF Prim⁸³. Assim, no nível A1, o estudante é capaz de interações simples, responder e fazer perguntas simples a respeito de si mesmo, do lugar onde mora, sobre pessoas que conhece, sobre coisas que possui. O estudante do nível A1 pode intervir com enunciados simples nos assuntos relacionados a ele ou que lhe são familiares e responder igualmente, sem ter que repetir expressões já estruturadas previamente e organizadas. Ou nas palavras do documento publicado pelo Conselho da Europa, em 1991, sobre o referido nível (utilizador elementar da língua), o estudante:

Peut comprendre et utiliser des expressions familières et quotidiennes ainsi que des énoncés très simples qui visent à satisfaire des besoins concrets. Peut se présenter ou présenter quelqu'un et poser à une personne des questions la concernant – par exemple, sur son lieu d'habitation, ses relations, ce qui lui appartient, etc. – et peut répondre au même type de questions. Peut communiquer de façon simple si l'interlocuteur parle lentement et distinctement et se montre coopératif. (Cadre comun de référence pour les langues, apprendre, enseigner, évaluer, 1991. p. 25)⁸⁴

Quanto à competência comunicativa do referido nível, o estudante de língua estrangeira será capaz exprimir-se oralmente e de forma escrita, compreender enunciados orais e escritos,

⁸² Diploma Inicial de Língua Francesa. O DILF é um diploma de francês como língua estrangeira (nível A 1.1 do QECR-L) que avalia os primeiros conhecimentos adquiridos pelo estudante e constitui-se numa primeira etapa preparatória para provas internacionais mais avançadas como o DELF e o DALF.

⁸³ O DELF Prim é o Diploma de Estudos em Língua Francesa que permite validar e certificar a competência comunicativa em língua francesa de crianças escolarizadas entre 7 e 11 anos da escola primária, a qual corresponde *grossa modo* ao ensino fundamental no Brasil. O DELF Prim é subdividido em três níveis: DELF Prim A1.1, A1 e A2.

⁸⁴ Consegue entender e usar expressões familiares e cotidianas, bem como enunciados muito simples, destinadas a atender às suas necessidades concretas. Pode se apresentar ou apresentar alguém e fazer perguntas sobre questões que se relacionam a ela - por exemplo, sobre seu local de moradia, seus relacionamentos, o que lhe pertence, etc. - e pode responder o mesmo tipo de perguntas sobre si. Pode se comunicar de maneira simples se o interlocutor fala lenta e claramente e é cooperativo. (tradução nossa)

pois quanto à a) compreensão oral, poderá compreender palavras familiares e expressões usuais sobre si mesmo, sua família, seu ambiente concreto e imediato, desde que o interlocutor fale de forma lenta e clara, b) compreensão escrita, poderá palavras e expressões familiares e simples em anúncios, cartazes ou catálogos, c) expressão oral, poderá comunicar-se de maneira simples desde que o interlocutor se disponha a repetir ou reformular sentenças de forma lenta ou ainda, será capaz de formular frases com a ajuda do interlocutor. Além disso, o aprendiz poderá elaborar e responder perguntas simples sobre assuntos familiares ou de que tem necessidade imediata e estará apto a se expressar em contínuo ao usar sentenças simples para descrever seu local de moradia ou as pessoas que conhece, d) expressão escrita, poderá escrever uma carta postal curta falando de suas férias, por exemplo, além de poder escrever seu nome completo, sua nacionalidade ou seu endereço ao preencher uma ficha de hotel ou dar detalhes pessoais para um questionário. (QEQR-LE, 1991)

Ainda, em relação aos aspectos qualificativos quanto ao uso da língua falada e, de acordo com o QEQR-L, pode-se asseverar que o estudante de LE se enquadra no nível A1 ao levar-se em consideração fatores de abrangência, correção, fluência, interação e coerência da língua segundo referido nível. Assim, concernente à a) abrangência, o estudante possui um repertório elementar de palavras e expressões simples relativas às situações particulares concretas, b) correção, dispõe de controle limitado de algumas estruturas de sintaxe e de formas gramaticais simples, que pertencem a um repertório memorizado, c) fluência, pode lidar com enunciados muito curtos, isolados, geralmente estereotipados, com numerosas pausas para procurar suas palavras, pronunciar as menos familiares e para remediar a comunicação, d) interação, será capaz de responder a perguntas e formular perguntas sobre detalhes pessoais. Pode interagir de maneira simples, mas a comunicação depende totalmente da repetição com uma velocidade mais lenta, da reformulação e das correções e e) coerência, terá a habilidade ligar grupos de palavras com conectores muito simples tais como "et" ou "alors". Assim, apresentamos a tabela do QEQR-L do Conselho da Europa (1991, p. 28), quanto aos níveis de competência quando do uso da língua falada, com a finalidade de dar uma noção abrangente de todos os níveis e sua relação com os itens acima mencionados e com especial enfoque ao nível A1, de interesse à nossa análise:

Usuário Elementar	A1 Nível de iniciação ou descoberta	O aprendiz será capaz de compreender e utilizar expressões familiares e correntes assim como enunciados simples que visam satisfazer necessidades imediatas. É capaz de apresentar-se ou apresentar alguém e colocar questões ao seu interlocutor sobre assuntos como, por exemplo, o local onde vive, as suas relações, o que lhe pertence, etc. É capaz de responder ao mesmo tipo de questões. É capaz de comunicar de forma simples desde que o seu interlocutor fale clara e pausadamente e se mostre colaborativo.
	A2 Nível elementar ou de sobrevivência	O aprendiz será capaz de compreender frases isoladas e expressões de uso frequente relacionadas com assuntos de prioridade imediata (por exemplo, informações pessoais e familiares simples, compras, meio envolvente, trabalho). É capaz de comunicar em situações correntes que apenas exijam trocas de informações simples e diretas sobre assuntos e atividades habituais. É capaz de descrever com meios simples a sua formação, o seu meio envolvente e referir assuntos que correspondam a necessidades imediatas.
Usuário Independente	B1 Nível limiar	O aprendiz será capaz de compreender os pontos essenciais quando a linguagem padrão utilizada é clara, tratando-se de aspetos familiares em contextos de: trabalho, escola, tempos livres, etc. É capaz de participar na maior parte das situações que podem ocorrer em viagem, numa região onde a língua alvo é falada. É capaz, também, de organizar um discurso simples e coerente sobre assuntos familiares, em diferentes domínios de interesse. É capaz de relatar acontecimentos, experiências ou um sonho, expressar um desejo ou uma ambição e justificar, de forma breve, as razões de um projeto ou de uma ideia.
	B2 Nível avançado ou independente	O aprendiz será capaz de compreender o conteúdo essencial de assuntos concretos ou abstratos num texto complexo, incluindo uma discussão técnica na sua especialidade. É capaz de comunicar com uma grande espontaneidade que permita uma conversa com um falante nativo, não se detectando tensão em nenhum dos falantes. É capaz, também, de exprimir-se de forma clara e pormenorizada sobre uma vasta gama de assuntos, emitir uma opinião sobre uma questão atual e discutir sobre as vantagens e as desvantagens de diferentes argumentos.
Usuário Proficiente	C1 Nível de autonomia	O aprendiz será capaz de compreender uma vasta gama de textos longos e complexos, assim como detectar significações implícitas. É capaz de exprimir-se de forma espontânea e fluente sem, aparentemente, ter de procurar as palavras. É capaz de utilizar a língua de maneira eficaz e flexível na sua vida social, profissional ou académica. É capaz, ainda, de exprimir-se sobre assuntos complexos, de forma clara e bem estruturada, e de mostrar domínio dos meios de organização, de articulação e de coesão do discurso.
	C2 Nível de mestria	O aprendiz será capaz de compreender sem esforço praticamente tudo o que lê ou ouve. É capaz de reconstituir factos e argumentos de fontes diversas, escritas e orais, resumindo-as de forma coerente. É capaz, ainda, de se exprimir de forma espontânea, fluente e precisa e de distinguir pequenas diferenças de sentido relacionadas com assuntos complexos.

Fonte: *Cadre Europeen Commun de Référence pour le Langues : apprendre, enseigner, évaluer* (1991, p. 28)

3.3 Considerações sobre os livros didáticos *Alter Ego+ A1* e *Cosmopolite A1*

Os livros didáticos de ensino de língua francesa escolhidos para análise foram o *Alter Ego+ A1*, de autoria das autoras Annie Berthet, Emmanuelle Daill, Catherine Hugot, Véronique M. Kirizian e Monique Waendendriss e, também, *Cosmopolite A1*, de autoria de Nathalie Hisschprung e Tony Tricot. Ambos os livros foram lançados pela editora *Hachette – Français*

Langue Étrangère e são usados por professores de francês nos mais diferentes países do mundo. Os volumes escolhidos são aqueles que correspondem ao nível A1 do QECR-LE, lançados em 2012 e 2017, respectivamente. A escolha deste dois métodos⁸⁵ justifica-se pelo fato de terem sido estes os manuais de ensino de FLE com que trabalhei no CELE da FURG, sendo que com o primeiro método mencionado, trabalhamos com sua versão anterior, *Alter Ego A1*, de 2013 a 2017, e só posteriormente com a versão reeditada e modificada, *Alter Ego+ A1*, tanto no estabelecimento de ensino referido, como em escolas particulares de línguas e, também, na modalidade de ensino privado de línguas estrangeiras (de 1999 ao presente). Já o *Cosmopolite A1* foi adotado no CELE a partir de 2018, como método de ensino padrão às turmas de francês compostas, em sua essência, por estudantes universitários dos mais diversos curso de graduação e pós-graduação, funcionários da universidade e professores da instituição, sendo que todos os aprendizes visavam tanto à aquisição da língua como capacitação para mobilidade internacional em países de língua francesa.

3.3.1 Apresentação do livro didático *Alter Ego+ A1*

A coleção de livros didáticos *Alter Ego+*, da editora *Hachette – Français Langue Étrangère*, (conforme capa apresentada no Anexo I) é um método de ensino de língua francesa composta pelo livro do estudante, livro de atividades e guia pedagógico destinado ao professor. Toda a coleção está dividida em cinco níveis (livro 1, 2, 3, 4 e 5), abrangendo os níveis A1, A2, B1, B2 e C1 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas Estrangeiras (QECR-LE). O *Alter Ego +* é destinado a aprendizes adolescentes (denominados em língua francesa de grandes-adolescentes⁸⁶) e adultos de modo a, além de ensinar francês abrangendo as competências comunicativas de compreensão e expressão escritas e orais, prepará-los para os exames internacionais de língua francesa como o DELF⁸⁷ e DALF⁸⁸, de acordo com o livro e nível do livro adotado. O livro a que se propõe analisar no que concerne o modo como aborda e que conotações de consciência cultural dá ou não ao fenômeno da *liaison*, é o do nível A1 do

⁸⁵ Vale ressaltar que os termos usados, aqui neste trabalho, “método” e “manual” equivalem-se em valor, referindo-se ao livro didático em si. No entanto, sob outro entendimento, “método” equivale a perspectiva ou metodologia de ensino e “manual”, por sua vez, tão-somente ao suporte físico, por extensão o livro didático, em que a perspectiva de ensino é veiculada ao aprendiz.

⁸⁶ Em língua francesa, como em outras línguas tal qual o inglês, é usual a divisão do material didático e adoção de abordagem de ensino de acordo com a faixa etária dos aprendizes. Portanto, os métodos ou manuais destinam-se a crianças, pré-adolescentes (*petits-adolescents*), adolescentes (*grands-adolescents*) e adultos, conforme suas idades.

⁸⁷ Diploma de Estudos em Língua Francesa, o qual compreende os níveis A1, A1, B1 e B2 do QECR-L.

⁸⁸ Diploma Aprofundado em Língua Francesa, o qual compreende os níveis C1 e C2 do QECR-L.

QECR-L⁸⁹, *Alter Ego + A1*, concebido de um capítulo zero (*dossier 0*) e outros nove capítulos subsequentes (*dossier* de 1 a 9 cada um constituído de três lições cada, além de finais de fonologia e gramática).

Quanto à abordagem de ensino, o método *Alter Ego+*, o método inscreve-se na metodologia comunicativa de ensino de língua estrangeira na qual os temas abordados têm por princípio suscitar no aprendiz o real interesse pela sociedade e cultura francesas, usos e costumes correntes da mesma, além dos aspectos precípuos de uso de língua e seus níveis quanto formalidade/informalidade, bem como pelo mundo francófono⁹⁰ e suas peculiaridades culturais e linguísticas com a finalidade de permitir o desenvolvimento das atividades de *savoir-faire* (saber-fazer) e *savoir-être* (saber-ser)⁹¹ indispensáveis ao sucesso na comunicação quando da língua posta em uso. As atividades são propostas de modo a fazer o aprendiz interagir em situações reais da vida quotidiana (pegar um ônibus/metrô, fazer compras no supermercado, pedir no restaurante, cumprimentar usando adequadamente os registros formais e informais da língua dado o contexto social, descrever sua cidade e a si mesmo, poder fazer uma inscrição na biblioteca ou mediateca de uma universidade, por exemplo), tomando-se em consideração seu conhecimento prévio de mundo, bem como suas experiências individuais e de sua cultura de origem em contraste com a cultura francófona. Desta feita, as tarefas propostas ao aprendiz pelo

⁸⁹ O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas é um padrão europeu, utilizado também em outros países, que possui o fim de verificar e harmonizar a aprendizagem de línguas no espaço europeu, segundo determinados níveis de compreensão e expressão orais e escritas de um determinado idioma. Assim, por meio de tal medida, pretendeu-se promover e fomentar a diversidade linguística e cultural na Europa. O projeto é o resultado de um trabalho iniciado em 1991 por iniciativa do governo federal da Suíça que se inspirou em trabalhos prévios realizados instituições de ensino desde 1971. O documento final do QECR-L foi elaborado pelo Conselho da Europa e apresentado em 2001 durante a celebração do Ano Europeu das Línguas.

⁹⁰ Entende-se, aqui, francofonia como o conjunto de países onde a língua francesa é falada ou ocupa lugar de prestígio cultural ou, ainda, é dita língua segunda, dada sua importância histórica de uso nesta sociedade. Francofonia pode ser entendida, sobretudo, como sendo a região linguística geograficamente descontínua e que corresponde à comunidade linguística onde o francês ocupa papel protagonista, englobando indivíduos que têm em comum a língua francesa e são, assim, chamadas de francófonos (francoparlantes ou francofalantes) já que compartilham aspectos culturais, históricos semelhantes e que acontecem por meio do francês. São, na maioria das vezes, culturas extremamente diferentes entre si, como é o caso da província do Quebec, no Canadá, e alguns países da África ou América (Haiti, Guiana Francesa). Integrados nesta comunidade estão também os que têm o francês tanto como segunda língua como é o caso do Senegal, em que a língua francesa tem status educacional e governamental, mas sua língua-mãe é o wolof. Essa multiplicidade de países com a língua francesa foi provocada pela expansão marítima decorrente da colonização de territórios por parte da França por todo o mundo com a imposição do francês como primeira ou segunda forma oficial de comunicação e assumindo o caráter de idioma oficial ou co-oficial, principalmente em países americanos, africanos e europeus como Bélgica e Suíça.

⁹¹ O saber faz referência ao conhecimento teórico de declarativo como o domínio do vocabulário, de normas e leis, de dados e de características sobre produtos, utensílios ou serviços ou, quando se se refere aos conhecimentos linguísticos em particular quando de seu uso na mobilização da língua em sociedade. Os saberes, saber-fazer e saber-ser, são, em essência, os recursos complementares que um indivíduo pode mobilizar no intento de provar sua competência em diferentes dimensões da mesma. Saber comporta-se em sociedade e agir socialmente estão ligados intimamente a estes saberes individuais.

método, chamadas em francês de “*tâche langagière*” (tarefa linguística), estão vinculadas a situações autênticas conforme diferentes domínios (pessoal, público, profissional e educacional) com o intento de promover a motivação na aprendizagem da língua estrangeira culminando em estratégias que o conduzam progressivamente à autonomia do aprendiz.

Cada capítulo, excetuando-se o capítulo zero (*dossier 0*) é subdividido em três lições, que por sua vez, são compostas de conteúdo sociocultural temático (*contenus socioculturels thématiques*) e objetivos sociolinguísticos (*objectifs sociolangagiers*) subdivididos, ainda, em objetivos pragmáticos (*objectifs pragmatiques*) e objetivos linguísticos (*objectifs linguistiques*). Este último, triparte-se em gramaticais (*gramaticaux*), lexicais (*lexicaux*) e fonéticos (*phonétiques*) sendo o último o foco de análise aqui proposta quanto ao uso e concepções culturais e sociais veiculadas ou não entre outros aspectos da *liaison* em língua francesa. Ao final de cada capítulo, há uma dupla página com exercícios propostos que retomam a unidade inserida no decorrer de cada lição e intitula *S'exercer* a qual permite a verificação e sistematização do que foi apresentado, além de uma página dedicada ao treino visando ao exame DELF A1, exibindo sempre duas das quatro habilidades da competência comunicativa, a saber: produção oral ou escrita, compreensão oral ou escrita. Ao final do método, são propostas atividades de fonologia e ortografia (*phono-graphie*) com o intuito de facilitar a integração dos sistemas fonológicos e ortográficos da língua francesa. De mesmo modo, uma seção por capítulo é apresentada sobre léxico temático (*lexique-thématique*), estabelecida com a finalidade de auxiliar o aprendiz na aquisição da terminologia essencial de cada capítulo para consolidar o método como um todo e segundo seu nível. Ademais, há uma seção dedicada a facilitar a compreensão de conteúdos gramaticais abordados nas seções chamadas *Points langue* (pontos da língua) que são apresentados ao longo de cada lição e condensados no “*précis gramatical*” (resumo gramatical) com o propósito de enriquecer os conhecimentos sobre a estrutura e funcionamento da língua francesa, além das seções *Carnet de Voyage* que trata de aspectos culturais pertinentes ao mundo francófono e *Projet* que propõe ao aprendiz uma atividade linguística específica (*tâche langagière*) relacionada à temática do capítulo estudado e que incita o estudante a desenvolver de forma autônoma suas habilidades linguísticas de expressão escrita e oral, levando em consideração a interculturalidade.

No que se refere ao tratamento que o manual dá à fonologia-fonética da língua francesa, apresentamos abaixo o quadro traduzido e simplificado com o conteúdo da rubrica denominada “Phonétique”, que sintetiza aspectos relevantes aos sons e aos fenômenos característicos do francês que possuem correlação com a temática da lição:

Dossier 0 - <i>Découverte</i> (Descoberta)	
p. 14 a 24	<ul style="list-style-type: none"> • A acentuação da última sílaba • Fonologia-ortografia: <ul style="list-style-type: none"> - O alfabeto - Sinais e acentos
Dossier 1 - <i>Les uns, les autres</i> (Uns e outros)	
Lição 1 p. 26 a 29	<ul style="list-style-type: none"> • [y] / [u] • A entonação crescente e decrescente • A <i>liaison</i> e o <i>enchaînement</i> com os substantivos • Fonologia-ortografia: grafia de [y] / [u]
Lição 2 p. 30 a 33	<ul style="list-style-type: none"> • Pronúncia dos substantivos • A <i>liaison</i> e os substantivos
Lição 3 p. 34 a 37	<ul style="list-style-type: none"> • [s] / [z] • A <i>liaison</i> com [z] • Fonologia-ortografia: letras mudas e presente dos verbos em ‘er’
Dossier 2 – <i>Ici, ailleurs</i> (Aqui e acolá)	
Lição 1 p. 44 a 47	<ul style="list-style-type: none"> • A pronúncia de ‘un’ e ‘une’ • Fonologia-ortografia: acento grave, acento agudo
Lição 2 p. 48 a 51	<ul style="list-style-type: none"> • A entonação da questão (1) • Fonologia-ortografia: grafia de ‘ent’ e verbos ‘prendre’ e ‘descendre’
Lição 3 p. 52 a 55	<ul style="list-style-type: none"> • A elisão (de/d) com nomes de países • A silabação e acentuação da última sílaba (2) • Fonologia-ortografia: homófonos e a elisão
Dossier 3 – <i>Dis moi qui tu es</i> (Diga-me quem és)	
Lição 1	<ul style="list-style-type: none"> • Distinção do masculino e feminino das profissões • Fonologia-ortografia: -eur, -ère, -er, • Grafia de ‘eu’ e ‘œu’
Lição 2	<ul style="list-style-type: none"> • A marca do gênero nos adjetivos na oralidade
Lição 3	<ul style="list-style-type: none"> • A <i>liaison</i> e o <i>enchaînement</i> com o adjetivo possessivo • Fonologia-ortografia: discriminação entre masculino/feminino
Dossier 4 – <i>A chacun son rythme</i> (A cada um seu ritmo)	
Lição 1	<ul style="list-style-type: none"> • Pronúncia das horas • O ‘e caduc’ nos verbos pronominais no presente
Lição 2	<ul style="list-style-type: none"> • O son [ø] • [ø] / [œ] • Fonologia-ortografia: verbos em -ener, -eler, -eter
Lição 3	<ul style="list-style-type: none"> • [e] / [ə] • Distinção entre presente e passado composto • Fonologia-ortografia: particípio passado do verbos em -er

Dossier 5 – <i>Temps forts</i> (Tempos fortes)	
Lição 1	<ul style="list-style-type: none"> • A entonação da questão (2) • Fonologia-ortografia: [k] e [s] com a letra ‘c’/ [g] e [ʒ] com ‘g’
Lição 2	<ul style="list-style-type: none"> • A distinção entre [ɛ] nasalizado e [ɛ] • Fonologia-ortografia: grafia de [jɛ] nasal e [iɛn]
Lição 3	<ul style="list-style-type: none"> • O ‘e caduc’ nas formas pronominais no passado composto
Dossier 6 – <i>Voyages, voyages</i> (Viagens, viagens)	
Lição 1	<ul style="list-style-type: none"> • As consoantes tensas e as relaxadas • Fonologia-ortografia: [s] e [z] com a letra ‘s’
Lição 2	<ul style="list-style-type: none"> • [o] e [ɔ] • Fonologia-ortografia: grafia de [o] e [ɔ]
Lição 3	<ul style="list-style-type: none"> • Distinção entre os sons de [o] e [ɔ] • Fonologia-ortografia: verbos em <i>-er</i> no futuro
Dossier 7 – <i>C’est mon choix</i> (É minha escolha)	
Lição 1	<ul style="list-style-type: none"> • O ‘e caduc’ nas expressões de quantidade • Fonologia-ortografia: de/des, le/les, ce/ces, te/tes
Lição 2	<ul style="list-style-type: none"> • Entonação: apreciação positiva e negativa (1), dúvida e persuasão • Fonologia-ortografia: as duas pronúncias de ‘e’
Lição 3	<ul style="list-style-type: none"> • [k] / [g] • Fonologia-ortografia: pronome COD (complemento do objeto direto) /’
Dossier 8 – <i>Vivre en ville ?</i> (Viver na cidade ?)	
Lição 1	<ul style="list-style-type: none"> • A nasal [ã] • Fonologia-ortografia: grafia de [ã]
Lição 2	<ul style="list-style-type: none"> • Distinção das três nasais principais • Entonação: apreciação positiva e negativa (2) • Fonologia-ortografia: grafia das nasais [ã], [ɔ] e [ɛ]
Lição 3	<ul style="list-style-type: none"> • [e] / [ɛ] • A pronúncia de <i>plus</i> • Fonologia-ortografia: grafias de [ɛ]
Dossier 9 – <i>Lieux de vie</i> (Lugares de vida)	
Lição 1	<ul style="list-style-type: none"> • Distinção entre passado composto e imperfeito
Lição 2	<ul style="list-style-type: none"> • [w], [ʏ] e [j] • Fonologia-ortografia: grafias de [w] e [ʏ]
Lição 3	<ul style="list-style-type: none"> • Ritmo e entonação

3.3.2 Apresentação do livro didático *Cosmopolite A1*

De igual forma, o método *Cosmopolite – Méthode de Français A1*, da editora *Hachette – Français Langue Étrangère* (conforme apresentado no Anexo II) assim como o *Alter Ego+*, trata-se de um método de ensino de língua francesa composto pelo livro do estudante, livro de atividades e guia pedagógico destinado ao professor. Toda a coleção da série *Cosmopolite* está dividida em cinco níveis (livro 1, 2, 3, 4 e 5), abrangendo os níveis A1, A2, B1, B2 e C1 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas Estrangeiras (QECR-LE). O referido método destina-se a adolescentes e adultos, preparando-os para a elaboração dos exames internacionais de língua francesa como o DELF e DALF, segundo o nível do livro adotado.

O livro a que se propõe a análise em questão apresenta-se estruturado da seguinte forma: *dossier*⁹² zero e mais oito *dossiers* subdivididos em seis lições cada um, sendo cada uma no modelo de página dupla *page de gauche et page de droite* (página esquerda e página direita). Desta feita, a página da esquerda veicula os elementos de “savoir-faire” com apresentação da temática da lição através de documentos visuais, orais e escritos autênticos exibindo situações atuais e reais do mundo cotidiano francófono. Este método, em particular, preconiza o uso de materiais autênticos destinados a suscitar no estudante o conceito de *langue vivante*, isto é, a língua como realmente é usada em situações sociais e interativas, como meios de comunicação, situações fidedignas à vida e o mundo do falante. Tal primazia apresentada pelo método configura-se em estratégia eficaz de ensino e motivação à aprendizagem; dada nossa experiência docente com o referido método, podemos afirmar que tal expediente mostra-se eficiente em sala de aula, por exemplo, poder-se acessar sites, páginas de internet ou pessoas citadas que realmente existem no mundo real e, deste modo, fazer com que o estudante sinta-se atrelado à realidade de modo verdadeiro, engajando-o no binômio ensino/aprendizagem.

Assim, a página da direita “mergulha” o aprendiz em um universo autêntico em que a língua francesa é utilizada contextualizadamente dados os mais diversos espaços geográficos do mundo francófono e mais diferentes suportes linguísticos (reportagens, livros, testemunhos, breves biografias etc.). Esta tipologia variada de suportes e de discursos (escritos ou orais) é proposta e acompanhada de uma *démarche inductive* (percurso indutivo) de compreensão das situações, da aquisição de competências linguísticas como a conceptualização gramatical e lexical e os *savoirs*.

⁹² Usa-se, aqui, a denominação tal qual apresentada no livro, sendo que *dossier* (do francês “documento”) refere-se ao capítulo temático do livro que, por sua vez, subdivide-se em *leçon* (do francês “lição”).

Já a página da direita propõe, por meio de quatro rubricas: dois pontos de gramática, às vezes e dependendo da lição podem ser três, caracterizados pela abordagem indutiva e aprofundada sobre a estrutura gramatical da língua, denominados *Focus langue* (Foco língua), um ponto sobre a fonologia/fonética do francês, denominado *Sons du français* (Sons do francês) que propõe atividades de compreensão e produção orais mediante um trabalho regular sobre a fonética, a prosódia e a relação intrínseca entre fonologia e ortografia da língua francesa e, ainda um terceiro designado “À nous!” (Para nós!) que propõe uma atividade linguística final (“tâche langagière”) a fim de estruturar o aprendizado do capítulo estudado, por meio de uma tarefa que conclui a lição, incorporando os conhecimentos aprendidos. Em geral, a página da direita conduz o aprendiz, através de atividades intermediárias de produção, à preparação desta atividade final, além de apresentar ao estudante tabelas linguísticas sintéticas para maximizar a memorização e treinamento por meio da condução a exercícios posteriores no final do livro, sob a rubrica *S’exercer* (Exercitar-se).

Cada *dossier*, por sua vez, é introduzido por um *document déclencheur* (documento de partida ou desencadeante) ou *double page d’ouverture* a fim de motivar e introduzir o aprendiz em relação à temática geral do capítulo, mobilizando seus conhecimentos e experiências prévios de mundo. Tal documento propõe atividades de reflexão acerca de representações culturais de que dispõe os estudantes sobre os franceses e a França, povos francófonos em geral e países de língua francesa, além de convidar o estudante a dois projetos: um para sala de aula e outro aberto sobre o mundo. Ademais, neste documento de partida, há a explicitação de um contrato de aprendizagem com o aprendiz de língua francesa, motivando-o a comprometer-se no percurso de aprendizagem e suscita sua autonomia e adesão ao processo de ensino/aprendizagem, inscrevendo o método na perspectiva acional⁹³ de aprendizagem de língua estrangeira. De fato, estes dois projetos exibidos no início do capítulo, de acordo com sua abrangência tanto espacial como linguística (“sala de aula” e “aberto para o mundo”) tem por objetivo movimentar os saberes do estudante (*savoir-faire*, *savoir-être*, assim como o

⁹³ A abordagem ou perspectiva acional está direcionada não somente em desenvolver no estudante atividades que envolvam as competências de comunicação em situações reais, capacitando-o a agir nas mais variadas situações do cotidiano, mas, principalmente, caracterizá-lo como “ator social”, executor de atividades contextualizadas, com motivos reais e de acordo com necessidades específicas. O estudante de língua estrangeira – ator social – deve, assim, saber agir interpessoal e interculturalmente, considerando-se os *savoir agir*, isto é, *savoir être* e *savoir faire*. Para esta abordagem, o foco está em atividades linguísticas (*tâches langagières*) desempenhadas pelo estudante ao longo de seu aprendizado pautadas na relevância da comunicação e ação interpessoal e na autonomia no processo de aprendizagem. A abordagem acional inova ao mobilizar no estudante um conjunto de competências e recursos (estratégicos, cognitivos, verbais e não-verbais) com o objetivando obter sucesso no processo de comunicação. Ao se ensinar uma língua estrangeira, ensina-se ao estudante a maneira de agir em sociedade, privilegiando a realização de atividades linguísticas na língua-alvo.

savoir-agir), além de suas competências linguísticas e culturais. Desta forma, exibimos abaixo as páginas com o documento de partida (*déclencheur*), apresentando os elementos supramencionados à título de ilustração:

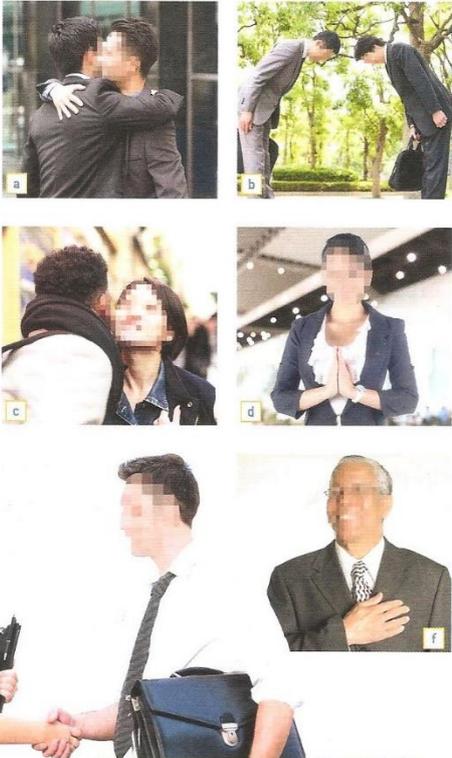
DOSSIER 1

Nous apprenons le français pour ...

Les Français et le français

En petits groupes. Répondez. À votre avis ...

1 Les Français se saluent comment ?



Et les habitants de votre pays ?

2 Les Français utilisent *tu* ou *vous* ?



Et les habitants de votre pays ?

3

On parle français en :



Et la langue de votre pays ?

4

Parler français est utile pour :



a. communiquer.



c. voyager.

b. travailler.

Et la langue de votre pays ?

En groupe. Comparez vos réponses.

PROJETS

Un projet de classe

Réaliser un diaporama de présentation des étudiants de la classe pour faire connaissance.

Et un projet ouvert sur le monde

Réaliser une présentation audio ou vidéo de la classe.

Pour réaliser ces projets, nous allons apprendre à :

- ▶ saluer, nous présenter et prendre congé
- ▶ demander et donner des informations
- ▶ donner des informations personnelles
- ▶ présenter et identifier une personne
- ▶ questionner sur l'identité et parler de notre classe de français
- ▶ informer sur un objectif d'apprentissage

dix-neuf 19

Cosmopolite – Méthode Français, 2018, p. 19

Em relação aos aspectos fonético-fonológicos de que o referido manual trata na rubrica intitulada *Sons du français*, apresentamos o quadro abaixo traduzido e simplificado em que, para cada lição, o livro sistematiza os conhecimentos pertinentes e correlatos a lição tratando particularidades como sons e fenômenos característicos da língua francesa:

Dossier 0 – <i>Nous découvrons le français</i> (Nós descobrimos o francês)	
1- Bienvenue	X
2- Le français de A à Z	O alfabeto para soletrar
3- Le monde en français	X
4- La classe et nous	X
Dossier 1 – <i>Nous apprenons le français pour ...</i> (Nós aprendemos o francês para ...)	
1- Bonjour !	O som de [y]
2- Ça se passe où ?	A acentuação na última sílaba
3- Ils sont francophones	A entonação ascendente e descendente
4- Portraits	As letras mudas e <i>liaison</i> verbal com <i>ils /elles</i>
5- En classe	O som [z] e <i>liaison</i> com <i>nous/vous/ils/elles</i>
6- Je parle français pour ...	Reconhecer e fazer interrogações
Dossier 2 – <i>Nous faisons connaissance</i> (Nós nos conhecemos)	
1- Aller voir ailleurs	[ə] e [e] para diferenciar o singular e plural
2- Balade autoguidée	X
3- Week-end à Aoste	A elisão do [ə] e do [a] diante de vogal
4- Parle avec moi	O som [z] e a <i>liaison</i> com <i>nous/vous</i>
5- Nous couchsurfons	[ə] e [e] para designar palavras no singular e plural
6- En route !	X
Dossier 3 – <i>Nous parlons la même langue</i> (Nós falamos a mesma língua)	
1- En famille	Reconhecer e diferenciar os sons [e] e [ɛ]
2- Concours de selfies	As vogais nasais [ɛ], [a] e [ɔ]
3- La France et nous	O som [ɛ]
4- Vive le speak dating !	Fazer interrogações
5- Quartier Libre	X
6- Vous avez mal où ?	X
Dossier 4 – <i>Nous parlons de notre quotidien</i> (Nós falamos de nosso cotidiano)	
1- Une journée sur Terre	Dizer as horas
2- Une journée « écolo »	A entonação para exprimir várias ações
3- Une journée avec ...	X
4- Une journée en Pologne	O som [ø] para dizer <i>on veut</i>

5- Sortir « à la française »	O som nasal [ɔ]
6- Soyez les bienvenues !	O som [y]
Dossier 5 – <i>Nous nous informos en français</i> (Nós nos informamos em francês)	
1- Apprendre autrement	X
2- Jeunes talents	A pronúncia nasal de <i>viens/vient</i> [vjɛ] e de <i>viennent</i> [vjɛn]
3- Écrivains francophones	Identificar o “e” mudo
4- Um livre, un jour	X
5- Il a choisi la France	Diferença do presente e passado composto
6- Informons-nous !	X
Dossier 6 – <i>Nous rêvons d’aller dans un pays francophone</i> (Sonhamos em ir a um país francófono)	
1- 100 % photo	X
2- Voyager autrement	X
3- Tour de France	X
4- Séjour au Maroc	X
5- Quand partir ?	A vogal nasal [ã]
6- Carnets de voyages	Os grupos consonantais
Dossier 7 – <i>Nous allons vivre « à la française »</i> (Vamos viver “à francesa »)	
1- Manger français à Bogotá	Os sons [p] e [b]
2- La France à Budapest	Os sons nasais de [ɛ] e [a]
3- Les Français et les livres	X
4- Retour aux sources	X
5- S’habiller « à la française »	Os sons [ʒ] e [ʃ]
6- Petits coins de France	A entonação expressiva
Dossier 8 – <i>Nous organisons une soirée française</i> (Organizamos uma noite francesa)	
1- Histoires d’étudiants	X
2- Un dîner en ville	O som [j]
3- Soirée déguisée	O som [ɔ]
4- Chez l’habitant	X
5- Un peu de culture ?	X
6- Une soirée originale	Os sons [w] e [ʏ]

3.4 Considerações sobre os aspectos fonéticos-fonológicos no livro didático

Assim sendo, discorreremos tanto sobre os processos de transposição didática, implicações interacionais entre indivíduo e seu “fazer e ser social” (*savoir-faire* e *savoir-être*), características intrínsecas e próprias de cada manual de ensino, culminando na reflexão sobre ensino de língua estrangeira e controversos conceitos sobre a natureza e o que é língua, dada sua significância no contexto da práxis docente e do processo de aprendizagem. Tais considerações irrompem por meio do estudo e análise pormenorizados da *liaison*, fenômeno da oralidade do francês, abordado nos livros didáticos de nossa escolha, nas rubricas específicas de cada lição, em subunidades dedicadas a tratar dos sons e fenômenos fonético-fonológicos da língua francesa. De igual modo e com o objetivo de propor um “longo debruçar” sobre o fenômeno da *liaison* e suas implicações nos mais diversos âmbitos do discurso, assim como o modo pelo qual é apresentada nos manuais de ensino, empreenderemos uma breve discussão sobre a questão, tão pertinente e atual, da consciência cultural no ensino de línguas estrangeiras, em especial quanto ao valor dado à *liaison* e ao seu uso no francês falado, já que ocorre na oralidade da língua quando de sua mobilização pelo falante.

Quando da prática docente, podemos perceber a quão significativa é a relação entre o aprendiz, indivíduo que vai em direção à língua estrangeira alvo, e a língua em si, seus valores, suas peculiaridades e nuances apresentadas no material didático escolhido para o ensino. Não se pode desconsiderar o indivíduo social e biográfico que adentra um mundo novo e desconhecido como é o caso de uma nova língua a aprender. Ou seja, emaranham-se, numa aula de língua, o indivíduo sócio-histórico construído no tempo e espaço e o conjunto de valores e identidades que a língua-alvo pretende veicular segundo implicações sociais e político-históricas. Como ressalva Pierre Martinez (2009) em sua obra *Didática de línguas estrangeiras*, a relação é de “troca comunicativa” entre aprendiz e sistemas linguísticos:

O indivíduo, a sociedade e as línguas entram em jogo em uma relação didática que não se escapa às regras da comunicação humana. O ensino de línguas estrangeiras só pode, com efeito, ser examinado como uma forma de *troca comunicativa*: ensinar é pôr em contato, pelo próprio ato, sistemas linguísticos, e as variáveis de situação refletem-se tanto sobre a psicologia do indivíduo quanto sobre o *funcionamento social* em geral. Quem começa a aprender uma língua, adquire-a e a pratica em um contexto biológico, *biográfico* e *histórico*. (MARTINEZ, 2009, p. 16) (grifo nosso)

Para iniciar o percurso rumo à análise mais pormenorizada dos aspectos fonético-fonológicos do material didático escolhido e como são abordados nos referidos métodos de ensino, pode-se ponderar para o fato de que o estudo de uma língua estrangeira não poder estar

dissociado de uma trilogia profundamente interligada e interdependente: língua, cultura e identidade, já que se tratam de requisitos imprescindíveis à inserção da práxis pedagógica do professor de línguas estrangeiras em favor do processo de ensino/aprendizagem. Assim, o aprendiz, suas crenças e conhecimentos prévios não podem ser minorizados ou desconsiderados neste processo, momento em que, no mínimo dois universos encontram-se: o do aprendiz e o da língua-alvo. Haverá que se negociar aqui para que o primeiro seja mobilizado em função do segundo, isto é, conhecimento de mundo do indivíduo em favor do seu aprendizado e da compreensão dos valores ocasionados pela língua estudada. Mais uma vez, Pierre Martinez (2009) elucida tal nexos solidário, afirmando que:

O simples fato de comunicar pela linguagem *compromete a pessoa toda*, quer dizer, um indivíduo com suas *experiências anteriores*, sua *adesão* a crenças e valores culturais e intelectuais, suas motivações e as finalidades de sua iniciativa. (MARTINEZ, 2009, p. 15-16) (grifo nosso)

Em ambos os manuais de ensino de francês, *Alter Ego+ A1* e *Cosmopolite A1*, a fonética e a fonologia da língua são tratadas em seções especiais determinadas *Phonétique* e *Sons du français*, respectivamente. Já de início, cabe salientar que todas as lições que compõem os dossiers⁹⁴ apresentam tais seções, no entanto, o fenômeno de nossa análise, a *liaison*, distribui-se somente nos capítulos iniciais dos livros didáticos e não se apresenta em todas as lições, visto que cada uma objetiva tratar de fenômenos fonético-fonológicos e sons relacionados à temática da lição em si. Assim, dado nosso elenco de pesquisa, pudemos averiguar que quanto ao primeiro método analisado (*Alter Ego+ A1*), a *liaison* é abordada no capítulo 1 (lições 1, 2 e 3) e capítulo 3 (lição 3), já quanto ao segundo método (*Cosmopolite A1*), o mesmo fenômeno é discutido no capítulo 1 (lições 4 e 5) e capítulo 2 (lição 4) como segue no quadro abaixo:

<i>Alter Ego+ - Méthode de français</i>	
Dossier 1 – lição 1	→ A <i>liaison</i> e o <i>enchaînement</i> com os substantivos
Dossier 1 – lição 2	→ A <i>liaison</i> e os substantivos
Dossier 1 – lição 3	→ A <i>liaison</i> com [z]
Dossier 3 – lição 3	→ A <i>liaison</i> e o <i>enchaînement</i> com o adjetivo possessivo

O método *Alter Ego+ A1*, apresenta a *liaison* entre os numerais e os vocábulos *ans* (“anos” em francês), processo em que haverá *liaison* do tipo obrigatória por ocorrer na fronteira

⁹⁴ Usamos de forma indiscriminada os termos “dossier” (do francês “documento”) e capítulo para os referirmos à unidade temática do livro didático composta de lições.

entre duas palavras contíguas e dada a condição de realização da mesma, ou seja, consoante de *liaison* seguida de som consonantal, passando de consoante final muda para pronunciada, isto é, produzida em [z]. Além disso, pode-se contemplar um fenômeno de acomodação de sons vocálicos que se realizam por meio de juntura externa (*enchaînement* em francês) e, também, o fenômeno da oralidade em que o som consonantal da fricativa labiodental desvozeada [f] passa, durante o processo de *liaison*, a vozeada, realizando-se em [v], como nos exemplos abaixo:

- a) deux ans → deu[z]ans
- b) quatre ans → quatr[a]ans
- c) neuf ans → neu[v]ans ([f] passa a [v])

Um primeiro processo de *liaison* obrigatória com o número cardinal “vingt” (“vinte” em francês), no qual o “t”, consoante final do vocábulo, passa a realizar-se quando encontra outro número ou a conjunção aditiva “et”. Assim, “vingt” [ven] produz-se em [vent] e, por sua vez, os numerais “trente” [trãnt], “quarante” [karãnt], “cinquante” [sɛnkãnt] e “soixante” [swasãnt] mantêm a realização da consoante final em decorrência de haver um “e” final não pronunciado mas que provoca pronúncia da consoante final. Por outro lado, percebe-se que a conjunção aditiva “et” (“e” em português) que serve para ligar a dezena à unidade, nunca tem seu “t” final realizado, configurando-se num exemplo clássico de *liaison* proibitiva, como mostramos abaixo:

- a) vingt et un / quatre-vingt-un / quatre-vingt-onze / vingt et un
- b) trente et un / quarante et un / cinquante et un / soixante et un / soixante et onze

Um segundo processos de *liaisons* do tipo obrigatória em que consoantes mudas em final de vocábulo, neste caso pronomes pessoas (*ils, vous, nous*), passam a ser produzidas quando seguidas de verbo conjugado no presente do indicativo, assim como quando da contiguidade de consoante muda e vogal inicial da palavra subsequente (caso de: *Champs-Élysées*, realizado em *Champ[z]Élysées*), como mostrado abaixo:

- a) Ils ont deux passions. → Il[z]ont [...]
- b) Vous êtes canadiens. → Vou[z]êtes [...]
- c) Nous allons tirer au sort. → Nou[z]allons [...]
- d) Ils ont ∅ un rêve. → Il[z]ont [...]
- e) Nous avons quatre finalistes. → Nou[z]avons [...]
- f) Ils arrivent ∅ aux Champs-Élysées. → Il[z]arrivent [...]
- g) Ils habitent ∅ aux États-Unis. → Il[z]habitent au[z]État[z]unis.

Um terceiro processo de *liaison*, também do tipo obrigatória, em que os adjetivos possessivos para a terceira pessoa do plural (*ils, elles*), ou seja, “leur” e “leurs” (“seu/sua” e “seus/suas” em português) são estudados com o fim de evidenciar a realização do som [s] em [z] quando seguidos por substantivos iniciados por vogal ou “h” amável como, por exemplo em: *leurs amis* e *leurs enfants*, realizados respectivamente em *leur[z]amis* e *leur[z]enfants*, mas não em *leurs filles*, já que, neste caso dispomos da formação consoante mais consoante (C+C), o que impede a realização de [z], ficando o adjetivo possessivo singular semelhante ao plural na oralidade, como segue:

- a) leur fils Tom – leurs fils Tom et Fred
- b) leur fille Claire – leurs ∅ filles Claire et Anne
- c) leur ami Tom – leur amie Claire
- d) leur ami Tom – leurs amies Tom et Claire
- e) leur adresse
- f) leur appartement
- g) leurs oncles
- h) leurs enfants
- i) leur appareil photo
- j) leurs amis
- k) leur annonce
- l) leurs histoire

<i>Cosmopolite A1 – Méthode de français</i>	
Dossier 1 – lição 4	→ A <i>liaison</i> verbal com <i>ils / elles</i>
Dossier 1 – lição 5	→ A <i>liaison</i> verbal com <i>nous / vous / ils / elles</i>
Dossier 2 – lição 4	→ A <i>liaison</i> com <i>nous / vous</i>

Observamos, desta forma, que a *liaison* é apresentada em ambos os livros didáticos de acordo com o contexto obrigatório de sua realização na oralidade, principalmente nas circunstâncias que há sujeito seguido de verbo, como é o caso particular do *Cosmopolite A1*, em que o som [s] final do sujeito realiza-se em [z] quando do confronto com som vocálico inicial do verbo (podendo ser o verbo iniciado por vogal ou “h” mudo⁹⁵, na língua francesa),

⁹⁵ O “h” nunca é pronunciado em francês, apesar de haver a classificação do mesmo em *h aimable* (“h” amável) e *h distant* (“h” distante). O primeiro se trata de uma herança etimológica ou um signo da leitura dissociada (em que

ocasião em que a consoante fricativa alveolar desvozeada [s] passa a realizar-se como vozeada [z], como nos exemplos:

- a) Ils écoutent → il[z]écoutent
- b) Vous avez quel âge ? → Vou[z]avez quel âge ?
- c) Vous habitez dans quel pays ? → Vou[z]habitez dans quel pays ?

Numa análise transversal da ocorrência da *liaison* no livro didático, podemos perceber que é abordada, de preferência, nas primeiras aulas de língua francesa como maneira de conscientizar o estudante para o fenômeno e, deste modo, despertar sua percepção quando das ocorrências posteriores dele nos capítulos e lições subsequentes. Todavia, em função de minha prática pude atentar para o fato de que o fenômeno de nosso estudo, a *liaison*, encontra-se diluída de forma transversal em todas as lições e em todas as seções componentes de cada capítulo ou lição, já que esse fenômeno da oralidade nem sempre surge didatizado tão somente nas rubricas *Phonétique* e *Sons du français*, mas também e outras ao longo da lição como, por exemplo, na seção *Focus langue*, quando da explanação da estrutura gramatical da língua ou, ainda, quando da introdução da temática de cada lição por meio de documentos *déclencheur* como textos escritos que podem ser lidos conjuntamente em sala de aula e em voz alta, áudios que veiculam opiniões ou documentos sonoros como publicidades, a quais conseqüentemente, quando do exercício de compreensão oral do estudante, promovem a conscientização de contextos de realização da *liaison* quando da língua falada. À vista disso, o papel do professor de língua estrangeira se mostra preponderantemente fundamental para a sistematização dos fenômenos e contextos de *liaison* não somente quando do estudo de seções próprias a esses temas, mas durante todo o percurso do capítulo e da lição estudados, visto que o fenômeno em questão pode ser universalmente destacado e aprendido não importando qual seção.

Com a finalidade de exemplificarmos a reflexão acima, lançamos mão de três exemplos extraídos dos métodos de ensino, sendo o primeiro e o segundo do livro *Alter Ego+ A1* e o terceiro do *Cosmopolite A1*, apresentados nos Anexos IV, V e VI.

ocorre um processo de hiato entre as vogais de sílabas diferentes como em *envahir*, invadir em francês). Em geral, tais vocábulos que apresentam o “h amável” são provenientes do latim ou grego e, desta forma, batizados de “amáveis” por “amarem” o contato vocálico (exemplo: *un hypermarché*). Já o segundo, o *h distant*, tem por objetivo impedir a *liaison* entre uma consoante precedente e uma vogal subsequente quando da oralidade, como em: “lesøharicots” (“os feijões” em francês) em que o som de [s] do artigo definido plural não se realiza no confronto com um vocábulo que se inicia em “h distante” (também chamado de “h aspirado”, apesar de nunca ser aspirado na oralidade e tratar-se, portanto, de mera classificação diferencial do “h amável”). O *h distant*, também, a elisão e obriga a pronúncia do “e” do determinante *une* (“uma” em francês), como em “leøhall” (“o hall”) e *une hanche* (“uma anca”). Por isso é preferível referir-se ao “h” como “amável” ou “distante” por, na realidade da fala, nunca ser pronunciado. (BRIET *et al.*, 2014, p. 20)

Observamos que, apesar de haver a rubrica *Phonétique* dedicada ao estudo dos sons sibilantes⁹⁶ [s] e [z] quando da cadeia prosódica entre sujeito e verbo (*vous êtes, ils ont, ils arrivent* etc.) configurando-se num contexto de realização de *liaison* obrigatória que, na verdade, tem em seu foco os sons diferenciais de [s] e [z], sons consonantais fricativo-alveolares quanto ao vozeamento, no caso da terceira pessoa do plural e dos verbos *être* e *avoir* conjugados no presente do indicativo, já que podem levar à confusão quando não realizados adequadamente (*ils ont* = eles têm, *ils sont* = eles são, sons de [z] e [s] respectivamente). Apesar do estudo fonético-fonológico estar direcionado para estes sons, na rubrica *Point langue*, quando do estudo dos verbos *être* e *avoir* e sua conjugação para todas as pessoas, pode-se conscientizar e sistematizar, de igual modo, durante a aulas de língua francesa, os contextos de realização da *liaison*, já que há vários exemplos do fenômeno tanto no contexto obrigatório (*ils ont* e *ils sont*, produzidos como *il[z]ont* e *il[s]ont*) e no contexto facultativo (*je suis architecte, il est étudiant, ils sont au Canada*, que podem ser produzidos de duas formas, de acordo com o uso que o falante faz da língua, realizando-se em: *je sui[s]architect* ou *je suisøarchitecte, il es[t]étudiant* ou *il estøétudiant, ils son[t]au Canada* ou *ils sontøau Canada*). Além disso, outra *liaison* passível de estudo nesta secção é a da frase *Il a dix-neuf ans* em que o número dezoito em francês (“dix-neuf”) seguido de substantivo deve se realizar na oralidade em *dix-neu[v]ans*, ou seja, outro caso de uma fricativa alveolar que passa de desvozeada para vozeada quando na cadeia prosódica da oralidade.

Portanto, percebemos que os aspectos fonéticos-fonológicos e, principalmente, a *liaison*, nosso objeto de estudo, pode ser estudada não somente em subunidades específicas como *Sons du français* mas em toda a lição dado seu caráter transversal na língua, já que perpassa todos dos níveis, não somente o fonológico mas os demais na construção do sentido. *Ils ont* é diferente de *Ils sont* (*il[s]ont/il[z]ont*) e a produção inadequada e ou inadvertida pode levar a confusão semântica, dado que a *liaison* não se trata de um fenômeno tão-somente da fonologia do francês, mas, ao contrário, configura-se num fenômeno com implicações semânticas, entre outros níveis da língua, como mostramos na figura do Anexo III.

⁹⁶ As fricativas (modo de articulação) são consoantes produzidas pela passagem do ar através de um canal estreito feito pela colocação de dois articuladores próximos um ao outro, podendo ser o lábio inferior contra os dentes superiores, no caso de [f]; a parte posterior da língua contra o palato mole, no caso do [x] alemão, a consoante final de Bach ou a consoante inicial de Lloyd. Este fluxo turbulento de ar é chamado de fricção. Um subgrupo especial das fricativas são as sibilantes. São formadas também através da passagem do ar por um canal estreito, porém, além disso, a língua se curva de maneira a conduzir o ar sobre as pontas dos dentes. No português [s], [z], [ʃ], e [ʒ] são exemplos disto.

No capítulo 3, lição 3, na rubrica *Point langue*, também, como no primeiro exemplo do mesmo livro, ao se abordar o estudo gramatical sobre o uso dos adjetivos possessivos em francês, conseqüentemente ao vincular o estudo à secção *Phonétique* que apresenta as seguintes ordens de: a) Escute as palavras “suaves”/“dóceis” (*mot doux* em francês) e repita, b) Escute e diga se a pronúncia é idêntica ou diferente e c) Escute e diga se a palavra (adjetivo possessivo) está no singular ou plural, pode-se sistematizar o estudo da *liaison* do tipo obrigatória como, por exemplo, nas expressões “*tes enfants, nos enfants, leurs enfants* que se produzidas como “*te[z]enfants, no[z]enfants, leur[z]enfants*, respectivamente), outro caso de uma consoante alveolar que passa de desvozeada para vozeada e que, faz *liaison* pelo fato de a primeira palavra da cadeia prosódica terminar em consoante (consoante de *liaison*) e a subsequente iniciar-se por vogal, condição necessária para a realização de *liaison* do tipo obrigatória (adjetivo possessivo e substantivo). Quanto aos exercícios b) e c), observamos a *liaison* do tipo obrigatória com os seguintes expressões: *leurs amis, leurs oncles, leurs enfants* e *leurs histoires* que se produzem em *leur[z]amis, leur[z]oncles, leur[z]enfants* e *leur[z]histoires*, respectivamente. As transcrições dos áudios são as seguintes:

b)

1. leurs \emptyset fils Tom – leurs \emptyset fils Tom et Fred
2. leur fille Claire – leurs \emptyset filles Claire et Anne
3. leur ami Tom – leur amie Claire
4. leur ami Tom – leurs amis (leur[z]amis)Tom et Claire.

c)

1. leur adresse
2. leur appartement
3. leurs oncles (leur[z]oncles)
4. leurs enphants (leur[z]enfants)
5. leur appareil photo
6. leurs amis (leur[z]amis)
7. leur annonce
8. leurs histoires (leur[z]histoires)

(Alter Ego+ - Méthode de Français, Hachette

No capítulo 5 do livro didático *Cosmopolite A1*, lição 1, intitulada *Apprendre autrement* (Aprender de outra forma), ao apresentar o conteúdo gramatical sobre o passado composto (*passé composé* em francês) por meio do título *Raconter des événements passés* (Contar ações passadas), através dos dois documentos escritos a serem lidos pelos alunos em sala aula e um documento sonoro (uma entrevista) e, também, mediante a rubrica *Focus langue* que sistematiza o uso do passado composto, explicitando o uso dos verbos auxiliares possíveis *être* ou *avoir*, de acordo com o verbo principal usado, fazendo ou não acordo do particípio passado do mesmo com o sujeito da sentença, pode-se trabalhar a *liaison* ao sistematizá-la em virtude de sua ocorrência nos documentos autênticos (escritos ou sonoros) e quando da explanação gramatical da estrutura do passado composto em francês. Assim, percebemos que não só na secção *Sons du français* do referido manual, mas em outras partes da mesma lição, há a possibilidade de conscientização do estudante para o fenômeno da oralidade do francês (*liaison*) a que nos atemos, veiculado ao se recorrer à leitura em voz alta dos textos escritos e, principalmente, através da escuta pormenorizada do documento sonoro da entrevista.

Se considerarmos os referidos documentos, podemos extrair dos mesmos os seguintes exemplos de *liaisons* que aparecem em sua estrutura textual e que podem ser explicados ao estudante, mostrando sua ocorrência na trama do texto, assim como destacando os contextos de uso da *liaison* em obrigatório, facultativo (estilístico) ou proibitivo:

[...] <u>se</u> s <u>ét</u> udiants doivent [...] (texto escrito 1, linha 4) → <i>liaison</i> obrigatória
[...] Puis <u>il</u> s répondent [...] (texto escrito 1, linha 6) → <i>liaison</i> facultativa
[...] nous <u>a</u> avons appris (texto escrito 2, linha 3) → <i>liaison</i> obrigatória/facultativa
[...] <u>de</u> s événements passés (texto escrito 2, linha 4) → <i>liaison</i> obrigatória
[...] <u>de</u> s étudiants de l'université (texto escrito 2, linha 7) → <i>liaison</i> obrigatória
[...] nous <u>a</u> avons parlé français (texto escrito 2, linha 8) → <i>liaison</i> obrigatória
[...] <u>me</u> s amis japonais [...] (texto escrito 2, linha 4) → <i>liaison</i> obrigatória
[...] <u>de</u> s étudiantes françaises [...] (texto escrito 2, linha 5-6) → <i>liaison</i> obrigatória
[...] nous sommes <u>a</u> llées [...] (texto escrito 2, linha 6) → <i>liaison</i> facultativa
[...] je suis <u>a</u> llée à la bibliothèque [...] (texto escrito 2, linha 7) → <i>liaison</i> facultativa
[...] un article en français <u>dans</u> <u>un</u> journal [...] (texto escrito 2, linha 8) → <i>liaison</i> obrigatória
Nous <u>a</u> avons parlé [...] (rubrica <i>Focus langue</i>) → <i>liaison</i> obrigatória

Nous <u>a</u> von <u>s</u> appri <u>s</u> [...] (rubrica Focus langue) → <i>liaison</i> obrigatória
Je suis <u>a</u> llée [...] (rubrica Focus langue) → <i>liaison</i> facultativa
Nou sommes <u>a</u> llées [...] (rubrica Focus langue) → <i>liaison</i> facultativa
Me <u>s</u> <u>a</u> mi <u>s</u> [...] (rubrica Focus langue) → <i>liaison</i> obrigatória
Des <u>e</u> tudiant <u>e</u> s françai <u>s</u> e <u>s</u> [...] (rubrica Focus langue) → <i>liaison</i> obrigatória
Vous <u>e</u> tes enseignant <u>e</u> [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória
Et <u>u</u> ne enseignant <u>e</u> [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> proibida
Les <u>a</u> ut <u>r</u> e <u>s</u> ! [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória
Vos <u>e</u> tudiant <u>s</u> font [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória
Ils <u>o</u> nt réali <u>s</u> é [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória
Les <u>h</u> abit <u>u</u> de <u>s</u> [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória
Ils <u>o</u> nt orga <u>n</u> isé [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória
Ils <u>o</u> nt prépa <u>r</u> é [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória
Les <u>i</u> n <u>v</u> itation <u>s</u> [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória
Les <u>e</u> nseignant <u>s</u> (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória
Ils <u>o</u> nt cuisiné [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória
Nous sommes <u>a</u> llés [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> facultativa
Les <u>e</u> tudiant <u>s</u> <u>o</u> nt <u>i</u> nterviewé [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória/facultativa(s)
Ils <u>o</u> nt créé [...] (documento sonoro) → <i>liaison</i> obrigatória

CONCLUSÃO

Esta dissertação nasce ou, como já mencionei neste texto, irrompe de minha experiência como professor de línguas estrangeiras, percurso em que dei meu primeiro passo no ano de 1999 e, também da paixão que carrego comigo pelas línguas, pelos sons de suas palavras e pelos mundos, diria universos, que se abrem quando nos dedicamos ao estudo de um idioma. Por seis anos, fui professor de FLE no CELE da Universidade Federal do Rio Grande, local em que pude consolidar minha formação docente por meio de práticas de sala de aula, estudo de materiais didáticos, reflexões e trocas com colegas, também professores do mesmo centro e supervisores pedagógicos. A este ponto, ao ponderar sobre o ensino de LE e no árduo e prazeroso trabalho que isso pode ser, lembro-me das palavras de Leffa (2016) que em seu livro *Língua Estrangeira: ensino e aprendizagem*, declara sobre o aprendizado de LE e o fascínio que dele decorre que:

A aprendizagem de uma língua estrangeira mexe não apenas com nossa inteligência e sentimentos mais íntimos, mas também com relações de poder entre os países – envolvendo *amores e ódios, autonomia e submissão, conquistas e frustrações*. A aprendizagem de uma língua estrangeira atravessa o indivíduo e a sociedade. [...] Na imagem bíblica da Torre de Babel, as línguas estrangeiras foram criadas para castigar e confundir as pessoas. O objetivo secreto, ingênuo e quase inconfessável é fazer o contrário; destruir a torre, aproximar as pessoas e mostrar o fascínio de aprender a língua do outro. (LEFFA, 2016, p. 16-17) (grifo nosso)

Neste meu caminhar entre línguas, mais especificamente, foi no momento de um curso de extensão de PLE oferecido pela FURG a pedido da Pastoral do Imigrante de Rio Grande, às comunidades de senegaleses e haitianos, imigrantes em situação de vulnerabilidade social que chegaram à cidade e tinham na língua portuguesa seu passaporte para inserção na comunidade local e obtenção de trabalho entre outras necessidades de seu dia a dia. A particularidade deste contato, para mim novo e inusitado, era que eu fui selecionado para ministrar as aulas de PLE em francês, ou seja, fiz o caminho inverso ao tratar minha língua-mãe como língua estrangeira e muito pude aprender com as aulas ministradas em francês, as quais aos poucos, ao longo de três semestres, começavam a ser uma grande mescla linguística, eivada de uma riqueza sonora e de conceitos que eu nunca havia tido a oportunidade de imergir. A bem da verdade, foi um mergulho num mar vasto e profundo, com sabor de um sal até então desconhecido para mim; obviamente não sai ileso e tampouco deixei de tocar de uma forma ou de outra os meus alunos.

Ainda sobre as aulas de PLE, não posso, aqui, deixar de mencionar minha perplexidade dado o *bouleversement*⁹⁷ de cada aula em si, pois cada encontro era um verdadeiro caldeirão em que ingredientes jamais saboreados por mim, eram aos poucos introduzidos naquele *melting pot*⁹⁸ infindável. Por exemplo, eu ensinava português, explicando-o em francês, o que muitas das vezes não era tão bem compreendido, visto que meus alunos, devido suas origens extremamente humildes em seus países de origens, não dominam com perfeição o francês. Além disso, os alunos se comunicavam entre eles numa língua que eu desconhecia totalmente e que tive que pesquisar algumas palavras para poder demonstrar simpatia e envolvimento aos alunos, trata-se do *wolof*, língua materna dos senegaleses e algumas vezes, o *krèyol*, língua derivada do francês e falada pelos haitianos. O mais curioso de tudo era que alunos senegaleses, não todos, mas muitos deles, anotavam em árabe as aulas de português, que comentavam entre si em *wolof*, causando no professor estranhamento e encanto ao mesmo tempo. Neste ambiente, percebi um mundo de sons novos e melódicos, muita facilidade dos alunos com os sons nasais do português e, ao contrário, dificuldade com sons fricativos, pois para eles palavras como “zelo”, “gelo” e “selo” são muito difíceis de serem pronunciadas e mesmo diferenciadas quando da fala de um lusófono como era eu.

Destas percepções, contatos inusitados e paixão por línguas, brota o estudo que, aqui, apresentei sobre a oralidade da língua francesa, notadamente o estudo do fenômeno da *liaison*, justamente por seu caráter variável, realizado em contextos variados bem determinados e que, por essência, tange aspectos sociais e culturais de uma língua quando de seu uso por parte do falante, isto é, até certo ponto o fenômeno é determinado pela própria estrutura linguística a que o indivíduo está sujeito, mas que, de outro lado, quem faz as escolhas de realização ou não é o mesmo sujeito usuário da língua. Uma jamais será isenta de carregar consigo valores culturais e sociais de suas origens neste ou naquele país e, também, não se eximirá jamais de confrontar-se com valores e conhecimentos de mundo daqueles que se dispõem a aprendê-la, pois a consciência cultural estará sempre presente no centro do palco onde se desenrolam os fenômenos linguísticos, os quais mormente nos legam reflexões e transformações, ganhos e trocas culturais. A *liaison*, que aqui me é estima e foco de estudo, representa esta carga cultural e social que nos traz a língua francesa. Assim, usando as palavras de Cakir (2006):

⁹⁷ Do francês, agitação ou transformação.

⁹⁸ Expressão em inglês que, metaforicamente, quer dizer “caldeirão de culturas”, ou seja, é uma metáfora para uma sociedade heterogênea que se torna mais homogênea, quando seus diferentes elementos se fundem em um todo harmonioso, com uma cultura comum, ou vice-versa, quando uma sociedade homogênea torna-se mais heterogênea através do afluxo de componentes exógenos e ela e com diferentes origens culturais, com um potencial de criação de desarmonia com a cultura anterior. Historicamente, o termo é muitas vezes usado para descrever a assimilação de imigrantes para os Estados Unidos.

Regardless of different points of view, culture has taken an important place in foreign language teaching and learning studies. It has been widely recognized that culture and language is used as a main medium through which culture is expressed. However, "pure information" is useful but does not necessarily lead learners' insight; whereas the development of people's cultural awareness leads them to more critical thinking. Most frequently confronted that students to a great extent know the rules of language, but are not always able to use the language adequately as it requires since they are not knowledgeable enough about the target culture.⁹⁹ (CAKIR, 2006. p 1540

Aprender uma LE vai além de conhecer a gramática, fonologia ou lexicologia de uma língua, mas antes disso, leva em conta aspectos culturais e sociais intrínsecos como nos demonstra o estudo da *liaison* na língua francesa. A *liaison*, como fenômeno da oralidade de uma língua, sujeito a fatores linguísticos e extralinguísticos, contextos de realização, mostrou pela minha prática docente que se trata de uma ocorrência de natureza fonético-fonológica bastante intrincada e que demanda da parte do docente domínio de conhecimento suficiente para seu ensino em ambiente de sala de aula. Também, acredito que disciplinas como Fonologia do Francês, em que evidentemente o estudo do fenômeno seria contemplado, são de extrema relevância nos cursos de licenciatura, visando formar futuros docentes habilitados a ensinarem a seus alunos o uso e variabilidade do fenômeno do FLE.

A partir da análise empreendida dos dois livros didáticos aqui abordados, pude perceber que os aspectos fonéticos e fonológicos do FLE são apresentados em seções próprias dentro da unidade didática ou capítulo do livro, sendo que há uma espécie de compartimentação destes aspectos em subunidades como o *Focus langue* e o *Sons du français*, dando a entender que não estão em vinculados com as partes da unidade temática apresentada. Além disso, analisando os materiais e as unidades (*dossiers*) como um todo e de modo integral, pude observar que, ao se trabalhar a outras habilidades da competência comunicativa, como a escuta e leitura coletivas, produção individual ou de forma coletiva, além da própria explicação e fala do professor de FLE, pode-se discorrer de forma integrada sobre quaisquer aspectos fonético-fonológicos e, em especial atenção, às *liaisons*, pois as mesmas estarão diluídas e, assim presentes, na leitura do texto *déclencheur*, nos exercícios de compreensão oral e, também, na expressão oral dos alunos e do professor de FLE. Ou seja, o fenômeno pode ser

⁹⁹ Independentemente de diferentes pontos de vista, a cultura ocupou um lugar importante nos estudos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. É amplamente reconhecido que a cultura e a língua são usadas como o principal meio de expressão da cultura. No entanto, "informação pura" é útil, mas não necessariamente leva ao *insight* dos alunos, considerando que o desenvolvimento da consciência cultural das pessoas as leva a um pensamento mais crítico. É mais frequente que os alunos conheçam em grande medida as regras da língua, mas nem sempre são capazes de usar a língua de forma adequada, visto que não têm conhecimentos suficientes sobre a cultura alvo. (tradução nossa)

abordado de forma transversal durante uma aula de língua e não somente de forma pontual como é apresentado no LD a que nos referimos e dos quais fizemos a análise pretendida nesta dissertação.

Assim, espero que com minha pesquisa sobre a *liaison*, seus aspectos linguísticos e socioculturais envolvidos e por meio da análise dos LD que usei e uso em sala de aula, assim como através de minha experiência como docente, possa contribuir para reflexões sobre o ensino de línguas estrangeiras e, em especial, sobre o ensino de fonética e fonologia em sala de aula, tanto para alunos de escolas regulares de idiomas como, principalmente, no ambiente universitário que tem por razão precípua, formar novos docentes os quais serão incumbidos não só de ensinar aspectos gramaticais de uma determinada língua estrangeira, mas além disso, todos a gama de valores culturais e sociais que vêm atrelados a uma língua-alvo, como é o caso do francês, nesta dissertação. Particularmente, penso que é impossível desvincular língua e cultura, e que língua é fundamentalmente um fenômeno social, portanto, variável e ajustável ao seu falante, como é o caso que, à exaustão, pudemos nos debruçar: a *liaison*. Citando Teixeira et al. (2013) em seu artigo *Ensino de língua estrangeira: concepções de língua, cultura e identidade no contexto ensino/aprendizagem*, quando a autora se refere à relação inextrincável entre língua e cultura:

A cultura, a partir da visão antropológica não é entendida como conceito fechado e acabado, antes, reflete uma visão ampla e flexível que faz parte do processo histórico e social de uma comunidade, que tem sua construção histórica e ao mesmo tempo dinâmica. No contexto de ensino é desaconselhável trabalhar a cultura como um aspecto a mais, mas sim inseri-la como segmento interdisciplinar nos conteúdos da língua estrangeira. (TEIXEIRA *et al.*, 2013, p 121)

Pois, como penso, o objetivo do ensino de LE, não se pode resumir ao ensino de terminologias, regras gramaticais, mas antes de qualquer coisa, o aprendizado deve proporcionar ao estudante de LE, no caso em particular, refiro-me ao estudante de FLE, a possibilidade de considerar o desenvolvimento individual e social do aprendiz, lembrando os *savoir-être* e *savoir-agir* de que falamos anteriormente, os quais estão ligados a aspectos veiculados pela língua estudada.

Talvez, o estudo da *liaison* na língua francesa, seja, no mais nobre sentido, uma justificativa para que eu possa, aqui nesta dissertação, citar a frase que deu início a este estudo do fenômeno da oralidade em francês: *Faisons des liaisons et pas de murs* !¹⁰⁰ Esta frase me é lapidar, pois representa tudo que penso sobre ensino e aprendizagem ao expressar um

¹⁰⁰ Façamos ligações (pontes) e não muros!

conceito pétreo do meu fazer docente: ensinar é “construir pontes”, promover trocas, reinventar-se e ressignificar-se constantemente ao invés de criar obstáculos e dificuldades. Além do mais, trata-se de uma bela frase do ponto de vista fonético com suas vogais anteriores arredondadas e nasais.

REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTHET, Annie, HUGOT, Catherine, KIZIRIAN, Véronique, SAMPSONIS, Béatrix, WAENDENDRIES, Monique, *Alter Ego: Méthode de Français A1*. Paris: Hachette, 2006
- BISOL, Leda. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5ª ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- BOCK, Ana Maria *et al.*, *Psicologia: Uma introdução ao Estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2007.
- BRIET, Geneviève *et al.*, *La prononciation en classe*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2014.
- BYBEE, Joan. *Constructions as processing units: the rise and fall of French liaison*. In: _____ *La liaison de fréquence et constructions*. In: *Languages*, 39º ano, nº 153, Paris: 2005.
- CAKIR, Ismail. *Developing cultural awareness on foreign language teaching*. Turkish Journal of Distance Education. Volume 7, Number 3, Article 12, 2006.
- CHEVROT, Jean-Pierre *et al.*, *Liaison et formation des mots en français: un scénario développemental*. *Revue Langages*. LIDILEM, Université Stendhal & LAPSCO, Université Blaise Pascal – CNRS. France, 2007.
- CONSEIL DE L'EUROPE, *Cadre européen commun de référence pour les langues: apprendre, enseigner, évaluer*. Paris: Didier, 2001. Disponível: <<https://www.coe.int/fr/web/common-european-framework-reference-languages>>.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.
- CUQ, Jean-Pierre & GRUCA, Isabelle. *Cours de didactique du français langue étrangère et seconde*. Presses universitaires de Grenoble: 2005.
- DUBOIS, Jean *et al.*, *Dicionário de linguística*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- ENCREVÉ, Monsieur Pierre. *La liaison sans enchaînement*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 46. Paris: 1983.
- FERREIRA, Carlota *et al.*, *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FOUCHÉ, Pierre. *Traité de prononciation française*. Klincksieck. Paris: 1956.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II: Complementos e índice*. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

- GRÉGOIRE, Maïa. THIÉVENAZ, Odile. *Grammaire progressive du français avec 500 exercices*. Paris: CLE Internationale, 1995.
- GREVISSE, Maurice. *Le bon usage*. 8^a ed., J-Duculot, Gembloux, 1964.
- HALLIN, Albin. *La liaison en français L2 : l'emploi de la liaison catégorique et variable par des locuteurs débutants et intermédiaires suédophones*, Université de Lund: 2016.
- HIRSCHSPRUNG, Nathalie, TRICOT, Tony. *Cosmopolite: Méthode de français A1*. Vanves, Hachette: 2017.
- HORA, Dermerval da, MATZENAUER, Lúcia Carmen. (orgs.). *Fonologia, fonologias :uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.
- HOWARD, Martin. *L'acquisition de liaison en français langue seconde: une analyse quantitative d'apprenants avancés en milieu guidé et en milieu naturel*. Revue CORELA - Cognition, Représentation, Langue. Poitiers: 2005.
- KAMOUN, Chanèze, RIPUAD, Delphine. *Phonétique essentielle du français*. Paris: Didier, 2016.
- LAKS, Bernard. *La liaison et l'illusion*. In: *Langages*, 39^e année, n° 158: 2005
- LAROUSSE, *Le Petit Larousse 2008 Illustré*, Paris: Larousse, 2007.
- Le Robert Micro: *dictionnaire de langue française*, Paris: Le Robert, 1998.
- LEFFA, Vilson J. *Língua estrangeira – ensino e aprendizagem*. Pelotas: EDUCAT, 2016.
- LIMA, Luciano Rodrigues. *Lema e dilema da linguística aplicada crítica*. Universidade Federal da Bahia.
- LODGE, Anthony R. *A sociolinguistic History of Parisian French*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- MARINEZ, Pierre. *Didática de línguas estrangeiras*. São Paulo: Contexto:2009.
- MAUCHAMP, Nelly. *La France de toujours: Civilisation*. Paris: CLE International, 1987.
- MORIN, Yves Charles. *La liaison révèle-t-elle d'une tendance à éviter les haitus?: Réflexions sur son évolution historique*. Université de Montréal. Montréal: 2000.
- MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Volume 1*. 9^a ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.
- NUNES, Vanessa Gonzaga. *A liaison em língua francesa: falantes de FLE versus falantes nativos de francês*. Porto Alegre: EDUCAT, 2008.
- _____. *O fenômeno da liaison e enchaînement na leitura: O caso de aprendizes de francês língua estrangeira*. Porto Alegre: EDUCAT, 2008.
- Phonology and Language Use. Cambridge University Press, 2001.
- SHANE, Sanford A. *French phonology and morphology*. Cambridge : MIT Press, 1970.

_____. *L'élision et la liaison en français*. Université de Californie. San Diego: 2000.

SELKIRK, Elizabeth O. *The phrase phonology of English and French*. PhD Dissertation, MIT, 1972.

SILVA, Thaïs Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 10^a ed. São Paulo: Contexto, 2010.

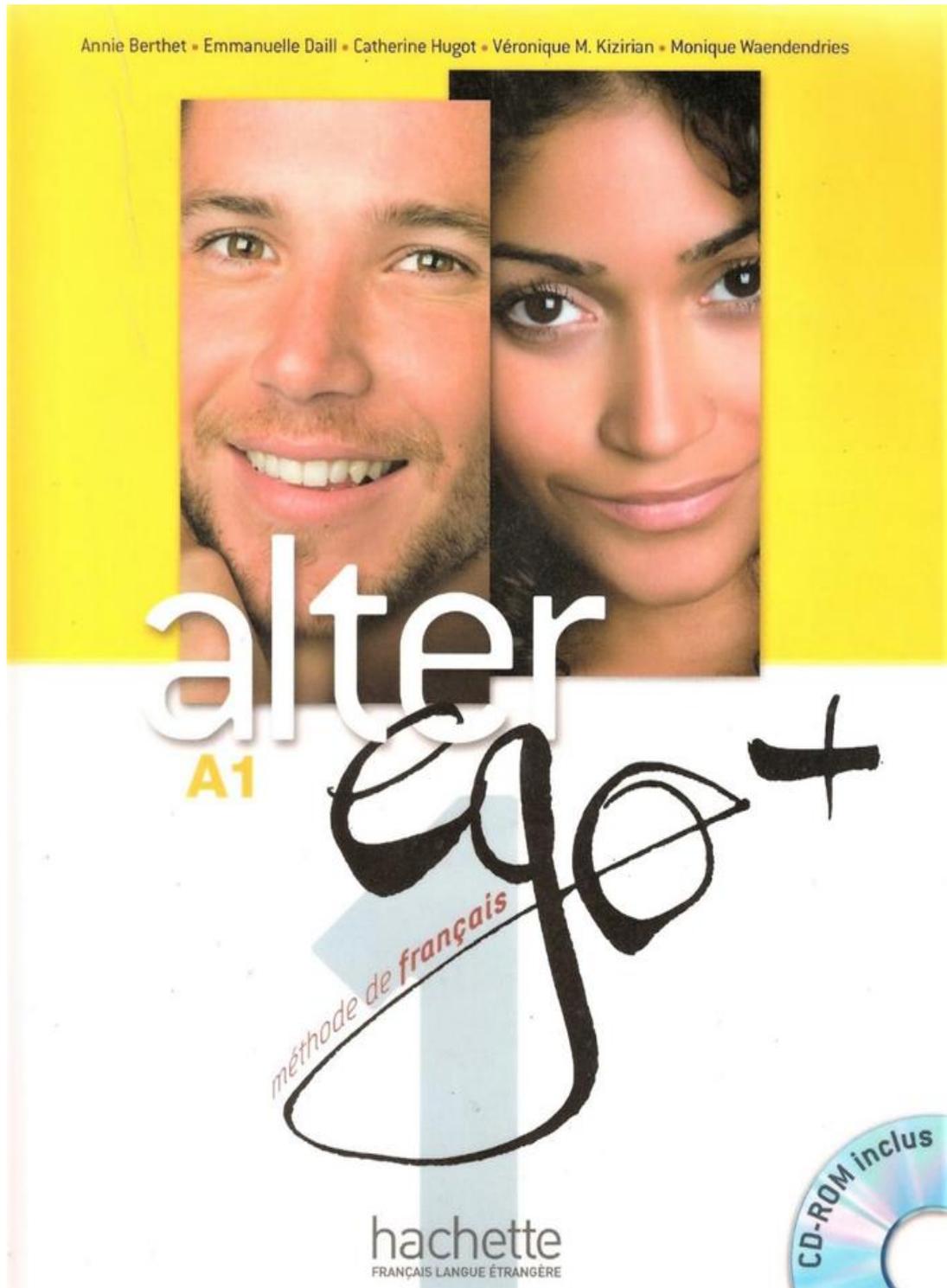
SOARES, Ricardo Araújo Ferreira, NOBRE, Mônica Maria Rio. *Revisitando a liaison do francês pela via da análise da frequência de uso*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2005.

TEXEIRA, Cássia dos Santos & RIBEIRO, Maria D'Ajuda Alomba. *Ensino de língua estrangeira: concepção de língua, cultura e identidade no contexto ensino/aprendizagem*. In: Revista Trama. Vol. 9, N° 18, Ilhéus: 2013.

THOMAS, Alain. *La liaison et son enseignement: des modèles orthoépiques à la réalité linguistique*. In: La Revue canadienne de langues vivantes. 54 n° 4, Toronto: 2016.

TRANDEL, Bernard. *The sounds of French: an introduction*. New York: Cambridge University Press, 1998.

ANEXO I



Capa do livro *Alter Ego+ A1- Méthode de Français* (Hachette –Langue Étrangère)

ANEXO II

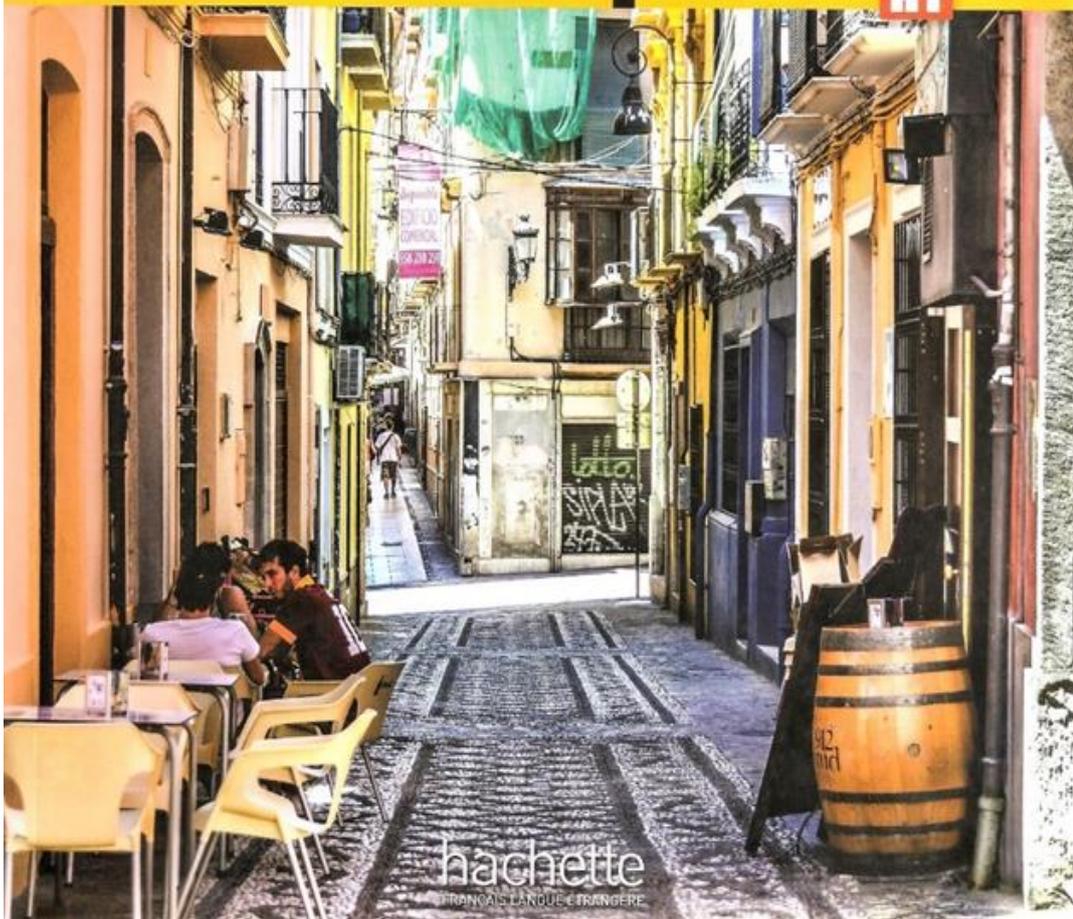


Nathalie Hirschsprung - Tony Tricot

Cosmopolite

Méthode de français

A1



hachette
FRANÇAIS LANGUE ÉTRANGÈRE

ANEXO III

POINT Langue → p. 207

Les adjectifs possessifs

a) Complétez le tableau avec les adjectifs possessifs.

	Singulier		Pluriel
	Masculin	Féminin	Masc./Fém.
(je)	mon père	... tante	... grands-parents
(tu)	... oncle	... mère	tes enfants
(il/elle)	... frère	sa sœur	ses parents
(nous)	notre fils	notre fille	nos enfants
(vous)	votre frère	... sœur	... parents
(ils/elles)	leur fils	leur fille	... enfants

Attention ! Mon amie, ton amie, son amie.
Mon / ton / son + nom féminin qui commence par une voyelle.

b) Complétez.

Un possesseur	
Franck Kassovitz et ... fils Florian	→ ... + nom masculin
Franck et ... femme Sonia	→ ... + nom féminin
Sonia et ... nièces Marion et Camille	→ ... + nom pluriel
Deux ou plusieurs possesseurs	
Franck, Sonia et ... fils Florian	→ ... + nom singulier
Laure, Philippe et ... filles, Marion et Camille	→ ... + nom pluriel

→ S'exercer n° 14 et 15 | p.77

ANEXO IV (exemple 1)

8  49-50
Écoutez le tirage au sort et dites qui gagne le concours.

9 **Phonétique**  51 à 53

a) **Lisez et écoutez.**
Ils sont. Ils ont.

b) [s] ou [z]? **Écoutez et répondez.**

c) **Écoutez et indiquez les liaisons comme dans l'exemple.**
Exemple : Ils ont deux passions.

1. Vous êtes canadien.
2. Nous allons tirer au sort.
3. Ils ont un rêve.
4. Nous avons quatre finalistes.
5. Ils arrivent sur les Champs-Élysées.
6. Ils habitent aux États-Unis.

d) **Réécoutez et répétez les phrases.**

POINT Langue

Les verbes être et avoir pour donner des informations personnelles

Complétez avec être ou avoir au présent de l'indicatif.

• Je ... architecte.	J'... une passion.
• Je ... marocain.	Il ... dix-neuf ans.
• Il ... jeune.	Ils ... un rêve.
• Il ... étudiant.	
• Ils ... au Canada.	

→ S'exercer n° 17 et 18 | p.41

10 

Échangez en petits groupes.
Dites dans quels pays vous rêvez de vivre pendant quelques mois et justifiez. Faites une liste commune pour le groupe, puis comparez avec les listes des autres groupes.

LEÇON 1 Apprendre autrement

Raconter des événements passés

document 1



ZOOM sur Sachiko, professeure de français à l'université de Tsukuba, au Japon

Sachiko est professeure de français à l'université de Tsukuba, au Japon. Elle a un projet pédagogique : le journal d'apprentissage.

Pour bien apprendre le français, ses étudiants doivent se poser des questions (*Qu'est-ce que j'ai fait pour améliorer mon français ? Qu'est-ce que j'ai appris en cours ?*). Puis ils répondent à ces questions à l'écrit, chaque semaine et en français.

document 2

Akahiko

La semaine dernière :

- j'ai étudié le français lundi, mardi et jeudi ;
- en classe, nous avons appris à raconter des événements passés ;
- j'ai utilisé le français pour faire des recherches sur Internet ;
- des étudiants de l'université Sophia sont venus nous avons parlé français avec eux ;
- je n'ai pas fait beaucoup d'erreurs ;
- j'ai bien compris le cours, je n'ai pas eu de difficultés.

Chizu

La semaine dernière, pour progresser en français :

- j'ai écrit en français dans mon journal de classe ;
- j'ai écouté la radio en français ;
- mes amis japonais sont sortis, je ne suis pas allée avec eux, je suis sortie avec des étudiantes françaises, nous sommes allées au *Café Berger* ;
- je suis allée à la bibliothèque, j'ai lu un article en français dans un journal ;
- je ne suis pas rentrée chez moi après les cours, je suis restée deux soirs à l'université, au ciné-club, pour regarder des films en français.

1. Lisez le titre de l'article (doc. 1). Identifiez l'institution et le lieu où elle se trouve.
2. Lisez l'article (doc. 1). Répondez.
 - a. Qui est Sachiko ?
 - b. Pourquoi parle-t-on de Sachiko ?
 - c. Quel est l'objectif de son projet ?
3. En petits groupes. Vous connaissez le principe du journal d'apprentissage ? Vous aimez l'idée ? Pourquoi ?
4. Par deux. Lisez les journaux d'apprentissage d'Akahiko et de Chizu (doc. 2).
 - a. Repérez la semaine présentée dans les deux journaux.
 - b. Relevez l'action qui correspond à chaque photo.



Exemple : Akahiko. J'ai étudié le français lundi, mardi et jeudi.



ANEXO VI (EXEMPLO 3)

FOCUS LANGUE

p. 215

Le passé composé (1) pour raconter des événements passés

- a. Observez ces extraits des journaux d'apprentissage (doc. 2). Aidez Chizu à compléter la règle.

Nous avons parlé français avec eux.	Je suis allée à la bibliothèque.
J'ai écouté la radio en français.	Nous sommes allées au <i>Café Berger</i> .
Nous avons appris à raconter.	Mes amis sont sortis .
J'ai bien compris le cours.	Je suis sortie avec des étudiantes françaises.
J'ai écrit en français.	

IMPORTANT!

Je forme le passé composé avec ... ou ... au présent + le participe passé du verbe.

Avec **avoir** : le participe passé ne change pas.

Exemples : ...

Avec **être** : le participe passé s'accorde avec le sujet.

Exemples :

Je suis allée... (féminin) à la bibliothèque.

Mes amis sont sorti... (pluriel).

document 3 98

6. Écoutez l'interview (doc. 3).
- Qui est la personne interviewée ?
 - Relevez deux expressions du journaliste pour caractériser cette personne.

7. Par deux. Réécoutez (doc. 3).

- a. Sélectionnez les activités des étudiants.

PHONÉTIQUE [ā] [ɔ]

a des exercices de phonétique

b des interviews

c de la traduction

d des enquêtes

e des mots croisés

f de la cuisine

g un quiz

- b. Relevez le moment précis pour chaque activité sélectionnée.

Exemple : d. Cette semaine, ils ont réalisé une enquête sur les habitudes des Français.

FOCUS LANGUE

DOSSIER 5. Nous nous informons en français

LEÇON 1 : Apprendre autrement

► Piste 98. Document 3 – Activités 6 et 7

Journaliste : Sachiko, bonjour ! Vous êtes enseignante à l'université. Et une enseignante pas comme les autres ! Pourquoi ? Qu'est-ce que vos étudiants font en classe ?

Sachiko : Beaucoup de choses ! Cette semaine, ils ont réalisé une enquête sur les habitudes des Français. La semaine dernière, ils ont organisé un repas. Ils ont préparé les invitations pour la direction et les enseignants et ils ont cuisiné des plats français.

Journaliste : Alors vous n'êtes pas une enseignante traditionnelle ?

Sachiko : Oui, on peut dire ça. L'année dernière, par exemple, nous sommes allés à l'Ambassade de France et les étudiants ont interviewé l'attaché culturel. Mais nous travaillons aussi la langue ! Par exemple, hier, ils ont créé des mots croisés pour réviser le vocabulaire. Et ce matin, on a fait un quiz.